Verdadeira Coragem

Mulheres que enfrentam o mundo por amor a Deus



Histórias de extraordinário valor

Deborah Meroff

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

VERDADEIRA CORAGEM

Mulheres que enfrentam o

mundo por amor a Deus

por Deborah Meroff

2004 Originalmente publicado em inglês com o título:

True Grit - Women Taking on the World for God´s Sake

por Authentic Media, uma divisão de Send the Light Ltd,

9 Holdom Avenue, Bletchley, Milton Keynes, Bucks, MK1 1QR, UK 285

Lynnwood Avenue, Tyrone, GA 30290, USA

www.authenticmedia.co.uk

Todos os direitos reservados

Sumário

Introdução

1. Rompendo o silêncio
   Estatísticas Demográficas Pessoas com deficiência auditiva
   Estatísticas Demográficas Nascimentos

2. Além do arco-íris
   Estatísticas Demográficas Nepal
   Estatísticas Demográficas Trabalho infantil

3. À vontade no mar
   Estatísticas Demográficas Violência doméstica
   Estatísticas Demográficas Educação

4. Casinha na fronteira
   Estatísticas Demográficas Infanticídio feminino
   Estatísticas Demográficas Circuncisão feminina

5. Círculo completo
   Estatísticas Demográficas Meninas soldados
   Estatísticas Demográficas Saúde – Expectativa de vida
   Estatísticas Demográficas Saúde – Aids

6. Tornando-se pobre por amor a eles
   Estatísticas Demográficas Assassinatos por honra – saindo impune de homicídio
   Estatísticas Demográficas Assassinatos por honra – Leis
   Estatísticas Demográficas Desigualdades

7. Para dentro da Índia
   Estatísticas Demográficas Casamento – Meninas casadas
   Estatísticas Demográficas – Esposas em risco
   Estatísticas Demográficas Nas ruas

8. Uma criancinha os guiará

Estatísticas Demográficas Pobreza
Estatísticas Demográficas Refugiados

9. Lar é onde o coração está
   Estatísticas Demográficas Escravas religiosas
   Estatísticas Demográficas Tráfico
   Estatísticas Demográficas Viúvas

Provérbios

Introdução

Este livro pode incomodar você. Durante vários meses, enquanto coletava os fatos relatados em Verdadeira Coragem, fiquei chocada, triste e indignada. Já existem várias publicações excelentes sobre erros específicos cometidos contra as mulheres nos dias de hoje. Meu propósito é dar ao leitor uma perspectiva rápida sobre todas elas, um guia simplificado que poderá servir para uma rápida referência. Minha esperança é que este tipo de apresentação também motive outros leitores à ação.

Para o cristão, a primeira e mais poderosa reação é a intercessão. O quadro de "Estatísticas Demográficas" deve servir como um ponto de partida. A idéia não é de que sejam exaustivos, na maioria dos casos eles apresentam a situação em apenas um grupo de países. Nos Anexos estão sugeridos livros e web sites para explorações futuras.

Espero que muitos leitores também escolham as outras opções de ação. Tenho visto algumas organizações que estão trabalhando para combaterem alguns dos horrores que mulheres e meninas têm enfrentado. Cada voz, cada carta de protesto, cada expressão de apoio ajudará a vencermos estes combates.

As mulheres descritas neste livro 'nas equipes de busca e resgate' de Deus não são super-estrelas. Elas foram escolhidas porque têm os mesmos medos e falhas comuns que todos nós experimentamos.1 E embora nenhuma destas mulheres sentisse que poderia conquistar o mundo, cada uma delas tem se disposto, pela graça de Deus, a enfrentar uma pequena parte dele.

Anime-se, como eu fiz, a ver o que pode acontecer quando, como disse Madre Teresa, elas simplesmente permitem se tornar como 'um lápis nas mãos de um Deus que escreve e envia cartas de amor ao mundo'.2

Apenas uma palavra de advertência: orações apaixonadas não apenas mudam o mundo, mas também funcionam como um meio de transformar as pessoas que as pronunciam. Conforme Deus canaliza sua preocupação com o mundo através de você, pode ser que você comece a mover-se para direções inesperadas. Isso não deveria surgir como uma surpresa. O alvo de Deus é recrutar a cada um de nós para sua 'equipe de busca e resgate'. Debbie Meroff

Notas:

1. O nome das mulheres nos capítulos um, dois, cinco, seis e sete foram alterados por razões de identificação.
2. Fonte original desconhecida.

Capítulo 1

Rompendo o Silêncio

‘Cegueira separa pessoas de coisas; surdez separa pessoas de pessoas.’ Helen Keller

Kathryn Bridges encontrava-se de pé, em silêncio, em frente ao Muro das Lamentações: as últimas ruínas do templo antigo de Jerusalém, sagrado para todos os judeus. Como de costume, tanto as sessões de mulheres quanto a de homens estavam lotadas. Alguns visitantes estavam sentados em cadeiras, orando; outros estavam de pé tocando o Muro. Alguns choravam enquanto colocava nas frestas do Muro branqueado pelo sol um clamor escrito, vindo do coração, juntando-se aos outros mi-lhares de clamores que já estavam ali.

De repente, Kathryn percebeu que havia um homem e uma menina em pé, não muito longe de onde ela estava. Suas roupas singulares davam a impressão de serem judeus ultra-ortodoxos, e enquanto ela os observava viu que eles ‘falavam’ silenciosamente através de sinais. Quando eles olharam para a sua direação, ela sorriu e fez um sinal universal para comunicar que ela também era surda. Imediatamente eles começaram a conversar.

Durante a hora seguinte a distância entre os estranhos foi encurtada conforme Kathryn ‘ouvia’ os dois compartilharem sua frustração. Semana após semana eles iam fielmente à sinagoga sem serem capazes de entender o que estava sendo dito. O consolo das mensagens não chegava até eles, pois segundo a lei rabínica tradução em linguagem de sinais não poderia ser permitida no Sabbath. Sinal era considerado trabalho.

A difícil situação deste pai e de sua filha entristeceu o coração de Kathryn. Ela entendia muito bem a dor de ser cortada das conversas normais das pessoas. Mas ser excluída também do privilégio de entrar em adoração com outros em nome da religião soava como uma crueldade desnecessária. Para Kathryn, servir e adorar o Senhor seu Deus era mais importante do que a própria vida.

Passou a ser assim desde quando tinha dezenove anos de idade. Naquela época de sua vida a morte parecia ser uma alternativa considerável comparada a um futuro que lhe reservava miséria sem fim, tanto para ela quanto para sua família.

Seu pai era um fazendeiro orgulhoso que nunca tinha realmente aceitado ter uma filha completamente surda. Mas quando ela tinha dois anos e meio, algo marcante aconteceu. Cristãos, que conheciam a família, oraram pela garota e 35% de sua audição foi subitamente restaurada. Jamais foi encontrada uma explicação fisiológica para isso. Mas a pequena Kathryn passou a ter audição suficiente para aprender a falar com o auxílio de outros.

Pelos doze anos seguintes ela foi capaz de comunicar-se com um mundo que antes permanecia em silêncio. Os sons ga-nharam vida, as vozes daqueles que ela amava. Um cão latindo. Música.

E então, sem nenhuma razão aparente, a janela da audição subitamente se fechou novamente. Isolada pelo silêncio aos quatorze anos de idade e não sendo mais capaz de adaptar-se a uma escola pública normal, Kathryn foi enviada pra longe, a fim de freqüentar um internato para surdos, onde iria terminar seus estudos. A experiência a deixou traumatizada. A escola era dirigida por freiras que submetiam os alunos a disciplinas severas. Kathryn finalmente voltou pra casa com um espírito ferido e amargo.

Nesta época uma grande crise social surgiu em seu país. Por toda parte distúrbios raciais ameaçavam destruir comunidades inteiras. Enquanto Kathryn, sua mãe e seu irmão compartilha-vam da mesma opinião sobre o governo, seu pai tomou um partido oposto. Discórdias dentro de casa foram crescendo até que numa noite elas atingiram seu ponto máximo. O pai de Kathryn puxou uma arma e começou a atirar. Ela e os demais fugiram para sobreviver.

Durante as semanas seguintes os três ficaram morando em alojamentos temporários. A depressão da adolescência aprofundou-se quando ela passou a culpar-se pelo ódio do pai. Talvez, ela pensou, seria melhor para todos se ela desse um fim em tudo isso. Aos poucos, um plano foi traçado. Mas quando o dia chegou em que ela decidiu que iria ter uma overdose, um encontro inesperado aconteceu. Um conhecido a persuadiu encontrar-se com ele em um café. Era um café cristão e os estranhos com quem ela se encontrou – calorosos, felizes e que não eram surdos – deram as boas-vindas a ela como amigos. Quando Kathryn deitou-se na cama naquela noite, pensando no que aconteceu, de repente ouviu uma voz interna falando para ela urgentemente levantar e orar.

Kathryn ficou perplexa. Ela nem sabia como orar. Tudo o que ela podia se lembrar era daquelas orações decoradas no tempo em que esteve no internato.

Mas a voz insistia. Ela deslizou para fora da cama e se pôs de joelhos.

“Senhor, por favor, me ajude!”, sussurrou ela. “Eu creio que o Senhor está aí.” Enquanto ela esperava, uma onda de paz inexplicável começou a correr através dela, encobrindo todas as feridas e falta de esperança do passado. Com uma maravilhosa certeza ela sabia que Deus tinha ouvido sua oração. E ele a estava alcançando com cura.

O fato de que Jesus a amava tanto ao ponto de intervir de uma forma muito pessoal deixou-a maravilhada. Ela entregou sua vida aos cuidados dele e ao fazer isso ganhou a auto- estima que nunca teve. Ela começou a fazer planos para uma carreira em engenharia civil. Durante o período da universidade ela passou a ter contato com muitas outras comunidades de surdos cristãos. Linguagem de sinais sempre foi terminan-temente proibido na sua infância. Aqueles que usavam sinais ‘chamavam a atenção’ e tinham menores chances de serem aceitos no mundo normal ou, pelo menos, era isso o que os pais dela diziam. Como resultado, Kathryn só sabia fazer leitura labial. Mas agora, uma vez que ela havia aprendido a usar suas mãos para se comunicar, novas oportunidades emocionantes surgiram.

Depois da formatura a vida de Kathryn caiu em uma rotina feliz de trabalho, comunhão com pessoas da igreja e amigos. Alguns dos cristãos que ela conheceu estavam ativamente envolvidos com evangelismo e missões, mas isso nunca pareceu ser uma opção para ela. Ser surda era uma desculpa perfeita. No entanto, um dia ela estava lendo alguns versos no capítulo quatro de Êxodo. As palavras que Deus falou a Moisés transpassaram seu coração: ‘Quem deu a boca ao homem? Quem o faz surdo ou mudo? Não sou eu, o Senhor? Agora vá, eu o ajudarei a falar e ensinarei o que deve dizer.’ (versos 11-12)

Por mais que parecesse impossível ela sabia que a ordem de ‘ir’ era para ela. O Senhor estava direcionando-a para mergulhar fundo. Então Kathryn se inscreveu para participar de uma campanha missionária de um mês com a Operação Mobilização. Ela se surpreendeu consigo mesma ao voltar triunfante. Mas isso era apenas o começo.

Kathryn gastou o ano seguinte treinando-se melhor para missões. Gradativamente, sementes que haviam sido plantadas há muitos anos começaram a crescer em seu coração. Ela lembrou-se de um fonoaudiólogo judeu que havia persuadido sua mãe a enviá-la para uma escola judaica quando ela era pequena.

Aqueles foram dias felizes, e ela até manteve o contato com alguns de seus amigos, muitos dos quais haviam imigrado para Israel. Kathryn começou a pensar mais e mais em servir a Deus naquele país. Mas ainda assim a idéia a deixava assustada. Como ela poderia sequer lidar com o fato de viver em um lugar estranho, onde as pessoas falavam outra língua e onde ela não poderia sequer fazer leitura labial? Ela decidiu lançar-se na misericórdia de Deus e enviou seu formulário de inscrição.

Mais ou menos na mesma época uma família israelense chegou no escritório da OM para dar alguns meses de treinamento aos novos recrutas. Este fato não poderia ser uma mera coincidência. Esta família respondeu as perguntas de Kathryn em relação a Israel, lhe encorajou e orou com ela. Quando a lide-rança confirmou que iria aceitá-la ela soube que esta era a luz verde de Deus. Nos meses seguintes o apoio prático que chegou até ela vindo de várias fontes inesperadas foi uma confirmação extra.

Embora Kathryn houvesse se preparado para o choque que teria ao mudar de cultura, ela não estava preparada para o temor, frustração e a terrível solidão que tomou conta dela durante os primeiros dias e semanas em Israel. A promessa de que Deus nunca iria abandoná-la ou esquecer-se dela tornou-se real naqueles dias. A voz de Deus era como uma fonte de vida durante aquele primeiro ano de estudo da língua hebraica e da linguagem de sinais hebraica.

Kathryn estava começando a descobrir que o vocabulário na linguagem de sinais em Israel ainda não era muito desenvolvido. Um comitê estava trabalhando para expandir a quantidade de termos, especialmente pelo fato de novas palavras estarem sendo constantemente inseridas no vocabulário hebraico antigo, tais como computador e estéreo. Mas não existia linguagem de sinais para termos cristãos, tais como redentor e salvação. Até mesmos o sinal comum para Jesus (tocando a palma das mãos para denotar os cravos) era ofensivo para os Judeus.

O que ela deveria fazer? Ela não poderia criar novos sinais por conta própria, mas de que outra forma ela poderia compartilhar da sua fé? Como uma ponte entre o mundo do surdo e o que ouve, ela tinha uma oportunidade singular.

Os cinco anos seguintes foram de grande aprendizado. Pesquisas mostravam que havia aproximadamente 28.000 surdos vivendo no país. Dentro deste número ela encontrou apenas uns poucos cristãos. Para sua alegria, vários novos amigos que ela fez dentro da comunidade de surdos também chegaram ao conhecimento de

Jesus através do seu testemunho.

Mas infelizmente a equipe pioneira neste ministério que ela havia formado era inadequada. Algumas mulheres que ouviam vieram de outros países para unirem-se a ela, estas aprenderam a linguagem de sinais em hebraico e ofereceram uma contribuição inestimável. Um amigo surdo de Tel-aviv também ajudava de vez em quando. Ainda assim ficava cada vez mais claro que para seguir adiante era essencial contar com mais surdos cristãos, com algum conhecimento do hebraico.

Uma das primeiras iniciativas de Kathryn foi reunir os surdos crentes que estavam espalhados dentro do país para uma reunião de estudo bíblico bimestral. A esperança dela era que um dia este grupo pudesse crescer a ponto de formar a primeira congregação de surdos Messiânicos, uma casa espiritual com seu próprio pastor. Um grupo informal para surdos e ouvintes também começou a se encontrar todas as semanas no apartamento de uma mulher. Cursos práticos esporádicos na área de costura e culinária também foram iniciados. Posteriormente um flanelógrafo com gravuras foi doado para a equipe, bem como equipamentos para gravarem estudos bíblicos em vídeo. O grupo sonhou em alugar um espaço para um pequeno centro de atividades, onde amigos poderiam livremente aparecer a qualquer hora.

Infelizmente, muitos recursos disponíveis em outros países para pessoas surdas ainda não haviam chegado a Israel na década de 90. Eles não conheciam a respeito de cachorros treinados para ajudar os surdos nem dos telefones de texto e outros serviços telefônicos. Interfones visuais para campainhas das portas eram muito caros para serem importados de outros países. Jovens surdos estavam apenas começando a ter acesso a computadores e usarem comunicação por e-mail. Aqueles que tinham dinheiro para comprar usavam máquinas de fax e o único programa com linguagem de sinais na televisão era o jornal das onze horas. Embora filmes com legenda estivessem ocasionalmente disponíveis, muitos idosos da comunidade surda não sabiam ler.

Recentemente, os moradores de Israel portadores de deficiência física começaram a comunicar mais intensamente seu descontentamento com o governo em lidar com este tipo de problema. Alguns o fizeram em frente ao prédio do Parlamento exigindo benfeitorias que irão ajudar a ter uma melhor inte-gração entre os surdos e a comunidade que ouve. Embora bem poucos grupos de surdos tenham começado nem todos podem pagar a taxa de

membresia necessária para fazer com que estes clubes continuem funcionando.

Kathryn sabe por experiência própria que até mesmo no mundo ocidental muitos ainda vêem os surdos como pessoas com deficiência mental. Algumas vezes crianças surdas recebem oportunidades de educação muito limitadas, mas ainda assim pessoas portadoras de deficiência podem conseguir empregos e até viajar para fora do país. Em boa parte do Oriente Médio tais coisas são apenas sonhos, pessoas surdas geralmente não conse-guem emprego e são privadas de todas as formas da possibilidade de melhorarem sua situação.

Como Kathryn poderia começar a encarar este desafio? Ela ansiava por alcançar aqueles que não tinham esperança. Encontrar-se com aquele pai ortodoxo e sua filha no Muro das Lamentações em Jerusalém fortaleceu aquela visão. Como ela poderia encontrar maneiras de alcançar mais membros da comunidade surda ortodoxa?

Dar aulas de informática para membros de um clube de surdos em uma universidade deu a ela uma maneira de aprofundar relacionamentos. Ela freqüentemente se encontrava com alunos no café da universidade e conversava com eles antes das aulas.

Certa semana as aulas foram canceladas para permitir com que os alunos saíssem para passear com o clube dos surdos. Um homem bomba suicida foi até o café da universidade por volta da mesma hora que eles costumavam se reunir, matando e fe-rindo muitos homens e mulheres. Kathryn e seus alunos de informática ficaram chocados, mas com a graça de Deus, pois eles podiam estar entre as vítimas.

Ataques terroristas, tiroteios e bombas continuam gerando estresse diário à vida em Israel. Para os surdos isso é ainda pior.

O simples fato de atravessar uma rua pode ser arriscado para alguém que não pode ouvir o barulho da sirene do carro de polícia ou de bombeiro. Ainda assim, Kathryn se recusa a deixar com que as incertezas tornem-se um empecilho aos propósitos de Deus, ainda que seja tomar um ônibus perto da fronteira de Belém, onde outros dois ônibus que trafegavam pela mesma estrada foram explodidos. Atualmente ela dá aulas de informática quatro vezes por semana em um clube de surdos, além de dar aula de inglês uma vez por semana. Visita a hospitais, amigos e outros contatos também formam parte vital de seu ministério. O estudo

bíblico mensal na língua de sinais hebraica tem provado ser uma grande fonte de comunhão e por causa disso Kathryn também quer começar um grupo para crentes árabes surdos.

Mas também existem as tarefas administrativas diárias que exigem sua atenção. Enviar pedidos de oração e informações, por mais que seja importante, consome tempo. Imprimir e praticar músicas para os estudos bíblicos mensais entre os surdos, além de buscar mais recursos visuais para ajudar os que não conse-guem ler também faz parte de suas atividades diárias.

As entradas financeiras para adquirir material de recurso visual são insuficientes. Há necessidade de dinheiro para comprar um veículo para levar as pessoas a estas reuniões, no entanto, ter mais pessoas é a principal preocupação. Voluntários e visitantes fazem o que podem, mas pessoas que se comprometam a fazer parte da equipe por um longo período são essenciais para que todas as oportunidades sejam aproveitadas.

A prioridade continua sendo recrutar e treinar crentes israe-lenses que ouvem para trabalhar como intérpretes. Durante seu primeiro ano no país Kathryn não encontrou uma igreja sequer que oferecesse interpretação na linguagem de sinais em hebraico. Como as igrejas esperam atrair ou ministrar à comunidade de surdos? Crentes surdos são como árvores cortadas, ela explica com paixão, eles não podem crescer sem receber ajuda. Dessa forma, além dos outros compromissos, ela dá aula de linguagem de sinais em hebraico para crentes que ouvem e que desejam se tornar intérpretes.

O deserto de necessidades se estende para muito além das fronteiras de Israel. Por todo o Oriente Médio incestos têm feito surgir uma alta taxa de pessoas portadoras de deficiência. Aproximadamente dez milhões de pessoas são surdas. Mesmo com este número, muito pouco tem sido feito para melhorar a qualidade de vida destas pessoas. O que pode ser feito para alcançá-las?

No entanto, Kathryn tem que primeiro escalar a muralha que está à sua frente. Na realidade, um sentimento de inadequação às vezes ameaça sufocá-la. Como ela poderia, por exemplo, imaginar ministrar para homens e mulheres que sofreram os horrores do holocausto? Um homem surdo confidenciou como só sobreviveu aos campos de concentração quando era um menino pelo fato de fingir que podia ouvir. Uma mulher de oitenta e quatro anos de idade, Anya, que imigrou da Rússia para Israel, descreveu o dia em que uma Bíblia salvou sua

vida. ‘Quando soldados nazistas assassinaram meus amigos, eu fiquei sozinha. Estando entre os corpos eu estava tão chocada e com tanto medo que não consegui me mover. Então eu vi uma Bíblia no chão e me estiquei para pegá-la. Quando eles me encontraram segurando uma Bíblia, pensaram que eu era cristã. Então me deixaram ir’.

Anya perdeu a Bíblia, mas alguém substituiu aquela por outra versão com gravuras. Embora ela não lesse bem, regularmente ela olhava para as ilustrações.

Um dia Kathryn convidou Anya para assistir um vídeo sobre Jesus em linguagem de sinais. Enquanto a história ia sendo apresentada aquela senhora era profundamente tocada. Ela queria saber como pessoas surdas podiam falar com Deus. Kathryn alegremente explicou que Deus não tinha problema para compreender a linguagem dos sinais; Ele sabia até mesmo os pensamentos que se passavam dentro dos nossos corações. Ao final do vídeo Anya fez a oração de salvação junto com um intérprete Russo. Aquela senhora de oitenta e quatro anos entrou para a alegria da nova vida em Cristo.

Kathryn Bridges não sofreu os mesmos traumas que outros judeus com quem ela trabalhava sofreram. Mas ainda assim ela também é uma sobrevivente. Graças à graça de Deus as feridas e desentendimentos do seu passado deram a ela uma empatia por outros bem mais velhos do que ela.

Agora Kathryn vê Israel como seu lar e espera continuar vivendo e ministrando dentro do país permanentemente. Como qualquer outra jovem ela também sonha em ter um marido e uma família. Mas qualquer que seja a direção que seu futuro tomar, o Senhor é sua força e sua canção. E embora o resto do mundo esteja em silêncio ela está contente, enquanto a voz do Senhor continua a dirigí-la.

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Pessoas com deficiência auditiva:

Aproximadamente 250 milhões de pessoas têm uma séria deficiência auditiva. Mais de dois terços vivem nos países do Terceiro Mundo. Setenta milhões são completamente surdas ou têm apenas um minuto de capacidade auditiva. Mais de 80% destas pessoas não têm acesso à educação.

• Os surdos formam o quarto maior grupo não-alcançado pelo Evangelho no

mundo.
• 90% dos surdos têm pais que ouvem. Apenas 1 em cada 10 destes pais conseguem comunicar com seus filhos usando linguagem de sinais.

CÁLCULO APROXIMADO DA POPULAÇÃO MUNDIAL COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA POR REGIÃO

Região	Estimativa (milhões)
África	22
Norte da África	31
América do Sul	18
América Central	2
Sudeste Asiático	112
Caribe	2
Europa	30
Oriente Distante	90
Oriente Médio	10
Ásia Austral	1
Total	318

OS TRÊS PAÍSES COM MAIOR QUANTIDADE DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA:

Índia	90 milhões
China	73 milhões
Estados Unidos	23 milhões

Nos Estados Unidos a comunidade surda está listada por várias agências missionárias como o maior grupo de pessoas não-alcançadas no país. A língua nativa das pessoas surdas naquele país – Linguagem de Sinais Americana (ASL) – é a terceira língua mais falada nos Estados Unidos. Menos do que 8 em cada 100 pessoas surdas já foram alguma vez à igreja. Menos do que 4 em cada 100 afirmam ter um relacionamento pessoal com Cristo.1

A cada ano aproximadamente 10.000 mulheres e crianças ficam surdas permanentemente por serem golpeadas repetidas vezes perto ou no ouvido.2
Em uma pesquisa feita pelo Disabled Women's Network do Canadá com 245 mulheres portadoras de deficiência auditiva, 40% haviam sofrido abuso e 12% haviam sido estupradas. Os que cometiam os abusos eram principalmente cônjuges ou ex-cônju-ges (37%) e estranhos (28%), seguido por pais (15%),

provedores de serviços (10%) e namorados (7%). Menos da metade destes incidentes foram relatados devido ao medo ou dependência.
Abuso de mulheres com deficiência é um tema que tem se tornado uma epidemia de proporções mundiais.

PROBLEMAS ESPECÍFICOS DE MULHERES SURDAS QUE SOFREM ABUSO

Ter que lidar com policiais, côrtes, abrigos e outros serviços de apoio torna-se mais difícil pelo fato de haver poucas pessoas que compreendem a linguagem de sinais.
Mulheres surdas têm maior dificuldade de conseguir emprego e recebem salários abaixo da média de outras pessoas.
Depender economicamente de outras pessoas faz com que não tenham saída e acabem submetendo-se à situações abusivas por muito tempo.
Culpa, vergonha e baixo auto-estima geralmente influenciam as mulheres surdas a sofrerem sem protestarem.

Notas:
1. Veja o website Silent Blessings: {http://www.silentblessings.org/}
2. Deaf Women Against Violence, 24802 Mission Blvd., Hayward, CA, 94544 USA.

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Nascimentos:

Apenas 65% das mulheres em países em desenvolvimento recebem cuidado pré-natal durante a gravidez.

É estimado que mais de 90% das pessoas que vivem hoje nasceram em casa. A cada ano 60 milhões de bebês nascem sem a presença de uma parteira treinada.

A Bolívia tem a maior taxa de mortalidade materna na gravidez em toda a América Latina. Apenas ¼ das mulheres no país recebe ajuda médica durante o parto. Na Índia 30.000 mulheres morrem por ano durante e após o parto; 140 mulheres morrem devido a complicações no parto na Grã Bretanha.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde somente 5% das mulheres que vivem em países muito pobres e em regiões carentes recebem cuidados depois da

criança nascer. Em contraste, 90% das mães em países desenvolvidos recebem cuidado pós-parto.

Dezesseis mil mulheres morrem diariamente, algumas delas na adolescência, por motivos relacionados com o parto. Destas, 99% estão em países em desenvolvimento. Enquanto a taxa de mortalidade materna no Canadá é de 1 em cada 7.300, na África ela é de 1 em cada 12.

CAUSAS MAIS COMUNS DE MORTES DURANTE GRAVIDEZ E PARTO

Causa	Morte (milhares)
Hemorragia	125
Tentativa de aborto auto-provocado	55
Infecção	75
Convulsão	60
Parto obstruído	40

Fonte: Organização Mundial da Saúde, Folha Informativa nº 276, Fevereiro de 2004.

Três milhões já morreram por uma ou mais destas causas, desde 1990.

Complicações:

Embora tenham sobrevivido, a cada ano outras 50 milhões de mulheres sofrem complicações que as deixam em situações humilhantes, dolorosas e em certos casos, deficientes, como resultado de feridas e infecções de longo período.

Um fator que contribui para o alto índice de parto obstruído nos países em desenvolvimento é o casamento precoce. Meninas se casam com 10 anos ou ainda mais jovens o que significa que quando dão à luz sua pélvis ainda é muito pequena. Isso pode resultar em dano permanente do nervo e deterioração do músculo nos pés e pernas. No pior dos casos a mulher pode ficar aleijada.
Em algumas partes no oeste da África Árabe parteiras inserem uma faca longa em uma vagina muitíssimo estreita. Isso pode causar estragos terríveis à bexiga ou ao reto. Algumas vezes a faca é inserida para baixo da uretra para fazer o corte, dei-xando exposta toda a área urinária inferior.
Muitas mulheres morrem imediatamente de hemorragia.

Uma estimativa de 80.000 mulheres por ano fica com fístula após um parto obstruído. Esta é a ruptura da bexiga e do reto resultando em uma incontinência

permanente. Poucas mulheres conseguem pagar por uma cirurgia reparadora. Somada à vergonha e ao embaraço, o folclore em algumas áreas diz que a fístula é resultado de uma infidelidade conjugal ou de doença sexualmente transmissível. Meninas e mulheres que sofrem de fístula são isoladas de suas comunidades e abandonadas por suas próprias famílias. Muitas são forçadas a tornarem-se mendigas.

Um ritual de purificação praticado por algumas culturas da África também pode causar a fístula.

Passados 40 dias de ter dado à luz, uma amiga ou parente joga uma solução contendo potássio na vagina da mãe. Se a solução não for bem preparada a substância alcalina pode danificar quimicamente o tecido da vagina, o que pode acarretar em uma fístula.

Capítulo 2

Além do Arco-íris

‘Viva para amar. Ame para viver.’ Amy Carmichael

Tammy Koh era uma mulher de negócios. Ela havia trabalhado duro para chegar aonde chegou e o preço pago por isso foi uma úlcera gástrica. Então, de onde vinha aquela certeza de que Deus a estava chamando para deixar Singapura e ir para o Reino longínquo do Nepal?

A vida para Tammy não teve um começo muito promissor. Seus primeiros anos haviam sido ofuscados pela desordem de comportamento obsessivo compulsivo de sua mãe, comportamento que conduziu seu pai a tornar-se fisicamente violento. Uma casa normal era quase impossível. A Sra. Koh tinha rígidos rituais que todos os demais deveriam seguir, como andar somente de um lado da sala, ou fechar a torneira de uma determinada forma. Tammy e sua irmã mais jovem ouviam explosões de raiva entre seus pais. A situação foi piorando até que ela completou nove anos, quando sua mãe foi até sua escola para avisar que estava deixando seu pai. Com o coração quebrantado e chocado, com lágrimas correndo pelo seu rosto a pequena menina assistiu sua mãe sair de casa. Será que um dia ela iria ver sua mãe novamente? E o que seria dela e de sua irmã?

O Sr. Koh levou as duas meninas para viver com sua irmã e sua mãe. Tammy sempre tentava refrear os comentários depreciativos a respeito de sua mãe, fazendo o seu melhor para defendê-la. Sua família mudou-se várias vezes o que acabou gerando nas irmãs um sentimento de serem ‘sem-teto’. Uma de suas tias tinha um bordel e Tammy ficou aterrorizada quando o dia chegou em que suas primas foram enviadas para trabalharem nos negócios. Estaria ela e sua irmã fadadas ao mesmo destino?

Um dia a Sra. Koh fez contato com suas filhas e a partir daí elas conseguiram se encontrar ocasionalmente em segredo. Ela confidenciou que estava vivendo em um pequeno quarto e guardando dinheiro para que um dia elas pudessem viver juntas novamente. Mas o pai das meninas descobriu sobre estes encontros. Bêbado e irado, ele foi para cima das meninas e as espancou. De repente Tammy se viu sendo levantada e arremessada ao chão.

“Com quem você quer morar?” – ele gritou. “Comigo ou com sua mãe? Escolha.”

A irmã da Tammy, aterrorizada, sussurrou que ela iria ficar com ele. Mas Tammy balançou sua cabeça. Ela queria ir embora e viver com sua mãe.

Com um brado de raiva seu pai prontamente arrastou sua filha ferida e ensangüentada para fora da casa. Quando os dois chegaram no cemitério ele tirou do bolso alguns dólares e jogou para Tammy.

“Se você quer sua mãe” – ele disse, “você tem que ir embora e procurá-la. Eu não quero mais nada com você. Pra mim basta.”

Tammy soluçou quando ele falou novamente e partiu. Pela segunda vez ela havia sido abandonada por um de seus pais. Depois do que pareceu ser um longo período de tempo, um estrangeiro que passava por ali teve pena dela e ajudou-a a encontrar o caminho até o endereço de sua mãe.

Nos anos seguintes Tammy viveu com sua mãe e sua avó em um apartamento bem apertado. Mais tarde sua irmã foi morar com elas, mas a ira de Tammy por seu pai continuou crescendo e de vez em quando explodia em uma rebelião. Quando adolescente ela ganhou a reputação de ser uma menina que brigava com os amigos e com a família. O relacionamento com sua avó mais velha era muito instável. Um dia, quando ela tinha quatorze anos de idade, elas tiveram uma grande discussão. Conversando com um amigo Tammy reconheceu que tinha problema com seu temperamento e este falou como o temperamento dele tinha sido mudado depois de entregar sua vida a Jesus. A família Koh era muito devota ao Budismo ou Taoísmo e Tammy não queria ser desleal às tradições dos seus ancestrais, mas ela estava desesperada, e assim orou, confessando seus pecados e convidando a Jesus para que tomasse o controle de suas emoções descontroladas.

Na superfície nada havia mudado dramaticamente, mas a ira que estava consumindo Tammy por dentro e por tanto tempo misteriosamente havia desaparecido. Ela ficou perplexa ao descobrir que até podia sentir pena de seu pai. Na visita seguinte do pai, aproximadamente um ano depois deste fato ter ocorrido, lágrimas correram de seus olhos. Ela sabia que não havia explicação lógica para a mudança que ocorreu em seu coração e deu-se conta de que isso era a prova do toque curador de Deus. A família até tentou viver junto

novamente por algum tempo, porém não funcionou.

A Sra. Koh se alegrava ao observar a mudança em sua filha rebelde, mas sua aprovação transformou-se em indignação quando Tammy explicou que havia se tornado cristã. Para aquela mulher já de idade isso era uma traição contra tudo o que era chinês. Tammy sabia que como filha mais velha era esperado que ela desse continuidade às responsabilidades religiosas, tal como venerar os ancestrais. A Sra. Koh a proibiu de ir à igreja e tentou isolá-la dos amigos cristãos.

Tammy foi forçada a ler sua Bíblia secretamente e abandonar qualquer tipo de comu-nhão com outros cristãos, mas um ano depois, quando sua irmã também aceitou a Jesus em sua vida, sua mãe perdeu o controle. Ela pegou uma faca e segurou-a contra o pescoço de Tammy. As garotas deveriam escolher o que elas desejavam mais: Jesus Cristo ou a vida.

Corajosamente, ambas as irmãs disseram que seriam leais a Jesus independente das conseqüências desta decisão.

A Sra. Koh não seguiu adiante com sua ameaça, mas a tensão dentro de casa foi ficando cada vez mais insuportável. Quando Tammy completou dezessete anos sua mãe ordenou que ela e sua irmã saíssem de casa.

Tammy já estava acostumada a trabalhar duro, ela já estava se sustentando desde que tinha quatorze anos, trabalhando em uma fábrica de papel nas férias da escola e nos finais de semana. Mesmo trabalhando, sua mente rápida, de raciocínio lógico, ajudou-a a conseguir altas notas na escola e ela estava determinada a terminar o colegial. Mas por dois anos ela mal tinha tempo para outras coisas a não ser trabalhar para suprir as necessidades dela e de sua irmã. As garotas nunca se fecharam em relação ao relacionamento delas para com a mãe. “Se nossa mãe pedir para que retornemos pra casa, iremos, por amor a Cristo”.

Esta não foi uma decisão que fizeram sem pensar. O comportamento neurótico da mãe ainda gerava muita dor para todos que estavam ao redor dela. Mas com o tempo a Sra. Koh cedeu. As filhas voltaram pra casa deixando claro que elas deveriam ter permissão para irem à igreja.

Posteriormente Tammy formou-se na universidade. Ela e a irmã começaram uma pequena loja de presentes e depois de fazer um curso de contabilidade ela

começou uma nova empresa que oferecia serviços financeiros para indivíduos. Sua fé permaneceu importante pra ela, mas um dia, em uma conferência missionária, ao ouvir sobre a história de missionários que foram martirizados por causa do evangelho, ela questionou qual era o tamanho de seu compromisso com Cristo. No final daquela conferência ela tomou uma decisão silenciosa de obedecer a Deus e ir para missões se Ele a chamasse. Então Sua voz falou ao seu coração: Se você tomou a decisão de responder a este chamado, porque não se coloca de pé para mim?

Tammy começou a tremer. E se ela estivesse apenas imaginando aquela voz? Com uma grande coragem ela se colocou de pé para tornar seu compromisso público. O tremor foi substituído por certeza.

Vários anos se passaram. Tammy estava com vinte e sete anos e gerenciando dois negócios promissores quando ela tirou alguns dias para participar de uma mini Exposição de Missões Mundiais na Malásia – um Direction Camp (Acampamento Vocacional) organizado pela Operação Mobilização.

Durante o acampamento ela foi confrontada com um desafio inesperado. Nunca havia passado pela mente dela que pessoas da área de finanças e de negócios poderiam ser usadas para fazer avançar o Reino de Deus. Mas agora ela estava ouvindo sobre vários campos que estavam urgentemente precisando de pessoas com aquelas qualificações. Será que Deus estava tentando dizer algo? Ela orou dizendo que se Deus queria que ela respondesse então que Ele deveria mostrar para onde ela deveria ir e quando, antes que deixasse o acampamento. Nos dias seguintes ela começou a sentir uma atração em seu coração pelo Nepal.

Naquela época Tammy estava participando de uma igreja que estava apenas começando. O número de pessoas que freqüentava a igreja era muito pequeno, então quando ela voltou do acampamento e anunciou que Deus estava guiando-a em direção ao Nepal ela não tinha nenhuma expectativa de que aquela dezena de pessoas fizesse mais do que orar por ela. Aquele grupo comprometeu-se a suprir integralmente as necessidades dela para ir para o campo. Mais tarde, a igreja sede voluntariou-se para assumir a responsabilidade de cobrir o sustento que Tammy necessitava.

No entanto, uma outra grande obrigação financeira perma-necia. Na cultura dela é esperado que os filhos tomem conta dos pais quando ficam mais velhos. Tammy e sua irmã sentiam que se Deus estava verdadeiramente enviando-a para

o Nepal, então elas deveriam confiar nele para suprir também esta necessidade.

Em 1996 Tammy foi para Katmandu pra começar o capítulo mais desafiador e realizador na sua carreira. A cultura e o estilo de vida dos nepaleses eram bem diferentes da sua cultura. Anos de estresse haviam dado a Tammy uma úlcera gástrica e a comida apimentada, temperada e oleosa que compunha sua nova dieta não parecia, a princípio, muito atraente. Mas aos poucos ela foi conseguindo engolir o dahl, o arroz e a sopa de lentilhas, sem ficar doente – na verdade, ela foi completamente curada da úlcera. Ela também passou a gostar de vestir os confortáveis Punjabis que são usados naquela parte do mundo.

Mas embora Katmandu estivesse cercado pelo indescritível cenário do Himalaia, Tammy rapidamente se deu conta que a vida dos nepaleses estava longe de ser perfeita. A capital do país fica em um vale que era super povoado e poluído. As pessoas que viviam ali lutavam diariamente contra o desemprego, pobreza e alcoolismo. Certamente o Nepal era um dos países mais pobres do mundo, mais da metade da população vivia com menos de um dólar por dia e somente 15% das casas tinham energia elétrica.

Em quase todas as ruas por onde Tammy andava ela via santuários dedicados aos deuses do hinduísmo. A única esperança para a grande maioria dos nepaleses era crer que na próxima reencarnação eles seriam pessoas melhores. Durante o primeiro ano em que trabalhou no escritório sua compaixão cresceu. Especialmente pelas mulheres.

Uma das mulheres com quem se encontrou, chamada Dilu, confidenciou que havia morado por algum tempo em uma vila fora de Katmandu com seu esposo e filho. Seu marido tornou-se um homem alcoólatra e abusivo que abertamente demonstrava mais cuidado por sua amante do que por sua esposa. Um dia, sob os efeitos da bebida, este homem jogou querosene sobre seu próprio filho com o desejo de queimá-lo. Ela e o garoto conseguiram escapar ao ataque, porém mais tarde seu marido abandonou a ambos. Estes, desamparados, viajaram para a cidade para encontrar emprego. Foi nesta circunstância que Tammy surgiu na vida deles, quando a esperança já havia desfalecido. A situação deles era desesperadora.

Dilu tentou descrever um sonho que ela havia tido onde ganhava dinheiro através de uma loja. Tammy decidiu que iria ajudá-la. Ela encontrou um pequeno quarto onde aquela mulher e seu filho poderiam morar e pagou para que ela fi-

zesse um curso de costureira. Dilu ainda não tinha nenhuma fonte de renda, então Tammy pediu para que ela fizesse alguns produtos que ela pudesse comprar como souvenires. Dilu produziu tantos itens que ela começou tentar a vendê-los para ou-tras pessoas. De repente, a demanda excedeu o fornecimento.

Dilu finalmente conseguiu fazer com que sua benfeitora entendesse que seu sonho não era fazer dinheiro através de sua própria loja. O que ela queria era que Tammy começasse um projeto de costura que pudesse ajudar muitas outras mulheres com problemas semelhantes ao dela.

A visão tomou conta da imaginação de Tammy. Ela ficou horrorizada ao saber que mais de um terço das meninas do Nepal se casavam com a idade de dezesseis anos. Nas vilas algumas eram entregues em casamento com a idade de onze ou doze anos. Muitos maridos abandonavam suas esposas mais tarde, e se casavam novamente em algum outro lugar. Os pais que arranjavam os casamentos deviam assumir a responsabilidade de receberem suas filhas de volta. Mas se o casamento tivesse sido por amor, então a garota era culpada. Ela era responsável por prover sua própria subsistência e a de seus filhos da maneira como pudesse.

Até mesmo nos casos de estupro dentro das vilas a vítima era normalmente considerada responsável pelo ato. Elas, e não aqueles que cometiam os atos condenáveis, eram colocadas na prisão, ainda que estivessem grávidas. As leis com relação a he-rança também eram injustas, determinando que somente homens podiam receber herança.

Tammy lembrou-se do antigo provérbio: “Dê a uma pessoa um peixe e você alimentou-a por um dia. Ensine esta pessoa a pescar e você alimentou-a por toda a vida”. A maioria das meninas nepalesas não era preparada para nenhum outro trabalho além dos afazeres domésticos. A solução prática para ajudar mulheres abandonadas era treiná-las para desempenharem um trabalho que fornecesse um rendimento contínuo, não somente para as mulheres, mas também para seus filhos.

Em 1997, com a ajuda de cristãos de Cingapura, Tammy montou algumas máquinas de costura na sua casa e convidou várias mulheres carentes a fazerem itens simples para venda. O negócio artesanal que elas começaram rapidamente produziu dinheiro suficiente para permitir a expansão com sua própria renda. Aulas de tricô também foram iniciadas. Dez máquinas de costura permitiram

com que outras trinta mulheres produzissem bolsas coloridas, mochilas, carteiras, porta objetos e outros itens feitos com material e estilo nepaleses.

A maioria das trabalhadoras era formada por esposas de alcoólatras ou mães solteiras. Algumas garotas haviam sido raptadas quando crianças para servirem como escravas sexuais em vários bordéis na Índia. A libertação de vítimas como essas normalmente só ocorre quando elas contraem o HIV ou alguma outra doença fatal. As famílias raramente as recebem de volta. O objetivo da Tammy não era simplesmente dar a estas mulheres um meio de subsistência, mas também curar as terríveis cicatrizes psicológicas. Cursos profissionalizantes deram a elas um senso de dignidade. Algumas empregadas posteriormente foram capazes de começar seus próprios negócios.

Tammy passou a buscar outros projetos de geração de renda para ajudar mais mulheres, assim surgiu a fábrica de sabonetes. Novamente, pessoas em Singapura apoiaram cobrindo os custos iniciais e a produção começou em 2000. Os sabonetes feitos 100% com produtos naturais e artesanalmente provaram ser muito bem aceitos nas lojas de turismo no Nepal. Os negócios artesanais tinham mais concorrência local exigindo com que Tammy buscasse uma base mais ampla de pontos de revenda internacional para manter o negócio rentável.

Eram tantas as mulheres que buscavam vagas nestes negócios que Tammy teve que avaliar cada pessoa cuidadosamente. Ao mesmo tempo em que ela queria ajudar o maior número possível, ela também limitava a quantidade para que cada trabalhadora pudesse ter certeza de que iria receber atenção especial. Obviamente, isso não era só um empreendimento comercial. Tammy se preocupava com o bem-estar emocional, físico e espiritual de cada mulher. Geralmente ela visitava estas mulheres em suas casas.

Em alguns casos as trabalhadoras se diziam cristãs, mas elas estavam longe de terem um caminhar íntimo com o Senhor. Outras mulheres sabiam pouco a respeito de Jesus Cristo. A história de Sangeeta era tipicamente triste. Sua família a havia forçado a casar-se com um homem quarenta e oito anos mais velho do que ela e que já havia tido cinco esposas. O homem provou ser um espancador de esposa e um alcoólatra. Um dia ele vendeu a única fonte de recursos da Sangeeta – uma máquina de tricô – para conseguir dinheiro para bebida. Quando seu marido finalmente morreu com a idade de oitenta e um anos, ela ficou com quatro garotos pequenos e dívidas que somavam um total surpreendente de dez mil dólares. Em seu desespero, Sangeeta encontrou a Jesus

Cristo. No entanto, anos de maus tratos em Katmandu a deixaram desolada. Ela via pouca esperança para seu futuro e para o futuro de seus filhos até que foi aceita na fábrica de sabonetes. Agora sua aparência é completamente diferente. Sua fé tem sido reacendida.

Lydia também foi uma vítima de algo parecido. Quando garotinha, Lydia foi forçada a beber o sangue de um animal sacrificado a ídolos. Desde aquele dia ela passou a ser atormentada por convulsões epilépticas. Pelo fato de sua família ser tão pobre ao ponto de não poder comprar remédios para controlar suas convulsões, Lydia regularmente ficava ferida ou queimada quando caia no fogo. Ela não tinha nenhuma pretensão de se casar ou conseguir um emprego. E então Tammy deu a ela um emprego e ela foi capaz de comprar os remédios que precisava. A vida da Lydia mudou drasticamente. Permitir com que Deus entrasse em seu coração fez com que a mudança fosse ainda maior. Hoje sua face é radiante – ainda com cicatrizes por fora, mas refletindo a cura por dentro.

Ajudar mães abatidas naturalmente conduziu-a a fazer algo pelos filhos destas mulheres. Um doador generoso deu para Tammy e sua equipe os recursos necessários para começar um “Programa de Educação Infantil”. O dinheiro ajudava a pagar as taxas das escolas e comprar uniformes necessários no Nepal. Algumas crianças também recebiam ajuda médica e alimentar. Em casos onde o pai é alcoólatra e a mãe sente-se incapaz de cuidar dos filhos, a equipe encontra uma casa adotiva temporária para as crianças.

Uma mulher viúva com quem Tammy se encontrou tinha quatro filhos. Dois deles com paralisia cerebral. O que a mulher ganhava mal dava para pagar o aluguel da casa, mas como uma adoradora de ídolos hindus ela fielmente comprava comida para oferecer aos seus ídolos. A equipe começou a visitar esta família, trazendo consigo itens básicos de alimentação. Mais tarde a família foi convidada para ir até a casa da equipe para uma refeição amigável. Depois eles assistiram juntos ao filme Jesus.

Da outra vez que Tammy visitou a família ela ficou perplexa ao descobrir que os ídolos haviam desaparecido da casa! “Eu decidi colocar minha confiança em Jesus” – disse a mãe. Logo toda a família estava indo para a igreja.

A combinação da perspicácia para os negócios e a sensibilidade de um coração caloroso foi a chave para o sucesso. Ainda assim, freqüentemente ela tinha um sentimento de inadequação. Sendo solteira ela nunca teve que lidar com um

parceiro violento ou filhos dependentes. Os pormenores de fazer funcionar uma fábrica também eram estressantes. De vez em quando as trabalhadoras mentiam ou discutiam ao serem confrontadas por não fazerem bem um trabalho. Decepções aconteciam. Satanás usava cada manobra que podia para desanimar Tammy ou arruinar o projeto.

Então, em 2002, ele lançou mão de todas as ferramentas. Duas ex-trabalhadoras agiram juntas para copiar a fórmula de sabonete da Tammy com a intenção de assumir as vendas nas lojas. A traição machucou-a profundamente. Mentiras para prejudicar seus negócios também estavam sendo circuladas. Publicidade negativa apareceu em um jornal e o jornalista fazia afirmações de que seu sabonete estava sendo vendido a preços exorbitantes e que trabalhadoras eram despedidas a menos que elas concordassem em se converter ao cristianismo. Oficiais investigaram e interrogaram a equipe.

Em outubro a situação piorou ao ponto do visto da Tammy ficar em risco. Algumas semanas depois ela recebeu a ordem de deixar o país.

Tammy voltou arrasada para Singapura. Ela escreveu para os amigos: “Quero agradecer a Deus por seu consolo e proteção. Eu aprendi a ser mais dependente dele e agora compreendo o sofrimento pelo qual Jesus passou quando ele foi traído e abandonado por seus discípulos”.

Sua maior preocupação era pelas mulheres que ela havia deixado para trás – as trabalhadoras com quem ela havia compartilhado risos e lágrimas, desapontamentos e conquistas. Elas se esforçaram para seguir adiante sem a líder, mas foi difícil. Tammy lutou pelo seu caso, enquanto isso ela fazia tudo o que podia para ampliar o mercado para a venda de sabonetes e dos produtos artesanais. Uma viagem para outro país asiático re-velou a possibilidade de iniciar um negócio semelhante naquele lugar para ajudar os órfãos.

Do lado pessoal seu relacionamento com sua mãe havia me-lhorado a tal ponto que a Sra. Koh até apoiava o desejo dela de voltar para o Nepal. E então veio a notícia mais surpreendente de todas: a alegria de levar seu pai a Cristo.

Quatro meses depois a côrte do Nepal tomou uma decisão sem precedentes concedendo novamente o visto para Tammy. Ela estava livre para retornar e voltar ao trabalho.

Tammy continua maravilhada com a maneira que Deus redimiu as experiências

amargas de sua vida. Ela nunca considerou a si mesma como um vaso pelo qual fosse possível derramar o amor e a graça de Deus, mas ele transformou a sua infância conturbada e fez dela uma mulher de profunda compaixão por mulheres nas montanhas do Reino do Nepal e então deu a ela as ferramentas para ajudar estas mulheres a ter vida novamente. Até mesmo seu exílio temporário foi transformado em bem. Quando tudo ficou liberado Tammy lembrou-se da promessa de seu Pai Celeste: “Veja, eu coloco diante de você uma porta aberta que ninguém pode fechar. Sei que você tem pouca força, no entanto tem guardado minha palavra e não negaste o meu nome” (Apocalipse 3.8).

Tammy espera que um dia ela possa passar todos os negócios para que os nepaleses gerenciem. Ela diz que isso pertence a Deus. E embora seu coração ainda esteja no Himalaia, ela está pronta para obedecer se o Senhor quiser enviá-la para outro lugar, talvez para começar outros projetos como esse em países vizinhos.

O horizonte de Tammy ampliou-se consideravelmente. Ela tem aprendido de maneira dura que assumir riscos faz parte da aventura de servir a Deus e que depois de cada tempestade há um arco-íris além da imaginação.

Notas:

1. Taoísmo é uma filosofia que defende a não interferência em eventos naturais e que apóia a magia e a superstição.

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Nepal:

É estimado que a cada dia 12 mulheres morrem no Nepal por causas relacionadas com a gravidez. Metade destas mortes está relacionada com aborto, embora este seja ilegal. A taxa de mortalidade materna no Nepal está entre as mais altas do mundo.1

O Nepal também tem uma das taxas mais baixas de alfabetização feminina. A média entre as meninas é de 39%, entre os meninos é de 61%. Menos de 25% das mulheres têm o nível básico de alfabetização.

Estudos mostram que meninas entre a idade de 10 e 14 anos trabalham duas vezes mais do que os garotos da mesma idade e geralmente realizando trabalhos muito mais pesados.2

Mais de 62.000 crianças abaixo da idade de 14 anos são usadas para trabalhos domésticos nas cidades.

Um terço das meninas no Nepal abaixo da idade de 17 anos são casadas. Destas, 7% tornam-se esposas antes dos 10 anos e outras 40% se casam antes dos 14 anos.

Alguns anos atrás o Kathmandu Post veiculou uma história sobre uma mulher perto dos quarenta anos de idade que iria dar à luz ao seu 18º filho. Sansari Bhujel casou-se aos 11 anos e começou a ter filhos aos 13. Nove de seus filhos morreram por desnutrição, uma filha casou-se aos 14 anos e os outros sete filhos vivem com fome e estão doentes.3 O número de nascimentos com vida em casos como este é anormal e casamentos de crianças que resultam em uma alta taxa de mortalidade infantil é comum.

Estima-se que 200.000 mulheres e meninas tenham sido seqüestradas ou vendidas por pais com poucos recursos financeiros para bordéis na Índia, as quais são forçadas a trabalhar como prostitutas. O comércio tem crescido e o número do tráfico de mulheres tem aumentado ficando entre 12 e 40 mil por ano. Compradores podem obter meninas por menos de 4 dólares e as vendem para bordéis por 1.500 dólares.

Cerca de 20% das vítimas estão abaixo dos 16 anos de idade. Algumas garotas só têm 10 anos de idade. Quando meninas contraem o HIV (o que acontece com muitas delas), elas são descartadas. Isso também ocorre com bebês HIV positivos.

“Oh, Senhor, até quando contemplarás isso? Livra-me das violências deles; salva a minha vida desses leões.” Salmo 35.17

Notas:

1. Keshab Poudel, Killing Mother, {htpp://www.nepalnews.com} vol.23, número 17, 14 de Novembro de 2003.
2. ‘Fatos sobre crianças no Nepal’, CWIN Nepal, {http://www.cwin-nepal.org/press_room/factsheet/fact_girls.html}.
3. ‘Mãe de 17, Sansari espera por seu 18º bebê’, Kulchandra Neupane, Kathmandu Post, 19 de Novembro de 2001, p.1.

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Trabalho infantil:

Pelo menos 250 milhões das crianças no mundo – uma em cada seis – trabalham para sobreviver. Quase metade delas trabalha as mesmas horas que um adulto, sendo que um terço sob condições de risco.

Garotinhas tornam-se trabalhadoras requisitadas porque as pessoas podem pagar a elas menos do que para qualquer outra pessoa. O trabalho mais escondido e o mais ofertado ao redor do mundo para meninas menores de idade é o serviço doméstico.

África:
Quarenta e oito milhões de crianças trabalham no Sub-Saara Africano. Em toda a África cerca de duas em cada cinco crianças têm algum tipo de rendimento.

As pequenas empregadas domésticas do Marrocos: só em Casablanca entre 14.000 e 20.000 garotinhas vêm das áreas rurais para trabalharem em serviços domésticos nas casas. A Organização de Trabalho Internacional estima que exista um total de 50.000 meninas trabalhando por todo o Marrocos – algumas só têm 5 ou 6 anos. Estas crianças se tornaram alvos de abuso, normalmente tendo que trabalhar 16 horas por dia, dormir no chão e comer restos. Dois terços têm que trabalhar até mesmo quando estão doentes. Algumas garotas são acorrentadas quando seus patrões viajam no final de semana, outras morrem de fome, são queimadas com ferro, estupradas e jogadas na rua quando ficam grávidas. A pequena quantidade de dinheiro que elas ganham vai para seus pais. Uma linha telefônica direta com o governo recebe alguns milhares de telefonemas por semana de empregadas domésticas que estão em sofrimento. Embora o governo proíba trabalho forçado ele não enfatiza adequadamente o assunto.1 Na cidade de Fez, no Marrocos, pais recebem entre 10 e 12 dólares por mês pelo trabalho de uma filha de cinco anos de idade em uma fábrica de tear que produz carpetes. Entre 5.000 e 10.000 crianças com idade entre 8 e 14 anos trabalham na indústria do carpete.

Oeste da África:
Crianças com 3 anos de idade estão sendo exploradas como trabalhadoras domésticas e rurais em vários países. Alguns pais arrendam seus filhos para estados do Golfo Árabe, Líbano e Europa pela pequena quantia de 15 dólares. Traficantes fazem promessas para crianças, muitas das quais são órfãs, de conseguirem boas escolas e treinamento profissionalizante em outros países. Em

setembro de 2001 um barco carregando centenas de crianças que estavam sendo traficadas afundou na costa de Camarões matando nove delas. Outros casos são relatados de crianças sendo tratadas como escravas virtuais, forçadas a trabalharem dia e noite, vendendo pequenas coisas no mercado, buscando água e cuidando de criancinhas. A maioria apanha e enfrenta abusos psicológicos incluindo ameaças de morte e avisos de que nunca mais verão os pais. Meninas que escapam dormem na rua, batem na porta de igrejas e aceitam convites para ir para casas de estranhos. Algumas são levadas à prostituição e tornam-se vítimas da Aids.2

Um mercado de crianças escravas tem crescido por anos em uma das áreas de comércio mais populares na região de Abidjan, na Costa do Marfim. Mulheres locais ricas vão até lá para comprar sua ajudante doméstica.

Europa:
Aproximadamente 3.000 crianças albanesas são traficadas para a Itália e Grécia para conseguirem dinheiro para seus 'donos' através da mendicância e lavagem de vidros de carros.3

Ásia e Pacífico:
61% do trabalho infantil realizado por crianças com menos de 14 anos de idade – (totalizando 127 milhões) – está localizado na região do Pacífico Asiático.
Normalmente os 'procuradores' prometem aos pais carentes que irão dar aos seus filhos uma boa oportunidade de emprego e balhar em fábricas e lojas de doces. A maior parte destas crianças não recebe salário e é confinada em lugares de condições miseráveis, apanha com varas de madeira e de ferro e não tem permissão para ver seus pais. Crianças foram descobertas marcadas a ferro quente, queimadas com pontas de cigarro, famintas, açoitadas, surradas enquanto penduradas de ponta-cabeça, acorrentadas, abusadas sexualmente e trancadas em armários por vários dias.4

Bangladesh:
Quase 1/3 das crianças do país está trabalhando para ajudar suas famílias a sobreviver. O governo estima que cerca de 6.6 milhões esteja entre 5 e 14 anos de idade.

Índia:
Crianças (que recebem somente uma fração do salário pago aos adultos) formam uma parte significativa do trabalho forçado nas fábricas de beedi (pequenos

cigarros), de fósforos, jóias, carpetes e cordas de algodão, trabalho doméstico, pedreiras, minas e fazenda. Agências confiáveis estimam que entre 75 e 115 milhões de crianças abaixo de 14 anos de idade estão trabalhando. Embora todo trabalho escravo tenha sido oficialmente abolido em 1975, hoje pelo menos 15 milhões de crianças estão 'obrigadas' a pagarem empréstimos familiares. Estas são as mais exploradas e abusadas. Muitas ficam doentes devido às condições prejudiciais ou à exposições químicas. Baixos salários e altas taxas de juros tornam quase impossível para que os empréstimos sejam pagos.

'Minha irmã tem 10 anos de idade. Todas as manhãs, às sete horas, ela vai trabalhar para o homem do empréstimo, e todas as noites, às nove horas, ela volta pra casa. Ele a maltrata, bate nela se pensa que ela está trabalhando devagar ou se ela conversa com outras crianças, e ele grita com ela. Ele vem buscá-la se ela está doente e não pode ir trabalhar. Eu não me importo com escola ou brincadeira. Eu não me importo com nada disso. Tudo o que eu quero é trazer minha irmã de volta pra casa e livrá-la do homem do empréstimo. Por 600 rupias5 eu posso trazê-la de volta'.Lakshmi, criança de nove anos de idade que enrola cigarros em Tamil Nadu.6

Paquistão: Há entre 10 e 15 milhões de crianças trabalhando, sendo que pelo menos 8 milhões delas estão abaixo de 15 anos de idade. A escravidão por dívidas mantém cativo de 7 a 8 milhões de crianças, mas as autoridades locais e nacionais continuam ignorando este problema. Embora o trabalho escravo seja considerado uma ofensa condenável desde 1992 até hoje ninguém foi processado por infringir esta lei.

Filipinas: Cerca de 5 milhões de crianças trabalham, 60% em locais de alto risco e algumas por até 16 horas por dia.

Indonésia:
700 mil crianças menores de idade são colocadas para realizarem trabalhos domésticos.

Austrália:
De acordo com um relatório realizado em 2000, há 70 mil crianças abaixo de 16 anos de idade trabalhando para a indústria têxtil por até 20 horas por semana junto com seus pais imigrantes. As crianças, desde 8 anos de idade, trabalham em condições precárias em casas ou pátios de trabalho explorador, e são expostas a perigos constantes. Uma média de 1.600 crianças entre 12 e 16 anos

de idade são seriamente feridas, mutiladas ou mortas a cada ano nas indústrias.

América Latina:
Cerca de 7% do trabalho infantil mundial, entre as idades de 5 e 14 anos, encontra-se na América Latina. Uma a cada seis crianças nesta região recebe salário. Mais de 2 milhões são exploradas sexualmente com um número crescente de turistas sexuais indo para a América Central.

México:
8 em cada 10 crianças começam a trabalhar antes dos 14 anos de idade. Cerca de 3.5 milhões de crianças entre 6 e 18 anos de idade trabalham regularmente.

América do Norte:
A UNICEF relatou que acredita existir pelo menos 100.000 crianças envolvidas no comércio de exploração sexual.

‘Levanta-te, clama de noite no princípio das vigias; derrama o teu coração como água diante do Senhor! Levanta a ele as suas mãos, pela vida de teus filhinhos que desfalecem de fome à entrada de todas as ruas.’ – Lamentações 2.19

Notas:
1. Elizabetta Anna Coletti, ‘Little Maids of Morocco’, Los Angeles Times, 16 de Setembro de 2001.
2. Human Rights Watch report, Abril 2003, ‘Borderline Slavery: Child Trafficking in Togo’
3. Global March, CRCA, The Vicious Circle, 2000.
4. ‘Child Slaves of South Asia’, Sociedade Anti-Escravagismo.
5. O equivalente a aproximadamente 30 Reais
6. Entrevista em Human Rights Watch Report, Setembro de 1996.

Capítulo 3

Á Vontade no Mar

‘Alegria não é a ausência de problemas, mas a presença de Cristo.’ E. Trueblood

Joy Yorba tinha cinco anos de idade quando sua vida deu uma volta repentina. Como muitas famílias nos Estados Unidos, a vida dela se desmoronou com o divórcio dos pais. Joy vivia com sua mãe e de repente passou a ter um novo pai. Ele era encanador e por causa disso recebia vários trabalhos de construção o que levava a família a mudar-se muito de uma cidade para outra. Quando ela terminou o colegial com dezoito anos, Joy já tinha passado por treze escolas diferentes e em somente duas ela permaneceu por dois anos.

Uma de suas lembranças mais antigas era a de seus avós levando-a para um acampamento bíblico de férias. Aprender histórias e versículos bíblicos era como firmar uma âncora. Quando ela tinha mais ou menos dez anos a família voltou a viver com os avós. A pequena comunidade onde viviam passou a ter uma igreja com um pastor muito bom que a princípio havia planejado ir para um campo missionário. Os livros cristãos e as histórias missionárias que ele dava para Joy causaram um grande impacto e levou-a a aceitar a Jesus Cristo em sua vida. Seu padrasto também aceitou alegremente a Cristo na mesma época e sua mãe retornou à fé que uma vez teve. Daí em diante, para onde quer que a família se mudasse eles buscavam a igreja que tivesse o melhor estudo bíblico da cidade.

A vida mudou novamente após o padrasto de Joy se formar em um curso para mergulhador de águas profundas tornando-se qualificado para fazer reparos de oleodutos debaixo da água. Em 1970 um trabalho os levou para Singapura. Eles ainda estavam lá em 1971 quando o navio da Operação Mobilização chamado Logos atracou pela primeira vez. Na época Joy estava com 17 anos de idade e foi visitar a livraria do navio junto com suas colegas da escola e ficou fascinada com o ministério flutuante. O antigo navio Dinamarquês era gerenciado por 130 jovens de vários países, todos comprometidos em servir a Deus. Joy mal podia imaginar, naquela época, que ela iria um dia ingressar nele.

Um novo contrato no ano seguinte levou a família para Dubai, na região do Golfo, por três meses. Para a surpresa deles, o Logos estava lá novamente, e

porque não havia muitos ocidentais no país a família de Joy foi convidada para a abertura oficial do navio em Dubai. Ela e a irmã acabaram se envolvendo na prática com a vida do navio, desta vez como voluntárias para lavar pratos. A experiência deu a elas uma idéia clara do que realmente se tratava o ministério do navio. O que mais as impactou foi a quantidade de tempo que os tripulantes dedicavam à oração.

Dave Thomas, um inglês que ocupava a posição de segundo engenheiro do navio, também causou uma boa impressão. Joy o ouviu falar em um hospital missionário no estado vizinho de Sharjah e gostou do que ouviu. Ela também se admirou com a maneira amigável que ele tinha de tratar outras pessoas.

Mesmo quando criança Dave Thomas sonhava em ir para o mar. Ele concluiu o curso de Engenharia da Marinha e adquiriu a posição de cadete e posteriormente, pelo fato de ser cristão, uniu-se a um grupo que estava orando por um navio missionário. A Operação Mobilização comprou o navio em 1970 e Dave uniu-se a ele como engenheiro. Tudo o que ele precisava fazer para que sua alegria fosse completa era achar uma companheira. Após encontrar em Sharajah a garota americana de cabelos morenos ele sentiu que aquela era a esperada.

O padrasto de Joy terminou seu trabalho no Golfo e a maior parte da família mudou-se para a Bélgica para passar o ano seguinte trabalhando com a OM. Joy retornou para os Estados Unidos e conseguiu um trabalho por lá e ficou vivendo com seu pai até que decidisse o que faria depois. Durante este tempo ela começou a trocar correspondências com Dave que estava no Logos. Dave e Joy passaram a se conhecer muito bem através das correspondências durante os oito meses seguintes. Quando eles se encontraram na Inglaterra em 1974 foi para se casarem.

Dave tirou um ano de licença do Logos para conseguir seu certificado de engenheiro chefe, desejando conseguir a experiência comercial requerida a bordo de um navio cargueiro. Felizmente, agora que estava casado, sua esposa teve a permissão de viajar com ele. Mesmo assim, Joy não esperava passar o resto de sua vida no mar. Ela e Dave estavam considerando realizar um ministério em Bangladesh. A OM tinha alguns pequenos barcos por lá e Dave tinha alguma experiência em trabalho de socorro humanitário, dirigindo caminhões carregados com suprimentos de ajuda. Ele e Joy decidiram comprar uma van que pudessem mobiliar por dentro, preparando-se para saírem e viverem no subcontinente.

Após Dave conseguir seu certificado de engenheiro chefe, ambos foram para os Estados Unidos visitar a família de Joy e celebrar o primeiro ano de seu casamento. Lá eles receberam uma ligação do escritório do navio da OM. Haveria alguma chance deles considerarem ir para o Logos ao invés de irem para Bangladesh? O navio tinha uma necessidade urgente de um engenheiro com a qualificação que Dave tinha. Joy e Dave concordaram. A van foi para Bangladesh sem eles.

Estabelecer um novo lar no MV Logos requeria alguma ingenuidade. A cabine deles media apenas dois metros por três, com espaço suficiente apenas para uma cama na parede (a noite podia ser puxada para transformar-se em um beliche), uma pia e um pequeno armário. Banheiro e chuveiro eram comunitários.

Na sua primeiríssima viagem de Bombaim para Bari, na Itália, Joy se deu conta da dura verdade de que ela tinha tendência a ficar mareada. Durante o ano em que ela esteve com o Dave no navio cargueiro ela não teve absolutamente nada, embora, por algumas vezes, eles tivessem navegado por até um mês. Mas pelo fato do navio ser grande, isso trazia estabilidade. E como ela iria aprender mais adiante, quanto mais tempo se passa no mar, mais fácil é para o corpo se adaptar.

O Logos, diferente daquele navio cargueiro, tinha apenas 82 metros de comprimento e 14 metros de largura. Ele foi dese-nhado para ser um quebrador de gelo e o formato do seu casco tendia a bater nas ondas de maneira errada. O navio não só subia e descia, como também bamboleava e serpenteava – uma combinação nauseante de ambos movimentos. Joy ficava horrível quando o Logos navegava. Ela ficava mareada só do navio ficar amarrado em um porto sem proteção, chocando-se em grandes ondas.

Mas porque todos no navio tinham um trabalho prático a realizar Joy estava determinada a fazer sua parte. Todos os dias, fielmente às 6 horas da manhã, ela aparecia para ajudar a preparar o café da manhã da tripulação e lavar os pratos. O refeitório do navio abria-se e duplicava seu tamanho tornando-se uma sala para conferências, então sempre era uma correria limpar tudo depois das refeições. Mais tarde ela e as outras esposas dividiram as tarefas de limpeza e lavanderia. Mas Joy e Dave sempre conseguiam encontrar tempo para caminharem juntos ao longo do cais e explorar novos portos.

Descer do navio era quase a única maneira de encontrar um pouco de privacidade. O casal não só compartilhava seu lar flutuante com outros 130

tripulantes, mas também com centenas e às vezes milhares de visitantes. Todos os dias homens, mu-lheres e crianças se enfileiravam para participar de conferências e para visitar a livraria do navio. O pequeno navio pulsava cheio de vida desde o momento em que suas escadas eram baixadas ao final de cada navegação, começando pela manhã e indo até o final da noite. Com 1/3 do mundo coberto por água usar um navio para alcançar as pessoas com o Evangelho fazia sentido. Na verdade, a idéia provou-se ser tão boa que a OM estava no processo de comprar um segundo navio.

Joy e Dave se alegraram quando souberam que eles também estavam se expandindo: Joy estava grávida. Mas sua gravidez foi traumática. O médico do navio a confinou à cama por semanas e mesmo quando ela se levantava não podia exercer nenhum trabalho físico no departamento financeiro. Sua recusa em aceitar tomar comprimidos contra os enjôos, por causa do bebê, aumentou seu desconforto. Joy e Dave decidiram deixar o navio na Itália, para que ela pudesse dar à luz na Inglaterra. O pequeno Christopher chegou a salvo no mundo em julho de 1976 e doze dias depois eles reingressaram no navio na Escócia.

Por algum tempo a família viveu na mesma cabine em que estavam. Mais tarde eles se mudaram para a cabine de enge-nheiro chefe, a qual ostentava um escritório separado para Dave e lhes davam o luxo de terem seu próprio banheirinho. A área de dormir era tão apertada que Christopher, e mais tarde seu irmão John, tinham que dormir no chão do escritório atrás de uma caixa de brinquedos.

O navio foi para Marselha e depois chegou a Mombassa, no leste da África. Quando chegaram no Mar Vermelho estavam no período mais quente do ano. Christopher, agora com quinze meses de idade, estava febril com amigdalite. O ar condicionado do navio era muito limitado então cada vez que a febre aumentava Joy o esfriava com um banho frio. Mas para seu desespero Christopher sofreu dois episódios de convulsão. Posteriormente eles descobriram que isso era uma tendência hereditária. O limiar da convulsão de Christopher era tão baixo que os médicos o mantiveram sob medicação contra convulsão até os seus sete anos de idade.

Em 1978 Joy e Dave alegraram-se com o nascimento de seu segundo filho a bordo do navio nas Filipinas. John David foi o segundo bebê nascido dentro do navio. Seu nascimento foi prematuro, no entanto, em algum momento, ele não recebeu oxigênio suficiente. Inconsciente do problema, a família não ficou

muito preocupada com o lento desenvolvimento de David. Vários check-ups na Coréia e em Hong Kong não sina-lizaram nenhum problema. Mas quando a família foi morar na Inglaterra no ano seguinte, seu médico familiar marcou uma consulta com um especialista. O diagnóstico confirmou o pior: John David tinha paralisia cerebral.

A equipe médica do hospital recomendou com insistência que Joy e David permanecessem na Inglaterra para que o bebê pudesse ser submetido ao melhor programa fisioterápico. A família se comprometeu a permanecer pelo tempo que fosse necessário. Dave encontrou um emprego e nos anos seguintes, a cada seis meses, eles se encontravam com o médico. Com dois anos e meio David estava indo tão bem que foi capaz de ingressar no sistema regular de educação. Mas logo depois disso ele ficou doente com pneumonia viral. Normalmente esta se alojaria nos pulmões. No caso de John ela foi para sua parte mais vulnerável: o cérebro. Apenas dois dias depois o pequeno menino faleceu.

Devastados, Dave e Joy buscaram consolar um ao outro. Os médicos a advertiram de que com seu histórico médico Joy não poderia ter outra gravidez a menos que fosse submetida a cuidados constantes de um especialista. Deveriam eles adotar? Pessoas mais experientes recomendavam que eles adotassem alguém mais novo do que Christopher, que naquela época estava com cinco anos de idade. Eles entraram com o pedido, mas nenhuma criança estava disponível. Sem esta opção, após muita oração eles decidiram confiar em Deus para terem outro filho. Joy se colocou nas mãos de um especialista e vinte meses após perder John David ela deu à luz uma menina saudável em 1982 a quem chamaram de Heather.

Dave terminou seu contrato com a Sealink Ferries e a família ingressou novamente no Logos na França. Nos cinco anos seguintes Heather e Christopher não conheceram outro lar a não ser o mar, navegando milhares de quilômetros ao redor da Europa, Américas e Caribe.

Seus quartos ficavam ao lado do quarto do engenheiro chefe com uma grande abertura na parede da cabine do quarto de seus pais. De dia o navio tinha uma creche que permitia com que as mães tivessem a liberdade para fazerem outros trabalhos. Joy limpava a seção de acomodação dos engenheiros onde sua família vivia, e era responsável pela biblioteca da tripulação.

As mães tinham que ser criativas para que os pequenos travessos não ficassem

tão selvagens após a aula. Joy começou um clube de artes e de ciência para as crianças. Quando Christopher ficou mais velho ele também se tornou membro do grupo de Escoteiros que sua tia dirigia nos Estados Unidos. Depois disso ele entrou em contato com escoteiros em vários países diferentes na América Latina. Aprender espanhol foi uma grande ajuda. A fluência no idioma levou Christopher anos mais tarde a gastar vários verões realizando campanhas evangelísticas na Espanha.

Ambos os filhos desfrutaram da pequena escola do navio, que tinha professores muito bem qualificados. Enjôos do navio não deixaram traumas, mas eles não viam nenhum mal em, de vez em quando, orarem para que seus professores ficassem enjoados ao ponto de darem o dia de folga. Os dois inventavam todo tipo de brincadeira, correndo para cima e para baixo nos corredores para seguir o movimento das ondas.

Christopher e Heather viam os tripulantes como parte da família. Freqüentemente eles participavam das programações para o público. Noites internacionais, que mostravam trajes e músicas típicas de países ao redor do mundo eram destaque em todos os portos. Filmes e conferências também encorajavam igrejas e ajudava a apresentar Jesus para audiências de todas as idades. Equipes que iam para a costa visitavam escolas, hospitais e presídios, e realizavam evangelismo ao ar livre.

Christopher cresceu e se tornou um garoto forte: sentia-se à vontade quando tinha a permissão para acompanhar uma equipe de ministério junto com seu pai e outros homens do departamento de engenharia. Dave normalmente carregava um projetor e dirigia com parte da tripulação para uma área remota a fim de projetar o filme Jesus. Com freqüência toda a família se unia com equipes aos domingos para ir a igrejas locais. Isso normalmente lhes proporcionava amostras interessantes de culturas diferentes. Joy ainda se lembra de ter experimentado uma sopa na Coréia que tinha macarrão, ovos e cubos de gelo. Os filipinos ofereciam balut, um ovo de pato com o feto parcialmente desenvolvido que era comido cozido. E na Turquia todos gostavam de doner kebabs. O estômago de Dave era mais forte do que o de Joy, mas como ela era menor que ele então sempre podia dar a desculpa de que não comia muito.

Viver no navio exigia definitivamente planejar as férias com antecedência. Nos anos 80 as encomendas enviadas para o navio pareciam que nunca chegavam. O conteúdo dos pacotes tinha que ser listados do lado de fora e os inspetores da

alfândega decidiam que precisavam dos artigos mais do que os destinatários. Até mesmo se as famílias decidissem comprar presentes de Natal ou de aniversário com antecedência não havia muito espaço para estocá-los nas cabines.

As refeições no navio eram preparadas e servidas pela equipe do refeitório. De um lado isso ajudava a ganhar tempo, mas de outro lado fazia com que o menu se torna-se enjoativo de vez em quando. Mulheres casadas tinham a permissão de usar a cozinha uma vez por mês para preparar algo particular. Quando Dave realizava a festa mensal para os engenheiros Joy e as outras esposas realizavam um grande banquete.

No segundo semestre de 1987 o Logos estava descendo a costa oeste da América do Sul. Além da náusea comum Joy estava com um problema no ouvido que algumas vezes a fazia sentir uma grande tontura a ponto dela não poder mover a cabeça ou até mesmo os olhos. A única opção plausível era ficar completamente parada. A princípio a vertigem a atacava a cada alguns anos. Depois era a cada seis meses. Com a ajuda dos médicos ela aprendeu a reconhecer os sinais e tomar os remédios sempre que precisava.

No final do ano a família do navio estava tendo um Natal feliz em Punta Arenas, no Chile. As crianças estavam emocionadas em serem visitadas de perto por pingüins em um parque nacional nas proximidades. Comunhão com cristãos das igrejas locais era algo bem-vindo. Algumas pessoas dentre a grande multidão que participou do programa realizado abordo chamado Natal ao Redor do Mundo foram dirigidas à sua primeira celebração real do nascimento de Jesus. Então o navio foi para o último porto do lado Pacífico do continente, a cidade mais ao sul de todo o mundo: Ushuaia, na Argentina. Joy estava encarregada da recepção oficial e se lembra que Dave e outros membros ingleses da tripulação foram avisados para serem sensíveis em relação ao tema das Ilhas Malvinas. Mas para Dave e sua equipe de projetos especiais o destaque do porto foi terminar uma nova seção da acomodação. Isso foi a conclusão de muitos meses de trabalho e as famílias estavam desejando ansiosamente se mudar para quartos melhores.

No dia 4 de Janeiro o Logos entrou no Canal de Beagle. Seguindo por esta rota o navio poderia chegar do lado Atlântico da América do Sul sem ter que dar a volta pelo ponto extremo. Mas na primeira noite eles entraram em um vendaval de ca-tegoria oito. Joy e a maior parte das pessoas que não estava trabalhando tomaram remédio contra náusea e foram cedo para a cama. Dave estava na sala

de máquinas.

Um pouco antes da meia-noite o piloto pediu ao capitão permissão para desembarcar. O barco do piloto estava ao lado do Logos e comunicou sua intenção de voltar ao porto por causa do mau tempo. Se o piloto não retornasse então ele teria que ficar preso ao navio durante o resto da viagem de quatro dias até o próximo porto.

Pelo fato do Logos ter chegado quase ao final do Canal de Beagle o capitão concedeu permissão ao piloto. Dave esperou a confirmação de que estava tudo certo depois que o homem desceu pela escada de corda, planejando encontrar-se com Joy o mais rápido possível.

Mas lá em sua cabine Joy foi sacudida por um tremor violento do navio que a despertou. Ela sentiu imediatamente que o Logos havia batido em algo sólido. Saltando da cama ela correu para pegar as crianças que estavam dormindo e as trouxe para sua cabine. Nesta época Christopher estava com onze anos e Heather tinha cinco.

Após alguns momentos seu temor foi confirmado: o navio tinha ido para cima das rochas. Dave disse para Joy que ele esperava ser possível ajustar o lastro para reequilibrar o navio e movê-lo para fora das rochas.

Dois membros da tripulação estavam posicionados do lado de fora da cabine de Joy para auxiliá-la. De tempos em tempos um deles ia para buscar as últimas informações. Na cabine deles também tinha um telefone que se conectava com o refeitório onde o resto da tripulação estava reunido. Durante toda aquela longa noite Joy podia ouvi-los orando, cantando e recitando as promessas das Escrituras. Embora alguns tenham chorado, a maioria estava confiante de que Deus iria resgatar o pequeno navio que o havia servido por tantos anos.

Enquanto isso a tripulação trabalhava para iluminar o Logos mesmo enquanto a tempestade continuava jogando o navio contra as rochas. Um pouco antes do amanhecer o navio foi perfurado. Água começou a jorrar para dentro do casco danificado. Todos receberam ordens para dirigirem-se imediatamente para as estações dos barcos salva-vidas.

Joy sempre tinha uma mala de roupas extras para emergência junto com seus coletes salva-vidas. Quando ela ouviu a ordem de abandonar o navio ela pegou os sapatos de Chris – que ainda estavam secando de uma viagem de

acampamento, junto com outras coisas – e apressadamente levou os filhos para o deck dos barcos. Um dos homens carregou a Heather.

Na estação dos barcos salva-vidas ela ficou aliviada ao encontrar Dave esperando por eles. No entanto, como era previsto, ele permaneceu com sua família até ver que eles estavam a salvo dentro de um navio da marinha chilena que respondeu ao chamado de socorro. Então ele e o Primeiro Imediato do navio voltaram para o Logos. O restante da tripulação e da equipe foi levado para uma base naval chamada Puerto Williams – a parte mais remota do sul do Chile antes da Antártica. Joy, Christopher e Heather passaram a noite com uma das famílias da marinha enquanto a maior parte das pessoas solteiras dormiu em uma escola. No dia seguinte a maioria voou de volta para Punta Arenas. Alguns membros da tripulação foram alistados para ficarem com o capitão para o inquérito oficial. Somente Dave e o Primeiro Imediato fizeram uma vigília no Logos.

Joy ainda estava em um estado de choque. Ela nunca esperava eventos que terminassem assim. Até mesmo quando todos abandonaram o navio ela pensou que de alguma forma eles conseguiriam gerenciar a situação para tirar o navio das rochas e dirigirem-se a um porto onde pelo menos eles pudessem retornar para pegar seus pertences pessoais. Mas somente em Punta Arenas eles tiveram uma visão completa de como estava difícil socorrer o navio: eles jamais veriam sua casa flutuante novamente.

Para Dave, de certa forma, a perda foi muito pior. Ele tinha dado tudo de si para o Logos desde o começo deste ministério, normalmente trabalhando 14 horas por dia, seis dias por semana. O naufrágio foi quase como perder outro filho. Quando ele voltou a bordo do navio deve ter sido tentador a idéia de ir buscar os pertences de sua família. A cabine deles ainda estava acima do nível da água. Mas ele sentiu que isso não seria justo, o resto da tripulação não havia tido a mesma oportunidade. Ele só resgatou o hamster da Heather. E ele, juntamente com o capitão, removeu os papéis e documentos necessários da cabine de comando. No final a marinha chi-lena assinou os direitos para resgatar o Logos.

Tempos depois Dave reconheceu que deveria ter pego os álbuns de fotografias se ele tivesse lembrado, eles continham as melhores fotos de seus três filhos. Mas felizmente Joy e Dave tinham o costume de enviar para seus pais os rolos de filmes de fotos da família. Depois de revelá-los eles poderiam enviar as fotos e manter os negativos. Como os álbuns no navio ficavam cheios eles também os enviavam para seus pais. Então ao todo eles perderam apenas as fotos dos

últimos 3 meses de viagem. Graças a um dos oficiais da marinha chilena que esteve a bordo do navio, mais tarde eles também receberam algumas fotos da família que estavam penduradas na parede.

Em Punta Arenas crentes por toda a cidade abriram suas casas para cuidarem da tripulação e da equipe que havia so-frido o naufrágio. Igrejas também arrecadaram roupas usadas e sacrificialmente supriram todas as suas necessidades. Quando finalmente Dave apareceu, ele ainda estava usando roupas de trabalho e só depois trocou por roupas normais. Depois de vários dias a maior parte da equipe e da tripulação voou para um Seminário em Buenos Aires até que a viagem de cada um fosse arranjada.

A família Thomas voou do Chile para a Inglaterra, fazendo uma parada na Califórnia por três semanas. Joy se lembra de ter ficado desnorteada após pousar nos Estados Unidos, um país tão próspero, e ir fazer compras no K-Mart. Ela teve dificuldades em pensar em todas as coisas que teriam que comprar novamente. Quando voltaram para a Inglaterra eles permaneceram na cidade natal do Dave – Gillingham – pegando emprestada uma casa desocupada de um casal da igreja. No começo de fevereiro eles se estabeleceram definitivamente e as crianças voltaram a estudar. Eles permaneceram ali durante o ano escolar seguinte enquanto um novo navio estava sendo procurado e reformado. Dave passou a maior parte de seu tempo em um porto na Holanda e voltava para longos finais de semana uma vez por mês. Algumas vezes a família ia se encontrar com ele durante as férias escolares. Finalmente, em junho de 1989, eles se mudaram como família para o Logos II reformado.

Foi um dia emocionante para todos eles. Para Christopher, que estava com doze anos, e Heather que tinha sete, isso era voltar à vida normal. A vida a bordo do navio não era uma privação, mas uma fonte constante de aventura educacional, social e espiritual. Para Heather o estilo de vida inglês era muito limitante. Embora a família tivesse vivido em uma casa enorme, por causa do trânsito constante ela não podia simplesmente sair correndo pela porta e ir visitar os amigos. Dentro do navio ela estava à salvo para perambular por todos os lados.

Agora as crianças tinham sua própria cabine ao lado da de seus pais. Junto com algumas poucas crianças em idade primária que estavam a bordo Heather freqüentava a escola que ficava abaixo da livraria do navio. Joy supervisionava os estudos por correspondência de Christopher até que ele encontrasse uma professora para o nível secundário.

Mareada ou não, ela também estava feliz de estar de volta no navio. Não importava quanto tempo eles haviam vivido em terra, ela simplesmente parecia não se adaptar à percepção que a maioria das pessoas tinha do mundo. Até mesmo os amigos da igreja tinham prioridades diferentes. Mas Dave e Joy estavam cientes de que para os outros eles também deveriam parecer bem diferentes. Para eles, plenitude encontrava-se em saber que eles estavam 100% envolvidos em avançar o Reino de Deus. Foi uma bênção extra descobrir que a movimentação de seu novo lar não produzia em Joy aquelas náuseas profundas que ela sentia no antigo Logos.

As responsabilidades de Joy aumentaram ao ponto de se tornar um trabalho de tempo integral, mas ainda lhe dava flexibilidade para exercer outras atividades. Ela e Dave se tornaram os 'pais' de um dos grupos de comunhão para tripulantes e membros da equipe que eram solteiros. Reuniões freqüentes de esposas era também uma chance para encorajamento e solução de problemas. O navio tinha um ministério para mulheres na maioria dos portos e algumas vezes Joy participava de conferências, dando testemunhos ou participando de grupos de discussão. Normalmente ela participava como anfitriã em conferências e recepções de abertura oficial. Ao longo dos anos ela e Dave foram apresentados a dezenas de embaixadores e chefes de Estado como o presidente de Malta e o rei de Zuzulândia.

As instalações da cozinha do Logos II eram bem melhores permitindo com que os membros da tripulação pudessem fazer umas festinhas de vez em quando se desejassem. Joy tinha até um microondas em sua cabine. Aprender como cozinhar em um microondas não era fácil, pois um bolo poderia ficar torto se estivessem navegando em um mar agitado. Quando os filhos estavam um pouco maiores eles gostavam de jantar juntos aos domingos dentro de sua cabine.

O Logos II fez sua viagem inaugural em 1990. Chegar no Leste Europeu logo após a queda da Cortina de Ferro foi emocionante. Da mesma forma foi navegar pelo Rio Neva até São Petersburgo sendo o primeiro navio não soviético que recebeu permissão para fazer esta visita em mais de 70 anos. Crentes russos deram uma calorosa recepção à tripulação. Embora não tenha sido permitida a venda de livros centenas de pessoas participaram de conferências e permaneceram por horas na área de exposição de livros, famintos por leitura. Os membros da equipe viravam as costas quando alguns livros e Bíblias desapareciam. Mas a tripulação tinha permissão de bombardear a cidade com

folhetos evangelísticos e até realizar campanhas ao ar livre nas escadarias do Museu do Ateísmo. Até mesmo as crianças ficaram surpresas ao fazer uma viagem ao famoso Hermitage.

Após a passagem pelo Leste Europeu o navio foi para o Reino Unido e depois para a África Ocidental e para a América do Sul. Em 1992 Christopher completou dezesseis anos e Joy o levou de volta para a Inglaterra para realizar provas de qualificação para o colegial. Ele permaneceu lá por quase dois anos com uma família da igreja para terminar as provas pré-universitárias. O restante da família retornou para a Inglaterra um ano depois. Neste período eles chegaram a uma encruzilhada. A liderança da Operação Mobilização queria que eles passassem algum tempo fora do navio depois de tantos anos a bordo, no entanto, por causa da escola da Heather isso significava que eles não poderiam ir para o escritório dos navios na Alemanha. O líder da Inglaterra sugeriu que eles poderiam ocupar a posição dele enquanto ele tirava um período sabático, porém quando este foi indicado para ser o coordenador da região da Europa Ocidental, Dave foi oficialmente convidado para substituí-lo como o novo líder da OM Inglaterra.

Dave estava muito receoso em aceitar o convite, consciente de que este não se encaixava com seus dons. Os anos seguintes em Oswestry, próximo a fronteira com Gales, foram certamente um desafio. O lado positivo é que ambos apreciaram a chance de assimilarem uma visão panorâmica do trabalho que ia além dos navios. Uma mudança também agradável era trabalhar em horários mais ‘sensatos’ e viver em uma casa mais espaçosa.

Chris podia visitá-los enquanto estudava na faculdade e Heather estava ocupada com atividades escolares. Joy estava feliz o suficiente trabalhando em tempo integral no departamento financeiro. Mas eles sentiam falta do navio. E após cinco anos trabalhando como diretor da OM Inglaterra Dave sabia que teria que ir para o mar para renovar sua licença de engenheiro chefe ou refazer o exame. Uma combinação de circunstâncias o levou a deixar sua responsabilidade para que então pudesse abraçar outros desafios a bordo do Logos II. Quando Heather terminou seus exames pré-universitários no ano de 2000 e ingressou por um ano no navio MV Doulos, Dave e Joy voltaram para o Logos II.

Foi estranho voltar para o navio após sete longos anos fora, especialmente porque não estavam com os filhos. Só havia uma pessoa que os conhecia e ainda estava a bordo e foi mais difícil fazer amigos. Mas adaptar-se de volta ao ritmo

do navio não foi difícil. Após vários meses na Turquia o Logos II navegou para Beirute onde mais de 85.000 pessoas se enfileiraram para visitar o navio. Mais tarde ele foi para a Espanha e outras partes da Europa. Joy desfrutava de seu trabalho na livraria e também de cuidar dos preparativos das viagens daqueles que estavam dei-xando o navio. Dar conselhos para pessoas mais jovens e encorajamento para outras esposas também era parte de seu trabalho.

Quando o Doulos precisou de um Primeiro Engenheiro em abril de 2001 Dave e Joy se voluntariaram para voar para Singapura. Esta foi sua primeira visita ao Doulos e foi necessária uma grande adaptação. Com uma tripulação total de mais de 300 pessoas em contraste com as 200 que estavam no Logos II este navio era muito maior. Até mesmo muitas das pessoas de longo-período que estavam a bordo não os conheciam. De certa forma era como começar tudo novamente. Enquanto Dave trabalhava na sala de máquinas Joy cuidava das correspondências e do estoque do escritório para os departamentos em geral.

Como ‘carteira’ ela se lembra quando correspondências che-garam em uma noite de Natal e ela teve que perder o programa natalino para distribuir os pacotes e cartas tão ansiosamente esperados. Após um ano Joy foi transferida para trabalhar na biblioteca da tripulação e converteu centenas de mensagens em fitas K7 para o formato de computador, proporcionando maior acessibilidade a este material. Felizmente o navio maior proporcionava uma estabilidade ainda maior do que a do Logos II, embora ainda precisasse de comprimidos contra náusea.

Joy e Dave percorreram milhares de milhas náuticas ao redor da Ásia e da África durante seus 20 meses a bordo do navio. Então eles mudaram novamente. Em fevereiro de 2003 Dave concordou em assumir o cargo de Gerente Técnico no escritório dos navios na Alemanha. O trabalho envolvia encontrar o equipamento correto e peças para os dois navios, fazer novos pedidos de peças e preparar o período de manutenção à seco do Doulos. Algumas vezes isso significava estar longe de Joy por longos períodos.

A Alemanha presenteou Joy com uma cultura totalmente diferente, uma linguagem e estilo de vida a qual ela deveria se acostumar. Entretanto ela está determinada a transpor os desafios e enfrentar aulas de alemão. Ela também ajuda no departamento financeiro dos navios. A responsabilidade de Dave provavelmente irá durar até que outro navio substitua o Logos II. Mas com a graça de Deus, Dave e Joy esperam poder passar mais alguns anos no mar, antes de se aposentarem. Seu entusiasmo pelo ministério não diminuiu. É um

privilégio fazer parte da propagação da mensagem do Evangelho, bons livros e ajuda prática onde ela é mais necessitada.

“Temos sido abençoados em ver o impacto dos navios na vida de milhares de visitantes, de ministros do governo a crianças de rua”, lembra-se Joy. “Também testemunhamos do poder de Deus trabalhando na vida de jovens que serviram como voluntários, recebendo treinamento e desenvolvimento que não iriam ter em nenhum outro lugar.”

Dave e Joy gostam muito de reencontrar pessoas que passaram pelo navio, por onde quer que eles viajem, e que continuam edificando o Reino de Cristo como líderes em igrejas ou como missionários de carreira.

Apesar do fato das náuseas terem sido sempre seu ‘espinho na carne’, Joy tem aprendido a aceitar sua fraqueza e até trabalhar com ela.

“Eu acredito que Deus permite tais coisas para desacelerar o ritmo de seus servos e fazê-los lembrar de que nossa vida se trata dele”, ela comenta. “Cair de costas – ela diz – força você a reajustar suas prioridades”.

Algumas vezes Joy pensa em como seria a vida se eles tivessem ido para Bangladesh. As chances seriam de que ela teria mais oportunidades de desenvolver um ministério pessoal. No mar, Dave tem o papel principal, sua responsabilidade é dar apoio e manutenção. Mas nenhum deles têm dúvida de que aos olhos do Senhor todos são igualmente importantes.

E enquanto ele permanecer sendo o capitão de seu leme, nem doença ou naufrágio, a perda de um filho ou da própria vida pode impedi-los de alcançar seu porto celeste.

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Violência doméstica:

Violência doméstica é a forma mais comum de abuso contra as mulheres no mundo de hoje. Entre 25% e 50% das mulheres tem sofrido abuso por seu parceiro. Somente 44 países no mundo protegem especificamente as mulheres contra violência doméstica.1

Espancamento é a maior causa de ferimento em mulheres na idade entre 15 e 44

anos nos Estados Unidos: mais do que assalto, acidentes de carros e estupro somados juntos.

Um relatório recente da BBC revelou que no Reino Unido duas mulheres são mortas por semana pelo parceiro atual ou ex-parceiro.2 Mulheres casadas com muçulmanos tem oito vezes mais chance de serem assassinadas por seu cônjuge do que qualquer outra mulher na Grã-Bretanha.

América Latina:

Tribunais em vários países são relutantes em legislar sobre a violência doméstica, considerando este um assunto fami-liar. Um juiz no Chile decidiu que violência dentro de casa não era crime e que não deveria entrar na jurisdição de um tribunal.

No México somente onze dos trinta e dois estados mudaram seu código civil e penal do século 17 para fazer com que a violência doméstica fosse considerada crime. Nos estados restantes, bater em esposa ou em crianças não é considerado uma ofensa.

O Instituto Colombiano do Bem-Estar da Família estima que 95% dos casos de abuso no país não são relatados.3

Japão:

A violência doméstica tem sido difundida por tanto tempo que é considerada como parte normal no casamento. Abusos só foram tratados publicamente em 1998. Uma pesquisa nacional realizada em fevereiro de 2000 pelo departamento do Primeiro Ministro descobriu que 1 em cada 20 mulheres são submetidas a violência de ameaça de morte.4 Muitas das vítimas são donas de casa que são incapazes ou não desejam buscar ajuda. No Japão há apenas 40 abrigos para mulheres que são maltratadas.

Esposas assassinadas pelos maridos representam aproxi-madamente 30% de todos os assassinatos cometidos no país. No ano 2000 os casos de ferimento resultando em morte, no qual o marido mata a esposa como resultado de socos e chutes contínuos, receberam uma sentença de apenas 6 a 8 anos de prisão.5 Uma nova lei aprovada em 2001 foi elaborada para prover proteção às vítimas, mas sua aplicação é difícil pois somente 1% a 10% das mulheres prestam queixa de violência.

É esperado que as mulheres na Suazilândia se mantenham em silêncio quando sofrerem abuso. Na verdade, a palavra designada para ‘esposa’ na língua do país ou ‘mulher’ significa aquela que morre sem falar o que sofreu. Apenas recentemente a Suazilândia começou a elaborar projetos de lei contra ofensas sexuais e processar casos de estupro.

Um relatório dos Direitos Humanos realizado em 2003 inti-tulado ‘Apenas morra silenciosamente: Violência Doméstica e a Vulnerabilidade das Mulheres frente ao HIV em Uganda’ documentou o avanço do estupro e ataques brutais contra mulheres por parte dos maridos em Uganda, onde uma lei específica contra violência doméstica ainda não foi decretada e onde o estupro matrimonial não é considerado crime.

Na Índia um rapto ou seqüestro acontece a cada 4 minutos, uma morte relacionada com o dote pago pela família das mulheres para a família do noivo (dowry) a cada 10 minutos, um estupro a cada 54 minutos, um ato de crueldade a cada 33 minutos e um crime contra mulheres a cada 7 minutos.6

Centenas de mulheres em Bangladesh tiveram ácido jogado em seus rostos por homens que as acusaram de os terem desonrado de alguma forma como, por exemplo, terem rejeitado uma proposta de casamento. Até mesmo crianças carregam cicatrizes. Um homem pode se vingar de seu inimigo queimando o rosto da esposa ou da filha dele. Este tipo de crime acontece mais freqüentemente em Bangladesh e Afeganistão, mas também ocorre no Paquistão. O ataque contra as mulheres tem aumentado por parte dos maridos por causa de pequenas ofensas, tais como não ter o jantar preparado ou se recusar a ter sexo. O homem raramente é processado.7

Paquistão:

Em 1979 a lei contra estupro no Paquistão foi mudada. Na nova ‘Ordem dos Delitos de Zina’, a definição legal de estupro, anteriormente definida como sexo com ou sem o consentimento de meninas abaixo de 14 anos de idade, não era mais considerado crime. Em complementação, a possibilidade legal de estupro matrimonial foi eliminada.

Embora algumas vítimas não tenham chance de se defender de um ataque, aparentemente os juízes exigem que elas resistam até o ponto de sofrerem lesões físicas visíveis se elas desejam ver seus agressores punidos. Em 1997, por

exemplo, o Tribunal Federal de Shariat mudou a condenação de um estupro para fornicação com base em que, pelo fato de nenhuma marca de violência ter sido encontrada no corpo da vítima isso poderia sensatamente presumir que ela era uma parte que também desejava o intercurso sexual.

Em complementação um agressor nunca receberá a pena máxima a menos que a vítima apareça com quatro testemunhas adultas, formadas por homens muçulmanos piedosos. Somente o testemunho da vítima não é suficiente, nem o testemunho de quatro mulheres é aceitável.

A grande maioria dos policiais, médicos e promotores no Paquistão, não só desencorajam a mulher que quer estar queixa contra estupro como também faz pouco caso. A polícia é conhecida por ameaçar e intimidar vítimas e aceitar propina de homens que são acusados.

Um procurador abertamente declarou ‘eu não acredito em casos de estupro. As mulheres sempre consentem. Se existir estupro é somente em 1% dos casos.’ Na verdade a mulher que dá queixa se coloca em perigo de ser perseguida, a menos que consiga provar que ela não desejava praticar o adultério ou fornicação. Em outras palavras a própria vítima é considerada culpada até que prove ser inocente. Trabalhadores na área de Direitos Humanos dizem que aproximadamente metade das mulheres que dão queixa de estupro são processadas por adultério sem nenhuma prova substancial. As prisões do Paquistão estão cheias delas. Mesmo quando são absolvidas tais mulheres podem se tornar vítimas de "assassinatos por honra’ por parte dos homens de sua família que consideram que a honra deles foi comprometida. Nos povoados antigos meninas ou mulheres que dão à luz a um filho ilegítimo após serem molestadas podem ser apedrejadas até a morte.

O Paquistão não tem nenhuma lei específica para casos de violência doméstica. Abusos ocorridos dentro de casa quase sempre não são levados em consideração por consi-derarem que isso é um assunto de família. Nos raros casos quando a acusação chega ao tribunal um acordo financeiro ou recompensa pode ser conseguida.

Notas:

1. Alta Comissão das Nações Unidas para Refugiados (UNHCR), 2003.
2. Sue Littlemore, BBC News Online, 18 de fevereiro de 2004.
3. Departamento do Estado dos EUA, Relatório de Direitos Humanos da Colômbia, 2002, p. 57
4. Ikeuchi, Hiromi, A mulher japonesa hoje, Women’s Online Media.

5. Nobuhiro Suzuki, Histórico Sócio-Cultural de Violência Doméstica no Japão, Projeto Blue Sky, Comissão Nacional para Relatório de Mulheres, Asian Age, 9 de março de 2000.
6. Nobuhiro Suzuki, Histórico Sócio-Cultural de Violência Doméstica no Japão, 9 de março de 2000.
7. Shia News, Ataques de Ácido: A agonia das mulheres paqustanesas, 9 de junho de 2003. Citado em {http://www.angelfire.com/journal/achingheart/women/acid.html}

ESTATÍSTICA DEMOGRÁFICA:

Educação:

Dois terços das 880 milhões de pessoas analfabetas no mundo são mulheres. Das 300 milhões de crianças sem acesso à educação, 200 milhões são meninas. O número de pessoas analfabetas não tem a tendência de diminuir nos próximos 20 anos.

Enquanto existe um aumento de crianças matriculadas nas escolas na maior parte dos países, a desproporção de gêneros ainda existe. Na maior parte dos países com baixo rendimento os pais enviam mais os meninos para as escolas. Quando as meninas chegam a entrar na escola, normalmente elas são obrigadas a abandonarem os estudos. Menos de ¼ das meninas em países em desenvolvimento freqüentam a escola por mais de 5 anos.

PERCENTUAL DE ALUNOS FREQUENTANDO ESCOLAS SECUNDÁRIAS QUE SÃO MENINAS, *COM BASE EM ESTUDO FEITO ENTRE 1992 E* 1997.

País	Percentual de estudantes do sexo feminino (%)
Iêmen	20
Iraque	38
Índia	39
Turquia	39
Holanda	47
Coréia	48
Estados Unidos	49
Espanha	51

Fonte: Nações Unidas, O mundo das mulheres, tendências e estatísticas (Nova Iorque, atualizado 2002).

No sul da Ásia, aproximadamente 3 em cada 5 mulheres não sabem ler nem escrever. Um terço das meninas na Índia não termina o primário. Aproximadamente metade das mulheres na África e na região Árabe ainda é analfabeta.

Na Arábia Saudita a educação para meninas nunca foi obrigatória. Escolas

mistas são proibidas. O país não havia construído nenhuma escola para meninas até o ano de 1956. A taxa de alfabetização feminina em 1970 era a mais baixa de todo o Oriente Médio, somente 2%. Em 1980 23% das meninas estavam matriculadas no ensino médio. Mas hoje a alfabetização feminina chega a 50%. Uma vez recebida a chance as alunas provaram que eram capazes. As notas das provas feitas por mulheres na universidade da Arábia Saudita normalmente superam as notas dos homens.

AS 10 PIORES TAXAS DE ALFABETIZAÇÃO ENTRE AS MULHERES ACIMA DE 25 ANOS

País	Taxa de Analfabetismo (%)
Mauritânia	83
Costa do Marfim	85
República Centro-africana	87
Djibouti	87
Benin	88
Senegal	88
Nepal	89
Mali	89
Iêmen	91

Fonte: Nações Unidas: O mundo das mulheres, tendências e estatísticas (Nova Iorque, atualizado 2002).

EDUCAÇÃO E MORTALIDADE INFANTIL

Estudos mostram que um dos principais fatores que influencia na taxa de mortalidade infantil de crianças abaixo de 5 anos de idade é o nível de educação materno. Dez por cento de aumento no índice de alfabetização feminina reduziu a taxa de mortalidade infantil em 10% em 13 países africanos entre 1975 e 1985.

Um estudo recente feito em 63 países mostrou que a melhoria na educação para mulheres foi o principal fator contribuinte para o declínio da desnutrição entre as crianças.

Aproximadamente um bilhão de pessoas entraram no século 21 incapazes de lerem um livro ou de assinarem seus próprios nomes.

Capítulo 4

Casinha na Fronteira

‘Todas as coisas que já fiz, e que no final valeram à pena... no começo me encheram de medo.’ Betty Bender

Uma menina americana bem travessa chamada Pam Olson se alegrava quando montava um cavalo, ia caçar ou pescava. Ela tinha um interesse especial em competições a cavalo e recebeu várias premiações. Sua família muito trabalhadora fazia parte de uma pequena comunidade de fazendeiros na cidade de Wisconsin, cuja população era de 600 pessoas e onde era esperado que todos freqüentassem a igreja. Mas, em relação a Pam, as pregações não penetraram muito fundo no seu coração. Sua adolescência foi marcada por namoros, drogas e bebidas.

Foi enquanto ela passeava ao redor da cidade com os amigos que a polícia parou o carro onde ela estava e descobriram maconha no porta-malas. A garota de dezessete anos estava tremendo. Ela não tinha idéia de que isso estava lá. Embora as acusações contra ela tivessem sido retiradas o incidente a levou para a Bíblia pela primeira vez. Por alguma razão Pam conti-nuou lendo, motivada por uma fome que ela não compreendia. Muito tempo depois ela descobriu que seu tio e sua tia estavam orando por ela com uma ênfase especial. Em janeiro de 1977 Pam sabia que havia encontrado o que estava buscando. Ela entregou sua vida a Jesus Cristo. O impacto disso foi tão forte que pelo menos uma de suas professoras suspeitou que ela estivesse altamente drogada. Depois de mudar-se para uma congregação de outra cidade a esposa de seu pastor a ajudou a inscrever-se em um estudo bíblico por correspondência. Mas ninguém tinha que pressionar Pam para que compartilhasse sobre sua fé. Nada podia apagar seu testemunho entusiasmado de Cristo. No quarto ano em que ela competiu nos eventos de pista e campo de sua escola, ela o fez pelo Senhor e por seus pais. Seus instrutores a elegeram a melhor atleta e com o maior progresso.

Durante o colegial Pam participou de um acampamento de treinamento chamado ‘Força Ágape’ para discipulado de jovens crentes. Juntamente com outras pessoas ela entregou completamente o senhorio de sua vida a Jesus. Pam tornou-se praticante da palavra e restituiu todas as pessoas que ela havia injustiçado no passado. Naquele inverno ela usou todos os recursos que ganhou na fazenda para

participar de um outro curso realizado por Jovens Com Uma Missão (JOCUM) no Havaí. Os olhos de Pam foram abertos para a possibilidade de servir a Deus em outros países. Inscrever-se no Seminário de Missões Betânia em Minesota parecia ser o próximo passo lógico a ser dado.

Os próximos quatro anos no Seminário Betânia completaram sua metamorfose de ex-rebelde sem causa. Embora Pam não soubesse o Senhor a havia colocado em um treinamento para o que viria nos anos seguintes, esticando-a espiritualmente e mentalmente em todas as direções. Sua obstinação finalmente se renderia a Ele. Ela concordou em ir para onde quer que Deus a enviasse.

Por misericórdia os planos de Deus para Pam incluíam um parceiro. Dave era um companheiro de estudos no Seminário que compartilhava não apenas do amor e gratidão a Deus que Pam tinha, como também do mesmo compromisso energético para servi-lo. Pam e Dave Lovett uniram suas vidas em casamento após terminarem seus estudos. Quando a neve caiu durante sua viagem de lua-de-mel o casal riu e concordou que este era um bom treinamento missionário.

Em 1983 o casal saiu de viagem para a Índia com a Operação Mobilização. Três anos depois eles se mudaram para passar alguns anos em Bangladesh. O nascimento de sua primeira filha, Rachel, forçou Pam a aprender como equilibrar as responsabilidades como mãe e com o ministério. Ela estava progredindo em seu aprendizado do Bengali quando eles tiveram que mudar outra vez para terminar sua experiência no subcontinente passando oito meses no Paquistão. Desta vez eles focaram nos refugiados afegãos que viviam na fronteira, gastando a maior parte do seu tempo aprendendo a falar razoavelmente o Dari.

Ver vidas transformadas por Deus na fronteira com um país muçulmano foi profundamente realizador. Mas no outono de 1989 a comunidade cristã de expatriados se comoveu com o seqüestro do canadense John Tarzwell. Nenhum rastro do marido e pai de três filhos foi encontrado e ele foi posteriormente declarado como morto, vítima de muçulmanos extremistas.

A perda de seu colega de trabalho foi um grande impacto para Dave e Pam. Ambos ficaram chocados alguns anos antes com o assassinato brutal de colegas de classe da Betânia que estavam servindo a Deus nas Filipinas em áreas muçulmanas. Agora se davam conta de que haviam estado entre as últimas

pessoas que haviam falado com John. Pam ainda tinha arrepios ao lembrar-se do dia um pouco depois do seqüestro, quando Dave descobriu que estava sendo observado por um Pathane na vizinhança onde vivia. Este, olhando fixamente para Dave, passou a mão sobre a garganta com um olhar malicioso. Pam ainda sofria do mal estar de sua segunda gravidez e não conseguia livrar-se de seu mal pressentimento.

Por causa da saúde de Pam que foi piorando ambos tiveram que retornar aos Estados Unidos. O filho deles, Justin, nasceu em Maio de 1990, e Dave usou o ano seguinte para completar seu Mestrado em Educação Transcultural e Missões no Colégio Wheaton. Pam também pôde tomar algumas aulas. O plano deles era retornar para o Paquistão após a graduação de Dave. Mas em algum momento durante aquele ano a atenção dele foi atraída por uma necessidade ainda mais crítica.

O Tadjiquistão acabara de conseguir sua independência da Rússia, mas esta bela e montanhosa nação da Ásia Central estava pagando por sua liberdade com uma guerra civil desastrosa. Tornara-se um dos lugares mais pobres da terra. Oitenta por cento de sua população vivia abaixo da linha da pobreza, com uma renda média familiar de apenas cento e vinte Reais por mês.

A bússola do coração de Dave começou a voltar-se em direção ao Tadjiquistão. Pam, entretanto, se mantinha inalterada.

Nós já havíamos morado em três países diferentes, e estudado duas novas línguas – argumentava ela. O ministério deles entre os refugiados afegãos no Paquistão estava dando frutos. Por que a sua pequena família deveria começar tudo novamente em um país que estava longe de ser um lugar seguro?

Mas o sentimento de que Deus queria que eles levassem seu amor ao povo esquecido do Tadjiquistão não desaparecia. Tanto Pam quanto Dave eram do tipo pioneiro e ninguém parecia estar preparado para assumir um desafio tão grande quanto este.

Então Pam fez a prova do novelo de lã. Ela orou dizendo que se Deus quisesse realmente que eles fossem para lá, então de alguma forma Ele iria suprir os quarenta e quatro mil Reais necessários para que eles se mudassem e se estabelecessem. Para sua completa surpresa, uma moça que não sabia nada sobre a oração que ela havia feito, veio à frente no culto de um domingo de manhã

(naquela mesma semana) e ofereceu exatamente esta quantia. Pam já não podia continuar argumentando. Em janeiro de 1992 Pam escreveu em seu diário: “Senhor Deus, estou com medo... mantenha-nos a salvo no Tadjiquistão”. Naquele ou-tono a Agência de Desenvolvimento da Ásia Central (CADA) foi oficialmente registrada. A família voou para fora da capital (Dushanbe) em Janeiro de 1993.

Pam lembra-se como se fosse hoje do dia em que eles chegaram com 35 malas, uma criança de seis anos de idade e sem lugar para morar. Um problema insistente na bexiga acrescentou a ela muitas dores durante a viagem. “O pesadelo de ter que trocar de avião em Moscou foi a gota d’água e me levou aos prantos. Finalmente, após aterrissar em Dushanbe fomos de carro até a casa que Dave tinha alugado para nós, e chegando lá descobrimos que ela havia sido tomada por refugiados”.

Deus, por sua misericórdia, os dirigiu para um lugar melhor, quase que de uma vez. No final do primeiro dia eles estavam dormindo em sua nova casa.

O país ainda estava cambaleante devido a morte de dezenas de milhares de homens e meninos na guerra civil que continuou até 1997. Trinta mil mulheres surgiram desta guerra como viúvas. Um quinto dos residentes no país viu suas casas sendo destruídas. Debaixo de uma violência contínua entre líderes rivais a família Lovett vivia sob o toque de recolher, o qual permaneceu durante os primeiros anos em que viveram ali. O verdadeiro perigo daquela situação foi trazido para dentro de sua casa quando eles foram ao funeral de alguns cristãos russos que muito provavelmente foram assassinados pela máfia. Os nervos de Pam ficavam à flor da pele quando Dave tinha que viajar para longe de casa. Em algumas ocasiões ela ouviu o que poderia ser intrusos caminhando no telhado de sua casa, mas Deus foi fiel. A casa deles nunca foi invadida durante o período em que Dave esteve ausente.

Por causa da infra-estrutura destruída no Tadjiquistão até mesmo a alimentação básica como leite, ovos, açúcar e farinha era impossível de ser obtida. Itens que eles encontravam no mercado um dia, no outro já não tinha mais. Por causa das condições de falta de higiene eles tinham que lavar os vegetais e frutas com iodo. A água deveria ser fervida e filtrada para tornar-se potável. Na banheira, a torneira fazia escorrer uma água da cor do café. A família até questionava o benefício de se tomar banho uma vez que eles mal conseguiam enxergar suas pernas debaixo da água.

Os telefones variavam, funcionando de 10 a 25 por cento do tempo. Gás e eletricidade também eram racionados. Felizmente os Lovetts tinham um forno à lenha para recorrerem como aquecedor no inverno quando os outros itens faltavam. As primeiras pessoas que ingressaram no CADA eram obrigadas a cozinhar sua própria refeição do lado de fora da casa, com aquecedores à querosene. A família já havia experimentado condições difíceis na Índia, Bangladesh e Paquistão, mas o Tadjiquistão sobrepujava a todos estes países.

A falta de um sistema de saúde adequado era, talvez, o que mais dava medo. Médicos e hospitais simplesmente não tinham remédio e equipamentos necessários para combater as doenças. Algumas vezes pacientes eram dispensados, hospitais perma-neciam fechados por semanas durante períodos de epidemias. Doenças que levam à morte como meningite, febre tifóide, tuberculose e doenças respiratórias levaram um número incontável de homens, mulheres e crianças.

Os Lovetts não perdiam tempo, estabeleceram um escritório em sua casa e mergulharam de cabeça no mar da pobreza. A prioridade deles era encontrar, importar e distribuir toneladas de comida, suprimento médico e roupas. Sem exagero, seus esforços conseguiram prover um meio de sobrevivência para mi-lhares de pessoas. Moradores locais ainda comentam sobre a chegada do CADA quando ninguém parecia se importar. O alvo estabelecido por esta agência era aliviar o sofrimento e me-lhorar a vida do povo da Ásia Central, tanto física quanto espiritual. O governo sabia que eles eram cristãos e a KGB ficava de olho neles. Mas embora trabalhar entre tanta burocracia os fazia sentir como se estivessem nadando na areia movediça, ninguém impediu seus esforços para salvar vidas.

Pam estava impaciente com o problema recorrente da bexiga que roubava dela a energia que tanto precisava para estabelecer sua nova casa. Ao final do primeiro mês ela expressou seu de-sencorajamento em seu diário: “Eu não me vejo com forças para fazer este trabalho pioneiro no Tadjiquistão... Senhor, ficar me-lhor aqui é quase impossível, a menos que o Senhor intervenha. Por favor, me ajude a conseguir dormir a noite inteira”. Alguns dias depois ela notou: “Eu acho que ouvi tanques passando por nossa casa na noite passada... Deus, eu não acredito que o Senhor tenha nos colocado em uma zona de guerra. Por favor, mantenha-nos a salvo na palma de suas mãos”.

O diário de Pam serviu como uma válvula de escape durante os dez anos

seguintes. Tadjiquistão não era apenas uma zona de guerra, mas também um lugar trágico de enchentes, seca, fome, terremotos, epidemias, bombas e seqüestros. Conforme o trabalho deles expandiu, os Lovetts tiveram que mudar seu escritório para uma outra casa e finalmente para um grande prédio no centro de Dushanbe. Trabalhadores nacionais foram contratados. Por uma necessidade do povo um Centro de Aprendizado de Inglês foi acrescentado ao trabalho de socorro e depois um treinamento na área de negócios. Ambos os cursos ajudaram Tadjiques locais a encontrarem melhores empregos e estudarem fora do país. CADA criou o primeiro centro de e-mail no país, o qual se tornou muito admirado pelos homens de negócio e pelos profissionais em Dushanbe. Centros de Saúde e Projetos de Desenvolvimento se multiplicaram conforme pessoas qualificadas – tanto estrangeiros quanto nacionais – uniam-se à equipe. Medidas práticas como esta não somente ajudaram a reconstruir a infra-estrutura do Tadjiquistão, como também deram à equipe credibilidade como cristãos. O número de crentes Tadjiques começou a crescer lentamente. Novos grupos de comunhão se iniciaram.

Dave se emocionava com cada novo desafio. Algumas vezes Pam tinha a impressão que a devoção de seu marido ao nascimento e crescimento do CADA estavam na frente dela e dos filhos. E sempre que seu marido tinha que deixar o país por causa de negócios os problemas em casa inevitavelmente aumentavam. Até mesmo simples trabalhos domésticos levavam duas vezes mais tempo para serem realizados devido a falta de água limpa e de eletricidade. E a falta de uma estrutura educacional aceitável forçou Pam a educar seus filhos em casa durante os primeiros 4 anos. Somado a isso, novos membros de equipe sempre precisavam de ajuda para se estabelecerem e crises na vida de amigos Tadjiques e vizinhos não podiam ser ignoradas.

O lar dos Lovetts parecia uma estrada de rodagem com um trânsito quase ininterrupto. Embora manter as prioridades claras não fosse um trabalho fácil, Pam estava determinada em fazer de seu lar o céu para sua família.

Seu primeiro Dia de Ação de Graças em Novembro foi memorável. Às cinco horas da manhã uma grande pancada no portão de sua casa fez Pam e Dave acordarem.

“Por favor, você pode me ajudar?” O homem no seu portão estava obviamente desesperado. “Minha esposa – ela está grávida. Parece que ela entrou em trabalho de parto prematuro.”

Ele pediu para usar o telefone deles para chamar uma ambulância, e pediu emprestado tesoura e linha.

Pouco depois ele veio correndo de volta com um bebê enrolado em seu casaco. Uma senhora russa o seguia, trazendo a mãe do bebê que estava aos seus pés e ainda sangrava. Pam a trouxe para dentro de casa e a deitou até que uma ambulância chegasse. Uma médica retirou a placenta bem no meio da sala deles e depois disso a mãe e o bebê foram conduzidos para o hospital.

Poucos dias após este acontecimento Pam recebeu a notícia estarrecedora de que um incêndio havia destruído boa parte da casa de sua família em Wisconsin. Embora seus pais tivessem escapado sem ferimentos o trauma fez com que seu pai sofresse um leve ataque cardíaco. Como se isso não bastasse a ambulância que o estava levando para o hospital se envolveu em um acidente. Felizmente ele sobreviveu, mas acabou tendo que se submeter a uma cirurgia e colocar 4 pontes-safenas.

Ela recorda: “Era em tempos como estes que eu me divi-dia em duas, desejando estar com minha família a milhares de quilômetros de distância, mas sabendo que não podia deixar minhas responsabilidades no campo.”

“Tadjiquistão não é o fim do mundo” – Dave costuma dizer para alguns amigos – “mas você consegue enxergá-lo daqui.”

A Ásia Central não oferece muitas opções para liberar o estresse. Não há restaurantes modernos para um jantar relaxante fora de casa. Não há pistas de boliche, ou quadras de tênis, ou piscinas. Também não tem canais de TV em inglês, embora eles pudessem assistir vídeos que haviam comprado ou que os amigos enviavam pra eles. A família saía para caminhadas esporádicas nas montanhas, para terem um tempo juntos, e nos últimos anos eles adquiriram sua própria dacha ou cabana para darem uma relaxada, com seu próprio jardim e lugar para nadar.

Mas Pam sentia muita falta de seus cavalos. Ela freqüentemente sonhava em comprar um, mas tinha que lidar com o fato de que não era culturalmente aceitável o fato de mulheres cavalgarem. Até mesmo andar sozinha na cidade era perigoso. Havia relatos de meninas e mulheres que eram molestadas ou puxadas para dentro de carros e estupradas. A violência da máfia florescia em uma atmosfera de instabilidade política.

Breves saídas para os Estados Unidos ou outros países a cada ano eram essenciais para sobrevivência. Além da chance de consultar com dentistas e médicos, e de cuidar de negócios relacionados com o ministério, aqueles eram tempos preciosos para colocar em dia os assuntos com os amigos e membros da família. Pam ficou feliz em ser capaz de ajudar seus pais a se mudarem para a casa reformada durante a sua segunda visita de volta ao país. Na fazenda a família andava à cavalo, acampava, pescava, andava de canoa e nadava até cansarem. Eles também fizeram algumas viagens à Disneylândia. Em um outro ano a igreja deles forneceu uma casa pra eles longe dos familiares no Lago Wisconsin.

Os Lovetts estavam na estrada para umas férias como esta em Junho de 1994 quando os documentos de viagem deles desapareceram. Pam estava completamente ocupada em cuidar de sua filha doente dentro do vôo para Moscou que não se lembrou da bolsa de couro que havia deixado debaixo do assento. Nela estavam todos os itens essenciais: passaportes, passagens para a continuação de sua viagem para Nova Iorque, até mesmo os cartões de crédito e dinheiro.

Em Moscou eles relataram sua perda para as autoridades no aeroporto, orando (imediatamente, mas sem muita esperança) para que de alguma forma a bolsa aparecesse. Então eles rodearam a cidade para pedirem novos passaportes, sacarem mais dinheiro dos Estados Unidos e conseguirem um lugar para passarem a noite. Eles estavam quase retornando para o aeroporto para pagar oitocentos dólares de taxas para um novo visto quando o impossível aconteceu: passagens, carteira e passaportes foram devolvidos intactos no balcão de informações do aeroporto. Às nove horas da noite eles estavam livres para darem continuidade à sua viagem.

Deus interveio em várias ocasiões para salvar o dia. Mas Satanás também nunca perdeu uma chance. Em meados dos anos noventa outro grupo de ajuda e agências não-governamentais entraram no Tadjiquistão. Algumas delas enviaram pessoas para trabalharem com o CADA. Quando duas famílias decidiram deixar a agência deles para irem para uma outra cujos pastos pareciam ser mais verdes foi um grande desapontamento. Por volta da mesma época, Pam e outro casal contraíram hepatite A. E então, para culminar, mil dólares foram roubados do cofre deles.

O espírito dos Lovetts afundou em uma maré baixa. Até mesmo a eletricidade da

cidade parecia conspirar contra eles, deixando sua casa sem energia por dias. Então alguém do escritório ligou o computador sem o transformador e o queimou. Pam escreveu: “Dave está pronto a desistir. E eu também... mas esta é uma nova oportunidade para confiar em Deus, para que seu propósito se cumpra.”

Os membros da equipe do CADA continuaram lutando, ajudando o povo Tadjique a reconstruir sua própria nação. Vinte e cinco mil tropas russas foram alojadas no país como mantenedoras da paz até 1997, quando a guerra civil oficialmente terminou, mas ocasionalmente havia estouros de violência. Naquela primavera o sistema de águas de Dushanbe foi infectado causando uma epidemia de tifo. Cinqüenta mil casos foram relatados dentro da cidade e em seus arredores.

Pam desejava iniciar outros ministérios com os pobres e oprimidos que viviam ao redor dela. Idéias iam desde resgatar meninas do abuso sexual até alimentar crianças de rua e com- partilhar com todos eles sobre o amor de Jesus. Ela até ima-ginava formas de alcançar os cambistas do mercado negro e a máfia. Mas o dia-a-dia exigia que ela cuidasse da família, cuidasse da educação das crianças e dos afazeres da casa, o que ocupava quase todo o seu tempo. Havia também as crises menores que sempre apareciam, por exemplo, como o cachorro adquirir cinomose e ter que receber cuidados ou os filhos contrairem piolhos, provavelmente de amigos, sendo necessária uma faxina geral na casa para limpeza e retirada dos piolhos dos lençóis e das roupas. Em 1999 um incêndio não tão pequeno atingiu a parede e o teto de sua casa. Aproximadamente seis meses depois um novo incêndio atingiu o escritório onde faziam traduções e o estúdio onde louvores estavam sendo gravados em Tadjique.

A saúde debilitada de Pam continuava piorando. Juntamente com os problemas de epidemias estomacais naquela parte do mundo ela passou por surtos de disenteria, infecções urinárias, alergias de pele, bronquite, hepatite, pedras na vesícula, pneumonia e intoxicação alimentar. Um fardo extra eram seus ataques de ansiedade e períodos de depressão causados por distúrbios químicos em seu corpo. Encontrar o tratamento correto no Tadjiquistão não foi fácil. Em um relato no seu diário datado de Maio de 1998 ela diz: Eu estou tão exausta. Na noite passada eu explodi na frente das crianças. Eu sou um péssimo exemplo. Como Deus pode me usar?

Vez após outra Deus mostrava que Seu poder se aperfeiçoava na fraqueza dela.

Pam conseguiu encontrar tempo para dar estudos bíblicos para amigas Tadjiques. Ver algumas delas se convertendo e dando seus primeiros passos com Cristo era uma de suas maiores alegrias. Houve um ano em que a equipe realizou um programa de Natal para centenas de mulheres e várias delas se tornaram cristãs. Conforme a igreja crescia também crescia a necessidade por Bíblias em Tadjique para crianças, evangelhos e outras literaturas básicas. Uma vez que encontraram uma professora para assumir as aulas com crianças deportadas Pam ficou livre para se envolver com projetos de tradução. Pouco depois ela já estava supervisionando uma equipe de sete tradutores Tadjiques. Ela também fazia cópias de vídeos cristãos. Algumas vezes Rachel a ajudava a copiar centenas de vídeos para o Tadjique, Russo, Uzbeque e Inglês para serem distribuídos por todo o país.

Em 1999 CADA tornou-se oficialmente parte de uma organização de Ajuda Humanitária chamada Operation Mercy. Dave também deixou o cargo de líder de equipe para que pudesse concentrar-se completamente no trabalho do CADA. A possibilidade surgiu para que se mudassem para outro país.

Pam teve dificuldade para aceitar sua nova função. A equipe da OM no Tadjiquistão era, no fim das contas, seu bebê. Eles haviam cuidado daquele campo durante todo seu processo doloroso de crescimento. Era difícil ver outra pessoa assumindo a liderança. Deixar isso me faz chorar – ela escreveu no seu diário. Creio que é um período de sofrimento pelo qual eu tenho que passar, como deixar um filho sair de casa... E ela acrescentou – Durante o período de oração hoje a noite foi incrível como o Espírito nos tocou para orarmos uns pelos outros.

Somente algum tempo depois, durante um período de descanso nos Estados Unidos é que Pam se pegou refletindo no quão Tadjique a família tinha se tornado na sua maneira de pensar e de agir. Rachel e Justin eram realmente crianças de uma “terceira cultura”, não eram completamente Tadjiques nem completamente Americanos. Eles haviam experimentado juntos um período difícil em Dushanbe, mas eles também se beneficiaram muito de seu estilo de educação não convencional. E ambos estavam convictos de seu amor pelo Senhor.

Felizmente a família Lovett não teve que desarmar sua tenda do Tadjiquistão. Um longo período de seca desencadeou a pior crise de comida em décadas e os contatos de Dave, bem como sua experiência naquela área, estavam sendo

urgentemente requisitados. Além da grande falta de produção de grãos o gado estava sendo contagiado com antraz (bacilo do carbúnculo). O país vizinho, Afeganistão, também estava sofrendo com a falta de chuva por três anos. Cada vez mais refugiados vinham para a fronteira com o Tadjiquistão fugindo tanto da repressão doTalibã quanto da fome.

A situação política do Tadjiquistão estava longe de ser consi-derada estável. No verão de 2001uma grande luta foi novamente travada entre facções rivais. Em algumas ocasiões os Lovetts ouviram tiros contra os rebeldes há apenas alguns quilômetros de sua casa. Bombas explodiram em várias partes da cidade e o próprio prefeito ficou gravemente ferido.

Ao mesmo tempo tensões religiosas estavam acontecendo. A maior parte da Ásia Central estava firmada no islamismo, embora um longo período de controle por parte da Rússia Comunista tivesse deixado uma parte da população sem uma fé profunda. Mas uma carta escrita pelo Chefe de Assuntos Religiosos do Tadjiquistão deixou vazar a informação de que eles estavam preocupados com o aumento das atividades de igrejas cristãs. Grupos locais começaram a experimentar agressões e ameaças por parte da KGB e de grupos islâmicos. Em outubro de 2000, num domingo de manhã, uma igreja foi escolhida e bombardeada durante o culto. Dez membros morreram e outros 100 ficaram feridos. Dave e Pam ajudaram a mobilizar pessoas para distribuir toneladas de comida, cobertores e roupas de inverno para os membros da igreja atingida que sobreviveram.

No ano seguinte uma outra organização cristã foi fechada em Dushanbe e seus trabalhadores receberam ordens para deixar o país. A esposa de um membro da equipe do CADA destruiu seu carro em um grande acidente rodoviário, porém ela conseguiu sair com vida. Mais trágico foi o acidente com uma criança de três anos de idade, filho de um dos membros da equipe, o qual teve que ser levado de avião para fora do país após uma panela com sopa fervendo ter caído sobre ele. Cinqüenta por cento do corpo de Levi sofreu queimaduras de terceiro grau. Cinco meses depois ele morreu.

Bem cedo na manhã da primeira semana de Setembro de 2001 quando a equipe estava gastando tempo em jejum e oração Pam acordou repentinamente de um pesadelo assustador. Ela disse para o Dave que estava com um pressentimento de que algo terrível estava para acontecer. Ela havia visto eles e seus colegas de pé no alto de um prédio muito alto. No sonho dela um avião estava voando

próximo e quando ele foi dar a volta sua asa bateu no prédio, cortando o topo, o qual caiu na água. Todos eles estavam sem ferimentos.

Dave tentou encorajá-la. Não havia prédios altos no Tadjiquistão. Para encontrar prédios tão altos ela teria que ir para Nova Iorque. Alguns dias depois eles ficaram pasmos quando o World Trade Center em Nova Iorque desintegrava-se na tela de sua televisão. A maioria dos Tadjiques condenou o ataque terrorista nos Estados Unidos. Seu país em breve ganharia destaque por ser uma base estratégica para impulsionar a luta da Aliança do Norte contra o Talibã. Enquanto isso, milhares de refugiados afegãos estavam retidos na fronteira sem comida, roupas ou abrigo. Sendo uma das poucas organizações de ajuda humanitária, CADA/Operation Mercy moveu-se rapidamente para salvar vidas.

Ao levar socorro por terra através daquele território perigoso eles conseguiram manter vivos milhares de famílias afegãs. Alguns ficaram acampados sob temperaturas congelantes por um longo inverno. Na primavera seguinte, quando a atenção do mundo já estava diminuindo, um grave terremoto no norte trouxe mais devastação. Dave rogou por médicos de emergência e suprimentos para auxiliar em seus recursos que já estavam no limite. Através deste esforço a equipe foi capaz de prover ajuda para mais de 500.000 afegãos e outros projetos foram iniciados em outras cidades importantes.

O verão de 2002 marcou quase 10 anos desde que a família Lovett chegou pela primeira vez no Tadjiquistão. Apesar das crises contínuas a família decidiu seguir com o plano de passar 12 meses nos Estados Unidos. O útero da Pam estava com problemas e ela tinha que retirar um dos ovários. Rachel e Justin mereciam a chance de redescobrirem suas raízes nacionalísticas. E a família estava ansiosa para renovar contatos com amigos e parentes, além de igrejas e mantenedores. É claro que mesmo deixando um Diretor no seu lugar Dave continuaria a supervisionar o trabalho no Tadjiquistão e no Afeganistão.

Somente Deus poderia decidir por quanto tempo a família Lovett iria continuar tendo a Ásia Central como lar. Rachel já estava com dezesseis anos e para garantir uma boa educação ela teria que freqüentar uma Escola Cristã em regime de internato. A nova função de Dave como Diretor Regional da Operation Mercy o faria passar ainda mais tempo longe de casa. Para Pam – bem, Pam estava certa de apenas uma coisa: a aventura ainda não tinha terminado. Nem terminaria enquanto o Senhor quisesse usar suas vidas – onde quer que fosse – para influenciar vidas por toda a eternidade.

ESTATÍSTICA DEMOGRÁFICA:

Infanticídio feminino:

O assassinato de meninas, antes e depois do nascimento, tem sido chamado de ‘o maior holocausto da história da humanidade’.1

Ao longo dos séculos a taxa de homicídios por causa do gênero chega ao número de mega-milhões. A prática de assassinar bebês meninas pelo fato de preferirem meninos vem desde o tempo da antiga Roma.

Índia:

Dois milhões de bebês são abortados por ano na Índia, a grande maioria deles é do sexo feminino.
O nascimento de uma menina para famílias pobres na Índia geralmente causa pavor. Uma filha eventualmente acaba casando e o dote para o casamento requer uma enorme quantia de dinheiro que pode levar a família a falência.2 Por esta razão muitos pais preferem que a vida da filha termine mesmo antes de começar.

Durante os anos 70 o aumento da prática de realizar testes para identificar o sexo da criança no período pré-natal elevou muito a taxa de abortos seletivos em função do sexo. Até mesmo famílias de castas mais altas podem considerar as filhas como um peso econômico e ver infanticídio como uma opção. Exame de ultrasom agora é ilegal, mas poucos (se é que existe) médicos são processados e exames para identificar o sexo, bem como clínicas de aborto, são comuns por toda parte. Suas propagandas induzem o investimento de algumas centenas de rúpias (7 dólares) para realizar um teste para identificar o sexo, economizando no futuro com o dote.

Aqueles que não podem pagar por um teste pré-natal devem esperar até darem à luz ao bebê. Meninas recém nascidas podem ser sufocadas, estranguladas ou simplesmente deixadas com fome até morrerem. Alguns bebês são alimentados com sal, leite misturado com veneno ou arroz seco com casca para perfurar a traquéia.

Em algumas vilas de Rajasthan, no norte da Índia, o nascimento de meninas não é permitido há anos. Como resultado deste desequilíbrio de gênero os homens da

tribo Gujar são forçados a compartilharem a esposa dentro da família.3

Apenas duas mães, em anos recentes, receberam prisão perpétua por infanticídio, algumas outras receberam sentença de seis meses a três anos. Entretanto, normalmente a mulher não tem escolha quanto à prática do infanticídio, a decisão é tomada pelo esposo da mulher ou por parentes do esposo. Ela deve obedecer ou sofrer a pena.4

O censo de 2001 na Índia apresentou a menor taxa do mundo ao comparar mulheres com homens: 927 meninas para cada 1000 nascimentos de meninos. Cinco estados tinham menos de 880 mulheres para cada 1000 homens. A estatística comum é de 1050 mulheres para cada 100 homens. O relatório do governo da Índia realizado em outubro de 2003 intitulado Faltando: Mapeamento da Taxa de Gênero Contraditória na Índia confirma que mais infanticídios e feticídeos estão ocorrendo agora do que há uma década atrás.5

China:

A Organização Mundial de Saúde estima que mais de 50 milhões de mulheres estão desaparecidas na China por causa da matança institucionalizada e a negligência para com as meninas.

Infanticídio de meninas na China vem desde antes dos dias da Pré-República. Filhas têm sido chamadas de “larvas no arroz” porque elas consomem comida que poderia ser data para alimentar meninos. Na cultura chinesa o homem pode ga-nhar mais e é o filho que cuida dos pais quando ficam velhos. Embora o infanticídio feminino tenha quase desaparecido no período dos anos 50 e 70 ele ressurgiu nos anos 80 depois da imposição da regra de ter apenas um filho. O governo agora baniu o uso do ultrasom para identificar o sexo do bebê, mas muitos médicos ainda o realizam.

Um censo nacional realizado em 2002 mostrou um desequilíbrio de mais de 116 registros de nascimento de meninos para cada 100 nascimentos de meninas. Pessoas do governo em Pequim temem que isso prejudicará o futuro social do país, bem como sua estabilidade econômica e promoverá a comercialização de mulheres raptadas.6

Até o final do século passado as meninas normalmente não recebiam nenhum nome. Hoje as meninas que nascem em áreas rurais ainda recebem nomes como

Alidi, Zhaodi ou Yindi que significa ‘traga um irmãozinho’.

Notas:
1. Joseph Farah, ‘Disfarce do genocídio na China’, Centro de Jornalismo Ocidental/Free Republic, 29 de Setembro de 1997.
2 . Dotes podem custar muito mais do que o chefe da família chega a ganhar em um ano.
3 . India Today, 3 de Setembro de 2003.
4 . Sampath Kumar, ‘Campanha dos Direitos na Índia para mães infanticidas’, BBC News Online, 17 de Julho de 2003.
5 . Este relatório foi publicado como resultado de um esforço mútuo entre o Registro Civil da Índia, Departamento de Assistência Social da Família e o Fundo da População das Nações Unidas.
6 . John Gittings, ‘Crescimento do desequilíbrio de gêneros abala a China’, The Guardian, 13 de Maio de 2002.

ESTATÍSTICA DEMOGRÁFICA:

Circuncisão feminina:

Estima-se que 130 milhões de meninas e mulheres ao redor do mundo tenham sofrido de circuncisão feminina, até mesmo no Ocidente. Seis mil meninas por dia estão ameaçadas.

O QUE É CIRCUNCISÃO FEMININA?

Circuncisão feminina, mais precisamente chamada de mutilação genital feminina (MGF) refere-se a remoção de parte ou de toda a genitália feminina. Há 3 tipos – a prática mais severa é a infibulação, realizada em aproximadamente 15 por cento das garotas que passam pela MGF. O procedimento envolve a remoção de parte ou todo o clitóris (clitoriotomia), amputação (remoção de parte ou todo o lábio menor), e o corte do lábio maior para criar uma superfície lisa.1 A grande maioria de MGF na África consiste da clitoriotomia ou amputação. Ela também é praticada no Oriente Médio: Egito, Omã, Iêmen e nos Emirados Árabes Unidos. Em Djibuti estima-se que 95% das mulheres são infibuladas.

A circuncisão pode ser realizada a qualquer momento desde o nascimento de uma menina até sua primeira gravidez. Algumas vezes é tida como um ritual de chegada a uma certa idade mas o período em que é mais comumente praticada é entre 4 e 8 anos de idade. A pessoa que a realiza pode ser uma mulher mais velha, um barbeiro, uma parteira, um curandeiro tradicional ou um médico.

Somente os ricos têm acesso a médicos e anestesias. A grande maioria das

meninas não passa por nenhum preparo nem recebe anestésicos. Elas são simplesmente seguradas enquanto o ‘cirurgião’ responsável realiza o ato com um vidro quebrado, tampa de lata, tesoura, navalha ou algum outro instrumento cortante. Talco anticéptico algumas vezes é aplicado, mas o mais comum é uma pasta de ervas, leite, ovos, cinzas ou esterco, o qual acredita-se facilitar a cura. A menina pode ser levada para um lugar especial com o objetivo de recuperar-se, e no caso de ser uma mutilação como parte de um ritual de iniciação ela recebe ensinamentos a respeito da tradição.

Por que realizar MGF?

Na maioria das sociedades onde a circuncisão feminina é praticada a mesma está profundamente enraizada na tradição. Uma menina não é aceita como mulher, e muito menos para se casar, se não passar por este ritual. Ela é considerada impura. Os pais também defendem o MGF como uma maneira de manter a castidade de suas filhas uma vez que isso reduz o desejo sexual delas (embora muitos erroneamente acreditem que isso aumenta a fertilidade). Infibulação, em particular, é visto como uma maneira de manter a honra da família.

Embora não haja nenhum texto no Corão que ordene esta prática, hoje uma em cada cinco meninas muçulmanas vive em uma comunidade que aprova alguma forma de MGF. Poucos líderes religiosos têm falado contra isso.

Em alguns países africanos mais da metade de todas as mu-lheres e meninas já passaram pela circuncisão feminina. Este número não está diminuindo.

“Como podemos deixar nossas filhas sem serem circuncidadas?” – perguntou o prefeito de uma cidade no Egito. “O governo pode fazer o que quer e nós também podemos fazer o que queremos. Todos nós iremos circuncidar nossas filhas, não importa qual seja a punição.” Osman Antar, prefeito de Sabee, no Egito, falando para um no-ticiário em 6 de Janeiro de 1998.2

Uma professora de biologia no Sudão de 43 anos de idade explicou: “Somos levadas a crer que toda sorte de coisas ruins irão acontecer se não formos circuncidadas. Isso é feito quando são tão novas... na época não se dão conta do que foi feito e os problemas que surgem mais tarde, quando já são mulheres, parecem não ter conexão com aquilo.” De uma entrevista com Eclas, uma professora de biologia sudanesa de 43 anos.3

Consequências:

Meninas submetidas a MGF sofrem traumas psicológicos e dor. Hemorragia e danificação dos tecidos podem levar à morte. Nos dias posteriores normalmente se desenvolvem infecções graves e abcessos (lesões supuradas). Infibulação também leva à longas infecções no trato urinário, lesão nos rins, cálculos, infecção por obstrução do fluxo menstrual e até infertilidade.

Um possível perigo adicional em todos os tipos de MGF é que o uso repetitivo do mesmo instrumento em várias meninas, como às vezes ocorre, pode infectar pessoas com o HIV. Um dano permanente na área genital pode aumentar também o risco de transmissão do HIV durante o intercurso.

Muitas mulheres relatam que em sua noite de núpcias o marido teve que usar uma faca para ampliar a abertura possibilitando o intercurso. Como se pode imaginar, uma cirurgia improvisada como esta pode causar danos ainda maiores em jovens esposas.

Durante o parto cicatrizes no tecido causada pela MGF podem se romper. Mulheres que foram infibuladas precisam ser cortadas para conseguirem dar à luz. Após cada parto a abertura é costurada novamente.4

Notas:

1. Lábios menores referem-se às dobras interiores da pele que rodeiam a vagina; lábios maiores referem-se aos exteriores.
2. Osman Antar,"Fundamentalistas egípcios ignorando a proibição da circuncisão feminina", 6 de Janeiro de 1998, Agência Imprensa Francesa.
3. Hanny Lightfoot-Klein, Prisioneiras do Ritual: Odisséia sobre a Circuncisão Genital Feminina na África, (Binghamton, Nova Iorque, Harrington Park Press, 1989) p. 116.
4. Mutilação Genital Feminina: um pacote de informações dos direitos humanos, Anistia Internacional. Ver: {http://www.amnesty.org/ailib/intcam/femgen/fgm1.htm}.

Capítulo 5

Círculo Completo

‘Comer pão sem esperança é continuar morrendo vagarosamente de fome.’ Pearl s. Buck

Quase todo mundo já ouviu falar dos campos de extermínio do Vietnã Comunista. Para a maioria eles são apenas história, mas para Cindy Lee e sua família a realidade daquele terror jamais irá desaparecer completamente. Nenhum deles irá esquecer a decisão que tomaram em 1978 de arriscar tudo para fugir.

A família Lee traçou seu plano cuidadosamente. Sabendo que aumentariam suas chances de sobrevivência ao se dividirem a jovem Cindy, com dezoito anos, formou par com um de seus irmãos que tinha cinco anos de idade. Os dois foram escolhidos para fazerem a primeira tentativa de deixar o país. Sua rota de fuga acabou tornando-se uma armadilha. Ambos foram presos. Somente depois de sofrerem por um mês dentro da prisão é que a família ficou sabendo do ocorrido. Eles conseguiram comprar sua fiança com um suborno.

Numa outra ocasião o tio de Cindy armou a fuga. Juntamente com a família dele, sua mãe e uma de suas irmãs se apertaram em um barco de dez metros junto com outros 700 refugiados desesperados. Quase todos os homens estavam deitados espremidos em fileiras, lado a lado, como sardinhas. A embarcação estava tão acima do peso máximo de segurança permitida que alguns possíveis passageiros mudaram de idéia. No entanto, estas pessoas foram agredidas e forçadas a entrarem no barco. O encarregado já tinha recebido o dinheiro e não queria correr o risco de ser descoberto.

Sob a proteção da noite o barco navegou silenciosamente para o Mar do sul da China. Homens, mulheres e crianças a bordo abraçavam os poucos pertences que tinham. O terror se mistu-rava com a esperança. Eles não tinham idéia para onde estavam indo. A embarcação estava simplesmente seguindo as correntes do sul. O sol escaldante pôs-se acima deles e as horas passavam vagarosamente. Então, quando eles estavam se afastando das águas vietnamitas avistaram as velas de um grande barco no horizonte. Os refugiados o assistiam se aproximando com grande entusiasmo. Certamente isso significava resgate e ajuda. Mas sua alegria

se transformou em um terror doentio quando identificaram a bandeira flamejando no mastro da embarcação: uma caveira e ossos cruzados. Piratas! Eles estavam prestes a serem abordados por uma das mais famosas gangues que pe-rambulavam naquelas águas em busca de espólio. Os refugiados gritavam enquanto os bandidos colocavam-se ao lado, lançavam sua âncora para o outro barco e rapidamente o invadiam ostentando suas armas.

Cindy sabia que não deveriam esperar misericórdia. A maior parte da provisão que tinham e quaisquer que fossem seus pertences seriam roubados. Assim como as outras meninas e mu-lheres ela estremeceu. Ela havia ouvido várias lendas a respeito destes homens, mas nunca acreditou que um dia iria encontrar-se cara a cara com eles. Mas então os piratas começaram a separar os homens das mulheres em barcos diferentes. Se ela fosse fazer alguma coisa era melhor que fizesse rápido. Cindy esquivou-se no meio do barulho e da confusão geral e foi para dentro da área que era usada para cozinhar. Rapidamente ela colocou em seu rosto uma graxa preta que encontrou em um pote. Então, ela viu uma jaqueta imunda que estava um trapo e a vestiu esperando desesperadamente que se parecesse como um repelente, pois é assim que ela estava cheirando.

Mas o que ela poderia fazer com seu colar de jade? E seu anel? Eram as duas únicas coisas que ela tinha de valor e serviria de seguro para o futuro. Ela empurrou o anel para dentro da boca e tentou engoli-lo. Ele recusou-se a descer, então com apenas alguns segundos restantes ela enrolou o colar no anel e colocou ambos em seu cabelo.

Será que os piratas descobririam o tesouro? Cindy tremeu quando os homens fixaram os olhos sobre ela. Com uma baforada repulsiva eles foram embora. Por que se incomodar com ela quando eles já tinham escolhido mulheres mais atrativas?

Quando os piratas finalmente terminaram o que queriam os passageiros foram reunidos novamente como se fossem gado e eles partiram outra vez. Ao todo eles passaram sete dias intermináveis no mar, sofrendo vertigens por causa da fome, com sede e enfermos. Eles foram abordados por piratas outras três vezes. Em cada uma delas Cindy conseguiu proteger-se. Em uma delas eles lançaram uma menina para fora do barco. Os outros passageiros lançaram uma corda ao mar e a trouxeram de volta a bordo. Havia muito pouca comida para seguir adiante. O estômago de Cindy doía e seu pescoço estava coberto de chagas por causa da água salgada que lhe salpicava. Durante aquela semana três bebês

foram acrescentados ao barco que já estava superlotado.

Finalmente eles se aproximaram de terra firme. Um barco de pesca se aproximou e seu dono disse que poderia mostrar a eles para onde ir se dessem ouro pra ele. Os refugiados vieram com um par de brincos de ouro e o homem os instrui a permanece-rem onde estavam. Pouco depois dele sair um grande navio da marinha malasiana apareceu e os refugiados celebraram. Agora eles tinham certeza de que seriam levados para um acampamento de refugiados. Ali eles pelo menos estariam a salvo, teriam abrigo e seriam alimentados em terra firme.

Mas não foi o que aconteceu. Com grande tristeza o grupo se viu sendo direcionado de volta para o mar. Após várias horas eles se separaram e receberam ordens para seguir adiante.

Um dia depois eles avistaram uma pequena ilha que fazia parte do arquipélago da Indonésia. Desta vez, desesperados, eles destruíram o barco para que não fossem expulsos novamente. Algumas pessoas nadaram até a costa, os velhos e os bem novos foram em canoas fornecidas pelos locais. Cindy vendeu um pedaço valioso de seu colar de jade para comprar comida.

Posteriormente as autoridades transportaram os refugiados para um acampamento na ilha Kulu, onde foram deixados para sobreviverem em condições muito básicas até o ano seguinte. Mas pior do que a situação em que estavam era a ansiedade extrema que sentiam pela falta dos entes queridos. Cindy não recebia nenhuma notícia do resto de sua família há seis meses. Então seu tio conseguiu trocar o dinheiro que tinha guardado por um rádio quebrado. A partir de então todas as noites eles se amontoavam sobre o rádio, esforçando-se para ouvirem a estação especial de rádio que emitia notícias sobre refugiados a partir da Austrália. Parentes que haviam conseguido chegar a outras partes do mundo também ouviam esta estação. Todos estavam desesperados por ouvir alguma palavra dos membros da família que haviam se separado.

Então, numa certa noite, quando a estação falhava quase continuamente por causa de interferência, o tio da Cindy começou a mexer desesperadamente no botão para sintonizá-lo, e uma mensagem saiu claramente através da estática: ‘Esta é a irmã número dez Amy Lee, escolhendo esta música para minha irmã Cindy Lee. Estamos em um acampamento para refugiados na Malásia, a caminho do Canadá’.

Cindy sempre chora ao lembrar-se deste momento. Os nomes de centenas de pessoas eram citados naquele programa de rádio a cada noite. Ela poderia ter perdido as palavras da irmã tão facilmente, mas não perdeu. Mais tarde Cindy descobriu que sua irmã número um – que já estava a salvo no Canadá – também ouviu por acaso a mensagem daquela estação naquela mesma noite. Foi um milagre.

Cindy vendeu outra parte do colar de jade. Desta vez, com o dinheiro que conseguiu, ela enviou um telegrama para sua irmã mais velha que ainda estava no Vietnã para que soubesse onde ela, a mãe e a irmã estavam. Esta irmã escreveu para o resto da família quando chegaram à Colúmbia Britânica. Eles, por sua vez, solicitaram imediatamente ao governo a permissão para a imigração de mais três membros de sua família, colocando-se como responsáveis. O governo recusou, afirmando que eles não recebiam o suficiente. A família recorreu então à Associação Chinesa, que também negou ajuda. Mas uma amiga da irmã da Cindy, da escola cristã em Vancouver, ouviu sobre a situação e compartilhou sobre ela com sua igreja. Os membros da Igreja Aliança de Kamloops decidiram se envolver.

Cindy, sua mãe e sua irmã foram informadas de que receberiam apoio. As três foram colocadas em um avião e voaram da Indonésia para Vancouver, fazendo uma parada no meio do caminho em um Centro de Imigração do Exército em Montreal, Quebec. Neste local foi pedido às mulheres para retirarem suas roupas velhas. Uma vez que as tiraram, elas foram lavadas com um esguicho. Tratadas como animais, Cindy tremia por causa do frio e da humilhação. Este foi outro momento que ela não esqueceria com facilidade.

Mas a igreja de Vancouver deu uma recepção calorosa para as recém-chegadas. Eles conseguiram uma casa bem mobiliada e encheram a geladeira com comida. Eles até forneceram uma mesada para ajudá-las a suprir as necessidades imediatas.

Mas Cindy estava orgulhosa. Ela havia sobrevivido ao bu-dismo, comunismo, a brutalidade da prisão e aos ataques dos piratas. Ela não queria ficar dependente de ninguém neste novo país. Ela conseguiu um emprego como arrumadeira de hotel e começou a trabalhar imediatamente. Mas mesmo ganhando seu próprio salário ela se sentia vazia e alienada de todos. Todos os dias ela passava por um rio para chegar ao hotel. Passados alguns meses ela começou a olhar para aquele rio de uma maneira diferente. Suicídio seria muito fácil, ela pensou, rápido

demais. Muito melhor do que viver sozinha e infeliz, sentindo-se dife-rente dos demais.

Um dia, uma amiga da igreja ligou. Ela disse pra Cindy que alunos do Seminário Regina tinham vindo para a cidade e que um deles falava cantonês. Cindy falava muito pouco inglês então ela e a irmã Wendy foram participar do programa. Elas ouviram os alunos chineses ao compartilharem sobre João 3:16 e explicar como Deus tinha amado todos no mundo, ao ponto de enviar seu único Filho. Quando ele perguntou se elas queriam aceitar a Jesus, ambas estavam prontas para dizerem sim.

Após um ano em Kamloops Cindy encontrou um emprego melhor em Calgary, no Canadá, e mudou-se para lá com sua mãe, seu irmão e uma de suas irmãs. Ela começou a freqüentar uma igreja de refugiados vietnamitas e estudou duro para completar o 2º grau. Por quatro anos ela trabalhou para a Associação de Jovens Cristãos, traduzindo e ensinando inglês como segunda língua para refugiados idosos. Depois ela pegou um empréstimo educacional para estudar por mais um ano e tornar-se assistente de professor. Durante seus estudos Cindy conheceu estudantes cristãos de outros países que a incentivaram a ir para um Seminário. Em 1988, com a ajuda de Deus para prover as finanças, ela matriculou-se no Seminário Prairie.

O dinheiro para as mensalidades continuou chegando através de pequenas ofertas ao longo dos quatro anos seguintes. Como muitos alunos no Praire, Cindy sentia cada vez mais forte que o Senhor a estava chamando para ajudar a edificar o seu Reino ao redor do mundo. Ao graduar-se em 1992 ela estava convencida de que deveria unir-se ao navio da Operação Mobilização, o MV Doulos. No entanto, primeiro ela teria que pagar 7 mil dólares referente ao seu empréstimo educacional. Nos cinco meses seguintes ela trabalhou dez horas por dia, sete dias por semana, até que conseguiu o suficiente.

Cindy ingressou no Doulos em 1993. Muito do sustento que ela recebeu durante aqueles dois anos veio através de amigos do Seminário. Cindy trabalhou na livraria do navio, ajudou com detalhes de viagens para novos tripulantes e compartilhou sobre sua fé com centenas de pessoas em lugares como África do Sul, Oriente Médio, Índia e Leste Europeu. O melhor deste tempo todo foram as oportunidades de testemunhar para outros vietnamitas com quem ela encontrava ao longo do caminho.

Ela sentia que esta era a razão pela qual ela havia sido poupada: para compartilhar as boas novas do amor de Jesus com aqueles que nunca tiveram a chance que ela teve.

Cindy retornou para Vancouver após terminar seu compromisso com o navio, cheia de idéias para seu futuro. Ela havia aprendido muito na “marinha de Deus”. Talvez ela pudesse se alistar para servir por mais dois anos. Ou talvez pudesse fazer o que outros crentes chineses, os quais ela havia conhecido no Doulos, tinham sugerido a ela: estudar Mandarim dentro da China e realizar outros ministérios entre os chineses.

Porém, quando surgiu uma oportunidade para ela retornar ao Vietnã como professora ela sabia que era a direção certa a tomar. Embora o governo proibisse todo tipo de atividade religiosa uma igreja viva e vibrante estava emergindo no meio de anos de perseguição. Ela queria fazer parte, ajudando esta igreja a crescer.

Cindy fez uma oração sincera de gratidão dentro de um avião que a levou facilmente sobre aquela vasta amplidão de água que um dia ela havia cruzado em um barco. Ela havia nascido em uma família budista e os negócios dos pais dela forçaram-na a vender ídolos no Vietnã. Se ela não tivesse ouvido a estação de rádio do acampamento de refugiados talvez ela jamais teria ido para o Canadá e jamais teria ouvido falar de Cristo. Ela teria vivido com a família do seu tio que ainda era budista. Mas Deus havia mantido sua mão sobre ela e agora ela tinha completado todo o círculo.

Cindy sorriu, lembrou-se das palavras que ela havia escolhido como lema para a vida: “Quem sabe não foi para um momento como este que foste escolhida como rainha?” (Ester 5:14). Usa-me, Senhor – ela suspirou – assim como usaste Ester. Por favor, ajuda-me a levar esperança e cura para meu povo, pois sem Ti eu não posso fazer nada.

ESTATÍSTICA DEMOGRÁFICA:

Meninas soldados:

Dezenas de milhares de meninas estão entre as 300.000 crianças que lutam hoje em conflitos armados. Algumas delas carregam armas completamente automáticas tendo apenas sete ou oito anos.

Algumas vezes as crianças são chamadas de soldados invisíveis porque os governos negam sua existência. Elas são mantidas longe da atenção da mídia, e normalmente acabam desaparecendo quer por assassinato, mutilação ou abandono.

Uma garota de quatorze anos de idade que foi seqüestrada para servir um grupo de rebeldes em Serra Leoa disse: 'Eu já vi pessoas tendo as mãos cortadas, uma garota de dez anos de idade sendo estuprada e que depois morreu, além de vários homens e mulheres sendo queimados vivos... Muitas vezes eu chorei só dentro do meu coração, porque não tinha coragem de chorar em voz alta.'1

Por que meninas?

Tanto meninos como meninas normalmente são úteis para co-zinhar, buscar água e lavar roupas para um exército. Eles também podem carregar suprimentos e equipamentos. Mas meninas adolescentes podem ser entregues para guerreiros rebeldes como esposas ou escravas sexuais.

O número de garotas que tem agido em combate tem aumentado. Os Khmer-Vermelhos de Camboja colocavam as meninas na linha de frente para receberem o pior da batalha ou eram enviadas para território inimigo para atuarem como detectores de minas humanos ou espiãs.

Susan, uma garota de dezesseis anos de idade que foi raptada na Uganda, falou de sua experiência: "Um garoto tentou escapar, mas foi pego... suas mãos foram amarradas e fizeram com que nós, que éramos novos no cativeiro, o matássemos com uma vara. Eu já conhecia aquele menino. Éramos da mesma vila. Eu me recusei a matá-lo e eles disseram que iriam atirar em mim. Eles apontaram uma arma pra mim, e aí eu tive que fazer isso. O garoto ficava me perguntando por que você está fazendo isso?

Eu dizia que não tinha escolha. Depois de matá-lo eles nos fizeram lambuzar os braços com o sangue dele... Eles disseram que tínhamos que fazer isso para que não tivéssemos medo da morte e assim não tentar escapar... Eu ainda sonho com o garoto da minha vila que eu matei. Eu o vejo nos meus sonhos e ele fica falando comigo, dizendo que eu o matei por nada e eu fico chorando."2

Como se recrutam as meninas?

Alguns governos fazem com que seja obrigatório o serviço nas forças armadas para as meninas com menos de dezoito anos. Isso inclui os países que assinaram o Protocolo Opcional das Nações Unidas os quais eram contrários a esta prática no ano de 2002. No Iêmen o engajamento militar inicia aos quatorze anos. Quase a metade das forças armadas da Bolívia tem menos de dezoito anos de idade. Crianças em alguns lugares recebem tiros por tentarem escapar do recrutamento.

Grupos rebeldes raptam milhares de crianças de suas casas, na própria rua, ou os obrigam a servir. Na Birmânia grupos inteiros de crianças na idade entre quinze e dezessete anos são cercados nas escolas e recrutados à força.3

Pais carentes podem dar ou vender suas filhas para grupos armados. De acordo com um estudo feito em Serra Leoa muitas mães se enchem de alegria ao verem suas filhas de dez anos vestidas com a fardas novas do exército, carregando um AK-47. Para algumas famílias os produtos saqueados que as meninas soldados trazem pra casa as convencem ainda mais sobre a necessidade de enviar mais meninas para a frente da batalha a fim de aumentar seus recursos tão escassos.4

Um número significativo de meninas se oferecem como voluntárias. Talvez sejam motivadas idealisticamente ou talvez desejem se vingar da violência impetrada contra suas famílias. Outras se oferecem como voluntárias para escapar do abuso e da exploração em seus lares. Algumas meninas simplesmente se envolvem para receber alimento e roupas. Em Serra Leoa uma jovem membro do exército rebelde explicou: “Me disseram que eu podia escolher sapatos e vestidos. Eu nunca tinha tido sapatos bons.”

As consequências:

As meninas soldados são privadas de sua infância, da interação social normal e das oportunidades de educação. Em geral, os traumas pelas quais passam as deixam com culpa, vergonha, baixa auto-estima, pesadelos e depressão a longo prazo. Treinadas para esquecerem seus lares e famílias algumas nunca encontram o caminho de volta para suas aldeias. É muito provável que rejeitem as que regressam por estarem ‘estragadas’, não importando se foram recrutadas à força ou não.

As meninas feridas em combate podem ser abandonadas ou permanecerem incapazes de receber tratamento médico adequado. As seqüelas mais comuns são perda dos membros, surdez ou cegueira. Um alto número de meninas vítimas de

violência sexual contrai a AIDS ou outras doenças. Algumas precisam dar atenção extra para bebês, os quais também ficam estigmatizados. São poucos os países que deixaram de ter crianças soldado e que hoje estão equipados para lidar com tais problemas.

O Sudão é conhecido por ter um dos piores registros de crianças soldado, forçando o recrutamento de milhares delas com apenas doze anos. O exército maldosamente chamado de 'Exército da Resistência do Senhor' no Norte de Uganda tem raptado de forma sistemática mais de vinte mil crianças ao longo dos últimos dezesseis anos, os números mostram que só no último ano foram cinco mil meninas. No ano de 2003 quarenta e cinco crianças se afogaram ao serem forçadas a entrar em um rio a fim de verificar sua profundidade.

Um terço das crianças soldado em El Salvador, Etiópia, Eritréia e Uganda é formado por meninas. É assim também entre 30% a 40% das crianças que combatem em Angola e Serra Leoa, e em 10% no Curdistão. Relata-se que o Sendero Luminoso no Peru tem um dos maiores contingentes femininos comparado com qualquer grupo armado no mundo. No Sirilanka as pequenas meninas Tamil, normalmente órfãs, têm sido sistematicamente recrutadas desde meados dos anos 80 pela organização Tigres da Libertação de Tamil. Seu foco mais recente de recrutamento nas escolas se concentra nas meninas.5

Em fevereiro de 2002 passou a vigorar o Protocolo Opcional para a Convenção das Nações Unidas a respeito dos Direitos da Criança nos conflitos armados. O tratado eleva a idade de participação obrigatória em conflitos armados de quinze para dezoito anos. Isso representa um avanço significativo para a proteção dos direitos das crianças.

Para saber quais governos ainda não assinaram este acordo, visite a página da internet da Anistia Internacional, descrita no Anexo 2.

Notas:

1. 'Meninas com Armas: uma agenda sobre Crianças Soldado para "Pequim Mais Cinco", Coalisão para deter o uso das meninas como soldados, Reino Unido, (http://www.chld-soldiers.org)
2. 'Meninas com Armas: uma agenda sobre Crianças Soldado para "Pequim Mais Cinco", Coalisão para deter o uso das meninas como soldados, Reino Unido
3. "Os soldados invisíveis: Crianças Combatentes", The Defense Monitor, Centro para Informação de Defesa, Julho 1997.
4. "Os soldados invisíveis: Crianças Combatentes", Julho 1997.
5. Fua Twum-Dnas, 'Os soldados mais jovens da África: A co-opção da infância', publicado na Monografia No. 82, Abril 2003.

ESTATÍSTICA DEMOGRÁFICA:

Saúde – Expectativa de vida:

Mundialmente:
Aproximadamente 1.3 bilhão de pessoas não têm acesso a água potável. A cada oito segundos uma criança morre devido a enfermidade relacionada com a água. A água suja mata por ano de 3 a 4 milhões de homens, mulheres e crianças.1

A tuberculose é a maior assassina de moças em todo o mundo. Mais de 900 milhões de mulheres, na sua maioria entre 15 e 44 anos estão infectadas; 1 milhão irá morrer e outras 2.5 milhões ficarão doentes neste ano. Em algumas partes do mundo o estigma que acompanha a tuberculose conduz ao isolamento, abandono ou divórcio.2

Cerca de 200 milhões de pessoas ao redor do globo estão infectadas por uma doença causada por um parasita chamado esquistossomose, causada por águas rasas contaminadas. Vinte milhões sofrem conseqüências severas, tais como falência renal ou câncer de bexiga. A doença é endêmica em 76 países.3

A deficiência de vitamina D afeta o crescimento de 30% das crianças na China, sul da Ásia e África, e reduz também sua resistência contra enfermidades. Mais de 25% das crianças chinesas e 37% das crianças da Mongólia são diagnosticadas com raquitismo de diversos graus.4

Pelo menos 250.000 crianças por ano perdem a visão devido a falta de uma pequena quantidade de vitamina A em sua dieta.

Mais de 30% da população mundial – mais de 2 bilhões de pessoas – são anêmicas, principalmente devido à deficiência de ferro. Este tipo de anemia está causando a morte de aproximadamente 50.000 mulheres por ano durante o parto.5

A deficiência de iodo durante a gravidez faz com que anualmente vinte milhões de bebês nasçam com deficiência mental.6

Afeganistão:
A expectativa de vida das mulheres é de 46 anos. Ocorrem 16.000 mortes

maternas por ano o que faz com que este seja o segundo país com maior taxa de mortalidade materna no mundo. Apenas 12% das mulheres têm acesso a cuidados de obstetrícia. As afegãs também sofrem da mais alta taxa de tuberculose no mundo. Em 70% dos casos isso ocorre durante o período fértil.7 Cerca de 70% da população está desnutrida e somente 13% tem acesso a água tratada e segura.8

China:
O descaso com as filhas é dramaticamente evidente. De acordo com a Organização Mundial de Saúde: 'Em muitos casos as mães são mais propensas a trazerem seus filhos homens aos postos de saúde (principalmente aos médicos particulares) e meninos recebem tratamento em um estágio mais inicial da doença se comparado com as meninas.'9

Índia:
Em muitos lares indianos as mulheres são os últimos membros da família a comer. Em geral sobrevivem das sobras. De acordo com a UNICEF 47% das crianças menores de três anos estão desnutridas e 50% das mulheres são anêmicas.

Iêmen:
Dois terços das crianças com desnutrição são meninas.

Zâmbia:
Uma em cada cinco crianças morre antes de completar cinco anos de idade.

EXPECTATIVA DE VIDA PARA MULHERES BASEADA EM ESTIMATIVAS DE 2003

Os 10 países mais baixos		Os 10 países mais altos	
País	Idade (anos)	País	Idade (anos)
Moçambique	31.6	Andorra	86.6
Botsuana	32.3	San Marino	85.3
Zâmbia	35.3	Macau	84.8
Lesoto	37.1	Japão	84.4
Angola	37.8	Canadá	83.4
Suazilândia	37.9	Mônaco	83.4
Zimbábue	37.9	França	83.1
Malaui	38.3	Guernesei	83.1
Ruanda	40.2	Austrália	83.1
Namíbia	41.2	Suíça	83.0

Fonte: CIA World Factbook, Washington, DC: Central Intelligence Agency,2003

Mortalidade infantil:

Moçambique tem 199 mortes a cada 1.000 nascimentos, seguido por Angola com 193.8 e Serra Leoa com 146.9. Compare estas altas taxas de mortalidade com países tipo Japão com apenas 3.3 mortes em cada 1.000 nascimentos, Suécia e Islândia que têm 3.4 e 3.5 mortes para cada 1.000 nascimentos respectivamente.

A malária rouba a vida de quase 3.000 crianças africanas por dia. Uma família africana com rendimentos muito baixos pode gastar 19 dólares por ano com tratamento contra malária, dentro de um rendimento anual de 68 dólares. Estima-se que a anemia causada pela malária resulta num total de 10.000 mortes maternas por ano.

A diarréia matou mais crianças nos últimos dez anos do que todas as pessoas assassinadas em conflitos armados desde a Segunda Guerra Mundial. Aproximadamente 7.000 crianças morrem por ano devido à desidratação causada pela diarréia.

Notas:

1. Peter H. Gleick, 'Água suja: mortes estimadas por doenças causa das pela água 2000-2020' – Relatório do Instituto de Pesquisa do Pacífico, 15 de Agosto de 2002.
2. 'Defesa da Tuberculose, Um guia prático', Programa Global de uberculose – OMS
3. Relatório de Balanço de Doença: Esquistossomose. Ver (http://www.worldwaterday.org/2001/disease/schistosomiasis.html)
4. Veja site da UNICEF: (http://www.unicef.org/infobycountry/china.html)
5. Informe da UNICEF, 24 de Janeiro de 2004.
6. Informe da UNICEF, 24 de Janeiro de 2004.
7. Lynn Amowitz e Vincent Lacopino, Fonte Ásia, 'Saúde e Direitos Humanos no Afeganistão', 6 de Novembro de 2003.
8. Centro de Notícias das Nações Unidas, 6 de Novembro de 2003
9. Joseph Farah, 'Disfarce do Genocídio na China', Centro de Jornalismo Ocidental/FreeRepublic, 29 de Setembro de 1997.

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Saúde – AIDS:

Muitos homens na África e Ásia acreditam que os relacionamentos sexuais com virgens podem curar-lhes do vírus que causa a AIDS. Isso tem levado a um trágico aumento da infecção entre garotas jovens. Para cada homem HIV positivo há seis mulheres infectadas.

Hoje mais de 16.4 milhões de mulheres já contraíram HIV ou AIDS. No ano

passado 1.3 milhão de mulheres morreram de doenças relacionadas com a AIDS.

Na África Subsaariana as meninas adolescentes têm 5 vezes mais probabilidades de contrair AIDS do que os meninos já que os responsáveis por infectar as meninas são homens mais velhos.
Nos últimos três anos a porcentagem total de mulheres infectadas com AIDS tem aumentado de 41% para 47%.

Na África Subsaariana 55% de todos os adultos HIV positivos são mulheres.

Uganda tem um dos mais completos programas de prevenção da África. As taxas de infecção entre as mulheres com acesso a educação caíram mais de 50% entre 1995 e 1997.

Na África e na Ásia o casamento prematuro obriga jovens garotas a terem relações sexuais quando seus corpos ainda não estão desenvolvidos por completo. Isso faz com que elas fiquem vulneráveis a rompimentos e escoriações que podem levar à infecção do HIV.

Muitos acreditam que se as mulheres receberem algum tipo de informação sobre sexo antes do casamento isso fará delas mulheres ‘más’. No entanto, a falta de informação pode ser fatal.

No Senegal homens que responderam uma pesquisa diziam crer que a circuncisão feminina é vantajosa já que ‘racionaliza o desejo das mulheres e as ajudam a resistir aos homens’. A circuncisão feminina aumenta o risco da mulher contrair o HIV ou AIDS.

A transmissão da AIDS de homens para mulheres é duas vezes mais provável do que a de mulheres para os homens. O risco é ainda mais alto no caso de relação sexual involuntária com um parceiro infectado, pois provavelmente não ocorrerá o uso de preservativo.

A violência como o tráfico, a prostituição forçada, o incesto e o estupro – incluindo estupro matrimonial – submete as mulheres e as meninas ao risco de contraírem o HIV.

Mulheres HIV positivo são submetidas a violência e até mesmo assassinato. Algumas vezes elas são abusadas fisicamente e emocionalmente quando o status

da doença delas é revelado.1

Notas:
1. Publicação da UNICEF sobre o gênero e o HIV/AIDS, UNAIDS ‘Relatório sobre a Epidemia Global do HIV/Aids, Junho de 2000; UNAIDS ‘Atualização da Epidemia da AIDS’, Dezembro de 2000, UNICEF ‘Progresso das Nações 2000’, e estudos pioneiros da UNIFEM.

Capítulo 6

Tornando-se Pobre por Amor a Eles

‘Dê tudo por amor; obedeça seu coração. Amigos, parentes, dias, estados, boa fama, planos, mérito e a inspiração. Não retenha nada.’ Ralph Waldo Emerson

Foi quase amor à primeira vista quando Ruth, de dezesseis anos de idade, conheceu a Stefan – alto, loiro e dois anos mais velho que ela. No final das férias, em um acampamento de jovens no norte da Alemanha, eles concordaram que um relacionamento mais longo só poderia fazer sentido se eles estivessem pensando em casamento. O amor deles por Jesus e de um pelo outro os sustentou durante os sete anos e meio que se seguiram enquanto Ruth freqüentava um Instituto Bíblico e Stefan estudava Teologia. Em 1987 eles finalmente se uniram em matrimônio. Os recém casados Sr. e Sra. Wagner, extremamente felizes, mudaram-se para a cidade natal de Stefan, Bonn, para trabalharem em uma igreja. No entanto, Ruth nunca se esqueceu do claro chamado que Deus havia colocado em seu coração. Com a idade de dezessete anos ela havia se comprometido a levar as boas novas de Seu amor redentor às pessoas que tinham poucas chances de ouvir a respeito dele, quando havia poucos missionários. Stefan compartilhava do mesmo chamado. Conforme oravam juntos pelos países listados no livro Intercessão Mundial, logo tornou-se evidente onde as necessidades eram mais urgentes.

Já familiarizados com a Operação Mobilização, eles fizeram contato com o escritório na Alemanha para dizer que queriam servir no mundo Árabe. O escritório sugeriu o Egito pelo fato da equipe naquele lugar oferecer um bom treinamento por dois anos a respeito da língua e da cultura local. Esta parecia ser uma idéia sensata. Após dois anos eles poderiam voltar para a Europa para que Stefan pudesse conseguir seu diploma em Mestrado. Mas aqueles dois anos no campo se esticaram para outros dois anos e depois para um compromisso de ficarem indefinitivamente. Egito era o lugar onde Deus queria que eles estivessem.

Ruth tinha vinte e cinco anos quando o casal deixou a Alemanha pela primeira vez em 1989. Ela e Stefan estavam casados há apenas um ano e meio. Certa vez, durante o período do na-moro, Stefan perguntou a Ruth se ela estava disposta a viver um estilo de vida muito simples junto com ele. Ambos haviam crescido

dentro de famílias de classe média e mal sabiam o que estavam falando. Ruth pensou sobre o assunto e, embora ela não tivesse idéia do que a aguardava, respondeu positivamente. Se Deus dirigisse o caminho ela estava disposta a deixar sua vida de conforto.

Mas a primeira experiência deles nos becos da cidade do Cairo foi um choque. Eles se comprometeram não apenas a trabalhar com os mais pobres, como também viver entre eles. O coração de Ruth se quebrantou conforme caminhavam pelos becos apertados de ruas superlotadas, atingidas pelo calor, barulho, pó e cheiros desagradáveis. Ali tornaram-se conscientes da realidade de sua missão.

Eles concordaram que o primeiro lugar onde se estabeleceram poderia ter sido pior. Eles eram jovens e sem filhos, tudo ainda era uma grande aventura. Mas ao final de cinco meses ambos se deram conta de que não estavam realmente vivendo como os pobres. Pelo fato do dono da casa onde moravam ter pedido para que eles saíssem, acabaram encontrando um outro lugar: um espaço de 18 metros quadrados no térreo de um prédio de cinco andares caindo aos pedaços. O apartamento tinha um quarto apertado para dormir, uma área para sentar, banheiro e cozinha. Não tinha janelas que iluminasse o interior da casa e era muito úmido. No entanto, a maioria dos outros donos que conheceram não estavam dispostos a alugar para estrangeiros, pois suspeitavam das razões que tinham para esco-lherem viver em tais condições. Por isso o casal escolheu aquele lugar já desesperados.

O ano seguinte foi o verdadeiro batismo de fogo de Ruth e Stefan. Embora tivessem instalado uma janela antes de se mudarem para obter mais luz, o problema do esgoto era aterrorizante. A sobrecarga no duto principal, que originalmente havia sido planejada para atender a muito menos casas em sua rua do que as milhares de residências que atualmente atendia, constantemente fazia com que a mesma ficasse entupida. Quando o locatário de cima usava sua pia ou o banheiro, a água não tinha nenhum lugar para ir e inundava todo o banheiro deles. Algumas vezes a inundação era tão ruim que eles eram forçados a jogar o esgoto para a rua com uma pá, ou usarem a janela deles como saída ao invés de usarem a porta. A proprietária se recusava a fazer algo a respeito daquilo, sugerindo simplesmente que colocassem pedras em frente da porta para impedir com que a sujeira aumentasse. Angustiada, Ruth sentou em seu sofá e chorou. Para piorar a situação ela contraiu hepatite e ficou confinada em uma cama por um mês.

Todos os membros da equipe aprenderam a submergir em cloro as frutas e vegetais que compravam no mercado. No entanto, apesar das precauções, a presença da diarréia era comum em seus lares, bem como em todo o mundo árabe. O pó, juntamente com uma falta de previsão de disponibilidade de água e de energia elétrica fizeram com que Ruth se visse obrigada a desistir de seus altos padrões de limpeza doméstica. Durante o verão a água não saia dos canos antes da meia-noite ou pouco depois disso, então as mulheres tinham que esperar para limpar e lavar roupas neste horário e tinham que guardar água para o dia seguinte. Correspondências vinham uma vez por mês, mediante negociações especiais. Ouvir as notícias da BBC pelo rádio era seu principal elo com o mundo exterior.

Com o passar do tempo os Wagners conseguiram se mudar para o andar de cima do prédio, onde viveram por mais nove anos. Mas a proprietária continuou sendo um constante espinho na carne, exigindo atenção exclusiva dos estrangeiros e gritava grosserias se eles visitassem outras pessoas. Como queriam fazer o maior número possível de amizades a situação era desconfortável. Será que a mulher poderia estar sendo perturbada por um espírito maligno?

Uma vez, enquanto Stefan estava participando de reuniões em outros países, o chão de um dos quartos cedeu. As barras de metal que o sustentavam haviam oxidado. A dona culpou os Wagner insistindo em dizer que o vazamento de uma velha máquina de lavar roupas tinha causado o estrago. Ruth perdeu o controle emocional e bateu a porta na cara da mulher – o que era uma ofensa terrível no mundo árabe. Ela se arrependeu mais tarde, obviamente, mas o relato das ações de Ruth já tinha se espalhado por todos os lados.

Os pais de Stefan e de Ruth os visitaram durante seu primeiro ano. Eles estavam assustados com a condição de vida e rogaram ao casal para não tentarem criar filhos em um lugar daqueles. Outros da família concordaram. Mas o tempo chegou em que Ruth alegrou-se ao descobrir que estava grávida. Ela retornou para a Alemanha dois meses antes do bebê nascer e a chegada da primorosa Angelika despertou uma oposição ainda maior ao estilo de vida dos Wagner. Como pais responsáveis poderiam considerar expor um bebê a tamanho risco? - era o que perguntavam os amigos.

Mas Stefan e Ruth levaram a pequena Angelika para o Cairo quando ela tinha três meses de idade. Ninguém podia amar mais sua filha, mas eles acreditavam que o Deus que os havia chamado também ira cuidar dela. É claro que ter uma

criança afetou consideravelmente a situação deles. Ruth se viu navegando por um mar de tradições e superstições completamente novo, o qual norteava os cuidados com filhos no Egito. Tudo o que ela fazia com o bebê era examinado, comentado e criticado. Até fraldas era motivo para grande curiosidade. E, é claro, quem visitava a casa dos Wagner tomava cuidado para refrear expressões de admiração pela recém-nascida. Todos sabiam que elogiar qualquer coisa de valor era certamente uma maneira de atrair o mau

olhado. Amuletos eram quase universalmente usados – pérolas azuis pregadas nas roupas dos bebês – para aniquilar o poder dos desejos maus da inveja. Os Wagner tiveram que se acostumar com os amigos respeitosamente declarando o quão feia era Angelika.

Mas um dos maiores testes de fé de Ruth veio quando Angelika contraiu disenteria amebiana. Naquela época Angelika tinha começado a engatinhar, colocando coisas na sua boca. Também é possível que ela tenha bebido água da torneira do vizinho. Ruth hesitou em dar ao bebê remédios fortes, mas amebas tinham que ser tratadas.

Mais tarde, quando Angelika continuou gritando ao invés de cair no sono, ela seguiu o conselho de uma amiga local. ‘Seu bebê está muito tenso’, disse a vizinha, ‘por que não tentar uma massagem corporal para ajudá-la a relaxar?’

Ruth ficou olhando enquanto uma mulher local massageava Angelika com habilidade usando óleo da cabeça aos pés. Para sua surpresa a garotinha caiu em um sono gostoso. Mas então, aquela senhora a pegou nos braços e começou a recitar versos do Corão.

Assustada, Ruth agarrou de volta seu bebê e foi para casa, chorando. E se a canção da mulher tivesse, de alguma forma, causado algum dano a Angelika? O que ela havia feito? A resposta de Stefan foi calma, porém firme. Ou eles confiavam completamente que Deus podia protegê-los e também sua filha, ou eles deveriam voltar para a Alemanha.

Ruth sabia que ele estava certo. No dia seguinte ela retornou naquela senhora e pediu para que ela massageasse Angelika novamente. Mas desta vez ela disse que era ela quem iria orar por sua filha. A mulher concordou.

Gradualmente, conforme a família crescia com uma nova filha e um filho que nasceu na família Wagner em 1992 e 1995, eles perceberam que a comunidade

passou a aceitá-los melhor.

Ruth aos poucos construiu bons relacionamentos com as mulheres da sua rua, ainda que isso significasse que ela deveria manter sua porta aberta para aqueles que a chamavam a toda hora, por mais inconveniente que isso fosse. Privacidade não era uma opção. Ela e Stefan eram observados a todo momento. Todos sabiam exatamente o que eles comiam, o que vestiam e o que compravam. Um vizinho chegou até ir ao seu lixo para ver o que eles jogavam fora.

Um dia por semana a família se reunia com o restante da equipe para conversar, orar e ter comunhão. As reuniões aconteciam em outra parte da cidade para que todos pudessem desfrutar de uma relativa liberdade. Como sempre, toda vez que ela saia da vizinhança Ruth usava um jalabayah – uma roupa longa sobre as outras roupas – e um lenço na cabeça. Vestir-se como as mulheres ao redor dela era essencial para sua aceitação. E um lenço na cabeça comunicava que ela era religiosa. Mulheres ocidentais eram amplamente julgadas com base nos filmes e imagens da TV, e eram consideradas moralmente corrompidas. Ruth achava que precisava de toda ajuda que conseguisse.

A família Wagner separava um dia da semana para descanso pessoal e lazer. Antes dos filhos chegarem eles cuidavam de si indo para o lobby de um hotel luxuoso no Cairo, para escrever cartas e beber café. Com as crianças eles tinham que ser mais criativos. Algumas vezes eles iam para um clube de esportes. Piscinas exigiam cartões de associados, os quais eram caros. Mas de vez em quando eles podiam navegar no Nilo e visitar uma sorveteria ou um parque de diversões.

Stefan e Ruth logo iriam descobrir que egípcios e europeus tinham atitudes muito diferentes na hora de disciplinar os filhos. Os vizinhos ficavam horrorizados se os Wagner repreendessem ou corrigissem seus filhos por portarem-se mal. Na cultura árabe as crianças podem fazer mais ou menos o que querem até que cheguem a ir para a escola e tenham que se submeter às regras.

Mas conforme os anos se passavam eles podiam ver Angelika, e depois Annelie e seu filho Markus crescerem felizes, saudáveis e bem comportados. Até mesmo em seu país natal as criticas contra o estilo de vida incomum dos Wagner eram feitos com menos repetições. Os filhos freqüentavam uma boa escola para famílias de trabalhadores estrangeiros. Mais tarde eles foram para uma escola alemã. Longe de estarem passando por privações, os três se beneficiaram de ter

colegas internacionais e aprenderam a falar árabe, alemão e inglês. Embora ainda se considerassem alemães por nacionalidade, havia também muitas evidências egípcias. Eles sempre ficavam felizes em retornar para os amigos no Cairo depois de algum tempo na Alemanha. A única coisa que eles sentiam falta de vez em quando era do verde e da limpeza contrastante do interior da Europa.

Mas Deus tinha uma forma de surpreender a família com presentes especiais quando eles mais precisavam. Em um verão extremamente quente durante as férias escolares das crianças, alguns conhecidos do Cairo perguntaram aos Wagner se eles estariam dispostos a cuidar da casa deles. A casa ficava fora da cidade, tinha um jardim e até uma piscina: um oásis em meio a temperaturas que chegavam a quarenta graus centígrados.

Quando os Wagner sentiram a necessidade de um descanso mais longo, após dez anos, optaram por ficar na Jordânia ao invés de irem para a Europa. No pensamento deles um ano longe da cultura árabe faria a re-entrada no Egito ficar mais difícil. Então a família encontrou uma casa com um grande jardim em um vilarejo fora de Amã. Todos desfrutaram da mudança.

Stefan e Ruth nunca duvidaram de que o ministério de longo-período entre os menos favorecidos era um chamado especial. Somente os trabalhadores que tinham certeza da direção de Deus conseguiam perseverar. Ainda assim eles poderiam ficar facilmente esgotados se não tomassem cuidado. Êxito em um ministério assim era difícil de ser medido. Mesmo passando anos em total imersão – vestindo-se, falando, comendo e vivendo exatamente como os vizinhos – não garantiam resultados visíveis.

Ruth encarou o fato de que a maioria das mulheres em sua vizinhança estava menos interessada em religião do que simplesmente sobreviver. Em bairros abarrotados de gente e com edifícios caindo aos pedaços, os quais enchiam uma vasta área no Cairo, muitos dos eletrodomésticos e artefatos para diminuir o trabalho eram desconhecidos. Como uma mulher lhe disse: ‘A religião é para os homens na mesquita. O que isso tem a ver comigo?’

Por outro lado, o ocultismo era prática do dia-a-dia. Prevalecia o ‘islamismo folclórico’, bem como a superstição e o medo. Ruth conhecia mulheres que se sentiam ser possuídas por demônios. Nestes casos elas se vestiam como noivas e faziam uma festa onde dançavam até que entrassem em um estado de transe. Depois, sacrificavam uma galinha sobre suas cabeças que as deixavam cobertas

de sangue. Desta forma uma mulher fazia as pazes com o demônio. Maldições também eram comuns. Quando uma amiga grávida encontrava água salpicada em frente de sua porta ela se convencia de que uma maldição tinha sido feita para causar nela um aborto.

Estima-se que 90 por cento das meninas egípcias passam por mutilação genital feminina. Embora esta prática não seja ordenada e nem mesmo mencionada no Corão, poucos líderes religiosos se opõem a isso e alguns ativamente defendem a circuncisão feminina. Garotinhas de cinco anos de idade passam pela 'cirurgia' feita por facas, lâminas de barbear ou tesouras, geralmente sem anestesia, pois acreditam que isso faz preservar sua virtude. A cada ano algumas das vítimas sangram até morrer. Outras sofrem infecções prolongadas ou encaram uma vida inteira de complicações.

Tendo a idéia de que dar à luz é a principal razão da existência da mulher, a maioria das meninas se casa cedo. Garotas solteiras e até mesmo mulheres casadas sem filhos recebem muito pouco respeito da sociedade. Quando uma mulher dá à luz, de prefe-rência a um menino, ela recebe o título de 'Om' o que significa 'mãe de', seguida pelo nome da criança. Uma mulher sem filhos pode até preferir ser chamada de 'mãe do ausente'1 ao invés de sofrer a vergonha de usar seu próprio nome.

Com o passar do tempo Ruth ganhou o respeito de suas vizinhas ao escutar pacientemente os seus problemas, fornecendo ajuda prática e até mesmo compartilhando a comida que fazia. Algumas poucas vezes, durante o mês do Ramadã, eles deram para uma família um frango para comer, a única carne que eles tiveram durante todo o ano por causa de sua extrema pobreza. Os Wagner também jejuavam, mas se asseguravam de dizer a todos que isso não era uma forma de receber um favor, mas de levar pessoas para o céu. Algumas vezes suas amigas desejavam ouvi-la falar sobre coisas espirituais. Em outras ocasiões ela só podia se oferecer para orar por uma pessoa doente ou um problema específico. Somente uma vez, quando ela perguntou se podia orar em nome de Jesus, uma mulher disse que não.

Ela transbordou de alegria quando uma amiga finalmente convidou Jesus para entrar em sua vida. Uma outra pessoa da equipe conduziu outra mulher ao Senhor, e depois Ruth ajudou a discipulá-la. As duas se tornaram grandes amigas. Amira tinha sofrido abuso físico e verbal por parte do marido durante vários anos. Conforme as surras iam piorando ela decidiu que não podia

agüentar mais e entrou com pedido de divórcio. Mas na corte seu marido disse ao juiz que ela era uma mulher liberal, que normalmente chegava tarde em casa. A esta falsa acusação ele acrescentou uma outra verdadeira: que ela havia se convertido ao cristianismo.

Amira sabia o que isso poderia significar. Ela poderia ser entregue à Polícia do Estado, que era conhecida por prender e até torturar pessoas. Seu único desejo neste ponto era abandonar o caso. Seu marido sabia que a tinha em suas mãos e forçou Amira a dar pra ele uma grande quantia de dinheiro em troca de sua liberdade. Sua própria família a abandonou. Ainda assim ela se recusou a negar seu amor por Jesus Cristo. 'Ele é meu maior tesouro' – ela disse para Ruth e Stefan – 'Como eu poderia deixá-lo?'

Apresentar um testemunho constante dentro da cultura em que ela havia adotado era um desafio diário. Até mesmo um pequeno incidente, como a ocasião em que Ruth descobriu que seu perfume foi roubado por uma menina do vizinho, poderia tornar-se uma armadilha. Ruth se preocupava mais com o valor emocional do que com o preço do presente em si. Ela queria o perfume de volta, mas a situação era delicada. Um confronto com a menina poderia terminar a amizade que tinham – e qualquer relacionamento com sua família. Honra era tudo nesta sociedade. Desonrar uma pessoa ao expô-la trazia vergonha para a família e era considerado pior do que o ato errado em si. Na verdade a tradição dizia que somente Deus julgava a pessoa pelo pecado se esta fosse pega em flagrante. A lógica era que se ele já tivesse protegido a pessoa de ser descoberta e punida nesta terra, então ele iria continuar protegendo-a por toda a eternidade.

Mais tarde, quando a menina passou na frente da casa dela, Ruth abriu sua porta para a fragrância singular daquele perfume. Ela resolveu o problema ao ir à casa de seus vizinhos durante a ausência da menina. Nesta ocasião ela pediu para a mãe da menina devolver o frasco que a filha tinha 'pedido emprestado'. Sem problema. Ruth conseguiu o presente dela de volta e a garota entendeu a mensagem sem que o relacionamento delas fosse destruído.

Mas erros também eram cometidos. Sempre tendo que decidir qual era a coisa certa a vestir, dizer ou fazer era cansativo. E a conclusão era que não importava o quanto ela e Stefan tentassem se identificar com as pessoas eles sempre eram considerados estrangeiros. Uma ou duas vezes eles se atemorizaram quando 'amigos' que pareciam estar respondendo ao evangelho subitamente desapareciam dos cultos, provavelmente porque eram informantes da polícia.

Pior que isso eram as vezes em que ou-tros membros de sua equipe eram presos e deportados. Também machucava quando outras organizações cristãs ou até mesmo pastores egípcios podavam seus esforços tentando afastar novos crentes da comunhão com eles. Ruth admite que houveram momentos em que ela pensou em empacotar tudo e ir embora.

O casal sabia que sempre haveria a possibilidade de que a decisão fosse tirada das mãos deles. Uma onda de fundamentalismo mais profunda do que o Nilo estava percorrendo o Egito. Aqueles que não se conformavam com o islamismo atraíam uma atenção indesejável.

Depois de sair para uma conferência em 2002, Stefan voltou ao país e apresentou seu passaporte na imigração. Os oficiais recusaram a entrada dele. Depois de tratá-lo como um criminoso comum os policiais o colocaram em um avião para a Alemanha. Ruth e o restante da equipe ficaram espantados. De repente todo o cuidado com a família e outras responsabilidades estavam sobre os ombros dela. As crianças estavam no meio do ano escolar. Será que ela deveria pegá-los e sair do Egito? Será que Deus estava falando para eles que era tempo de se mudarem, ou será que isso era apenas um obstáculo de Satanás? Stefan estava convencido de que era a segunda opção. Eles não podiam abandonar sua recém-nascida comunidade de cristãos. Homens e mulheres estavam se encontrando pela primeira vez, e só uma família completa poderia realizar tais reuniões. Ele voou para a Jordânia, buscando outra forma de entrar no Egito.

Ruth e as crianças o visitaram ali, mas dois meses se passaram até que finalmente eles pudessem se unir novamente no Cairo. Amigos, colegas e crentes viram que esta era uma intervenção direta de Deus. Mas toda esta situação os abalou. Outros trabalhadores também estavam sendo negados a entrarem. Era visível que a pressão era para impedir os esforços dos cristãos. Com o tempo se esgotando os Wagner sabiam que a prioridade era ver seu pequeno rebanho se estabelecendo firmemente. Eles também precisavam identificar e treinar um líder egípcio. ‘Muito em breve vocês terão que caminhar sozinhos com sua fé em Cristo’ – eles disseram para os amigos cristãos. ‘Se acostumem com este pensamento.’

Mais tarde, naquele ano, a missão perguntou se os Wagner estariam dispostos a orar sobre a possibilidade de assumirem a liderança de um escritório europeu. Infelizmente, se aceitassem aquilo, os dias deles no Egito estariam contados.

Eles conseguiram ver a mudança como resposta de Deus. Era tempo de finalizar, pelo menos naquele momento.

Obviamente isso não significava que iriam se esquecer da terra ou das pessoas que se tornaram tão parte deles. Assim como o Senhor tinha, há muito tempo atrás, dirigido José para a terra dos faraós para cumprir seu propósito, Ele também os havia dirigido. E se Ele estava trazendo um fim poderia também, um dia, dirigir a família Wagner de volta outra vez. Tudo dependia dele.

Notas:
1. Ou Om Mohammed.

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Assassinatos por honra – saindo impune de homicídio:

Mais de 13 mulheres por dia – 5.000 por ano – morrem em ‘assassinatos por honra’ ao redor do mundo. Estas filhas e esposas são assassinadas porque seus parentes do sexo masculino consideram imorais comportamentos como: namoro, conversa com homens ou até mesmo cozinhar mal. Em lugares onde os homens permanecem impunes por terem relações ilícitas às claras, as mulheres morrem diante do menor rumor de algo inadequado. Até as famílias que se sentem envergo-nhadas podem eliminar as vítimas de estupro. Embora estes assassinatos ocorram com maior freqüência no Oriente Médio, moradores em muitos outros países consideram a prática igualmente necessária parra preservar a honra da família.

Uma noiva egípcia foi atacada pelo pai na sua lua-de-mel por casar-se com um homem que ele não aprovava. Depois de cortar-lhe a cabeça ele desfilou na rua com orgulho.1

Uma mãe no Paquistão se encontrava dormindo junto ao seu bebê de três meses quando seu esposo atirou contra ela e a matou. Um vizinho o havia informado que havia visto um homem perto do campo onde ela se encontrava trabalhando.2

Uma menina Curda no Iraque foi incendiada pelo esposo por ter ido à festa de casamento do seu cunhado sem pedir sua permissão. Morreu após um mês de agonia.3

Uma jovem na Jordânia fugiu para casar-se com o homem que amava sem a permissão de sua família. Poucos anos depois sua irmã fugiu par unir-se a ela. Os irmãos descobriram onde as jovens estavam vivendo, entraram na casa com machados e cortaram a golpes as irmãs até matá-las. O incidente ocorreu somente um dia depois do parlamento da Jordânia ter rejeitado um projeto de lei que imporia sentenças mais severas para tais crimes.4

Algumas jordanianas tem preferido permanecer na prisão depois de cumprir suas sentenças ao invés de voltarem para suas casas e enfrentarem a violência ou a morte pelas mãos dos seus familiares.

No Reino Unido os assassinatos por honra também chegaram às manchetes dos jornais no ano de 2003 quando uma noiva paquistanesa de vinte e três anos foi esfaqueada até a morte no dia de seu casamento. Pelo menos uma mulher por mês morre no Reino Unido vítima de assassinato de honra. Os autores são processados. Em outros países geralmente os assassinos recebem uma sentença leve ou não recebem absolutamente nada.5

Todos os anos cerca de quarenta palestinas morrem nas mãos de seus pais ou irmãos, foi o que escreveu Geraldine Brooks em Nine Parts of Desire (Nove Partes do Desejo); são acusadas de terem relações sexuais pré-matrimoniais ou extraconjugais. Muitas vezes queimam as mulheres para que o assassinato passe como se fosse um acidente. O assassino se converte em um herói local.6

A Comissão de Direitos Humanos do Paquistão informou que pelo menos 461 mulheres em apenas duas províncias morreram nas mãos dos familiares no ano de 2002. Soube-se que no ano de 2001 foram assassinadas cerca de 372. A comissão acrescentou que talvez o número real de vítimas estivesse mais perto de 800. A taxa de mortalidade cresce a medida que as mulheres buscam o divórcio de maridos abusivos que provocam ataques.

Quando um paquistanês foi julgado pelo assassinato do amante de sua esposa o juiz citou o versículo do Corão onde determina que homens tenham a “custódia de suas mulheres”. Foi explicado que um homem que mata a outro por profanar a honra de sua esposa ou filha, está protegendo sua propriedade e atuando em defesa própria. O juiz decidiu que o apelante (como o guarda da honra de sua esposa) tinha o direito de matar o falecido pelo fato de estar envolvido em atos sexuais com sua esposa.

Notas:
1. Abu-Nasr, ‘Morte por desonra: Assassinatos brutais de mulheres por erros percebidos’, The Press Enterprise, Califórnia, jul/2000.
2. Abu-Nasr, ‘Morte por desonra: Assassinatos brutais de mulheres por erros percebidos’, The Press Enterprise, Califórnia, jul/2000
3. Assyah, assassinatos por Honra: Catálogo de Horrores no Curdistão Iraquiano, compilado pela Organização Independente de Mulheres no Sulaymani, Curdistão Iraquiano.
4. Recentes assassinatos por honra na Jordânia, notícias da BBC, 10 de Setembro de 2003.
5. WorldNetDaily, 9 de novembro de 2003
6. Geraldine Brooks, Nine Parts of Desire, (Nova Iorque, Doubleday, 995), p. 49.

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Assassinato por honra – Leis:

Trechos de Códigos Penais nos países árabes com relação aos crimes de honra1

Argélia: Artigo 279 do Código Penal
O assassinato, as feridas e os golpes estarão sujeitos à absolvição se quem o realiza é um cônjuge contra o outro cônjuge, ou contra seu companheiro (ou companheira) no momento em que é surpreendido em ato de adultério.

Iraque: Resolução do Conselho de Comando Revolucionário (CCR) Nº 49 e 6 de 2001 Absolve por completo de responsabilidade um homem que mata ou tenta matar a outro que estupra ou obriga a uma parente de sangue do assassino a ter relações sexuais com ele. Além disso, e como uma maneira de proteger o assassino, caso este venha a ser vítima de vingança, tal vingança será considerada como uma circunstância agravante.
Diz que quando um homem mata sua esposa ou uma parente de sangue por motivos de crime de honra, e depois mata uma outra pessoa que provoca o assassino que lhe imputa desonra, o segundo crime será considerado sujeito à uma circunstância atenuante. Qualquer pessoa que mate o dito assassino será submetido a pena de morte.

Jordânia: Artigo 340 do Código Penal
Aqueles que descobrem sua esposa ou uma de suas mulheres ilegítimas cometendo adultério e mata, fere ou lastima a um dos dois, este estará isento de qualquer castigo. Aquele que surpreende suas esposa ou uma de suas ascendentes ou descendentes femininas, ou irmãs com outro em um leito ilegal e mate, fira, ou lastime a um deles ou aos dois, tem o benefício de redução de pena.

Kuwait: Artigo 153 do Código Penal
Aquele que surpreende sua esposa em ato de adultério ou surpreende sua filha, mãe ou irmã em um ato de intercurso sexual com um homem, e imediatamente mata a mulher, o homem ou ambos, deve ser punido com prisão por um período não maior de 3 anos e uma fiança não maior de 3.000 dinars, ou por uma destas duas penas.
Líbia: Artigo 375 do Código Penal
Todo aquele que surpreenda sua esposa, filha, irmã ou mãe em ato de adultério ou em uma relação sexual ilegítima e de imediato mate a mulher, o seu companheiro ou a ambos como resposta a agressão que afetou seu sharaf ou a honra de sua família, deve ser punido com a sentença de prisão. Se o ato chegar a ferimento grave ou sério da dita pessoa nesta circunstância a penalidade deve ser a prisão por não mais de 2 anos. Um simples golpe ou leve ferimento em tal circunstância não deve ser penalizado.

Marrocos: Artigo 48 do Código Penal
Assassinato, ferimento ou golpe são absolvidos se forem cometidos por um esposo contra a esposa e o companheiro no momento em que este os surpreende em um ato de adultério.

Omã: Artigo 252 do Código Penal
Aquele que surpreende sua esposa cometendo adultério ou surpreende sua mãe, irmã ou filha em um leito ilegal, e imediatamente mata ou fere ela, ou mata ou fere a pessoa que está cometendo o ato com ela, ou mata ou fere a ambos, será isenta de responsabilidade ou será responsável a uma pena reduzida de acordo com as disposições do artigo 109 desta lei, a qual está descrita abaixo.

Artigo 109: no caso de isenção de responsabilidade não deve haver punição, enquanto que no caso de responsabilidade por uma pena menor (em vista das circunstâncias atenuantes) a pena será reduzida como segue:
1. Se a ação é um delito grave que dá lugar a pena capi- tal ou a prisão perpétua, será reduzida a encarceramento durante pelo menos um ano.
2. Se a ação é outro delito grave, será reduzida a encarceramento de seis meses a um ano.

Síria: Artigo 548 do Código Penal
1. Aquele que pegue sua esposa ou uma mulher da família cometendo adultério ou atos sexuais ilegítimos com outro e mate ou fira a um dos dois ou a ambos, se

beneficia de uma isenção de pena.
2. Aquele que pegue sua esposa ou alguma de suas ascendentes, descendentes, ou irmã em um estado ‘suspeitoso’ com outro, se beneficia com uma redução de pena.

Iêmen: Artigo 232 da lei No. 12 de 1994
Se um marido mata sua esposa ou qualquer que esteja com ela no momento de adultério ou se os ataca de uma maneira que os levem a morte ou a invalidez, não há opção de qisas, o marido deverá ser punido com prisão por um período de não mais que um ano ou com uma multa. Esta regra também se aplica a uma pessoa que surpreende uma mulher da família em ato de fornicação ilícita.

‘Mas o Senhor ainda está no seu santo templo, ele ainda governa do céu. Ele atentamente assiste a tudo que acontece aqui na terra. Ele prova o reto e o malvado, ele odeia aqueles que amam a violência.’ – Provérbios 11:4-5 – Bíblia Viva

Nota:
1. Lynn Welchaman, Trechos retirados dos códigos penais de Estados Árabes relacionados a “crimes de honra”. Veja (http://www.soas.ac.uk/honourcrimes/MatArabLaws.html).

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Desigualdades:

As estatísticas mostram que em nenhuma região do mundo as mulheres e os homens são iguais em relação a seus direitos legais, sociais e econômicos.

OPORTUNIDADE DE EMPREGO:

SALÁRIOS DAS MULHERES NA INDÚSTRIA MANUFATUREIRA CALCULADO EM PROPORÇÃO COM OS SALÁRIOS DOS HOMENS NO MESMO TRABALHO

País	Proporção (%)
Japão	59
Brasil	61
México	70
Estados Unidos	76
Holanda	78
Turquia	97

PROPORÇÃO DE MULHERES ENTRE OS TRABALHADORES ADMINISTRATIVOS E GERÊNCIA

País	Proporção (%)
Coréia	4
Turquia	6
Espanha	12
África do Sul	19
Alemanha	19
Estados Unidos	44
Suécia	59

Fonte: Nações Unidas, Estatísticas e Tendências das Mulheres no Mundo, (Nova Iorque: Nações Unidas 2002).

As mulheres somam dois terços da força de trabalho no mundo, porém recebem apenas 10% dos rendimentos e retém 1% do ativo total.

DESIGUALDADE NO ISLAMISMO

Adultério:
A lei do Irã diz: ‘O apedrejamento de um adúltero, ou adúltera ocorrerá quando cada um está colocado em um buraco coberto com terra – ele até a cintura, e ela até a linha acima do peito’ (ênfase acrescentada).
Na lei islâmica, se a pessoa pode escapar e fugir ela tem a permissão de ir embora livre. Obviamente nenhuma mulher consegue escapar se ela está enterrada até quase o pescoço!

Céu e Terra:
‘Enquanto de cada mil homens somente um irá para o inferno, de cada mil mulheres somente uma será encontrada no céu.’
Maomé disse, ‘Me foi mostrado o fogo do inferno e a maioria de seus moradores era mulher.’
Estas afirmações são Hadits: parte das tradições ao invés do próprio Corão – mas ainda assim altamente respeitado, relatando o que o Profeta presumidamente disse, fez ou permitiu. Em todos os escritos os prazeres do Paraíso são prometidos em sua maioria para os homens fiéis. Como resultado, muitas

mulheres muçulmanas vivem com medo da morte.

Herança:
‘Para o homem uma porção igual a de duas mulheres’ Sura 4:11, o Corão
Estas afirmações indicam que uma filha deve receber somente metade da herança do seu irmão. Quando o marido de uma mu-lher morre ela recebe somente ¼ da herança. Se houver várias esposas elas dividem este ¼.

Oração e Jejum:
Espera-se que meninas iranianas de nove anos se levantem ao amanhecer para fazer suas orações e que jejuem durante o Ramadã. Aos homens não é pedido que orem ou jejuem até completarem quinze anos.

Restrições de roupas:
O Corão não exige que as mulheres se cubram ou se isolem completamente. Cada cultura muçulmana impõe seu próprio código de vestimenta ou hijab para mulheres, indo desde um simples lenço até uma capa que envolve a mulher por completo, desde a cabeça até os pés, chamada burqa, como aquelas usadas no Afeganistão.
Mulheres extremamente conservadoras no Egito chegam a usar luvas. Interessantemente, pouca atenção é dada à modéstia pelo lado dos homens, embora o profeta Maomé tenha instruído que eles deveriam se cobrir ‘do umbigo até o joelho’.
Entre o povo Tuareg no Norte da África é o homem, e não a mulher, que cobre o seu rosto para impedir que o inimigo descubra o que ele pensa. Mulheres, dizem os homens, não têm nada para esconder. A maioria dos muçulmanos desconsidera este costume, já que em árabe tuareg significa ‘o abandonado por Deus’.
As regras de vestuário na Arábia Saudita para as mulheres são tão restritas que em 2002 a polícia religiosa impediu meninas de uma escola em chamas a fugirem porque elas não estavam usando o manto e o lenço apropriado. Uma testemunha disse ter visto um policial batendo em alunas que tentaram sair. Quinze meninas morreram nas chamas.1
Vários casos foram relatados de ácido jogado nos rostos de mulheres sem véu por extremistas em áreas do Paquistão e Afeganistão. Enquanto muitas muçulmanas defendem o véu, outras lamentam serem forçadas a se cobrirem.

Direitos de voto:
Em novembro de 1999 a Assembléia Nacional do Kuwait rejeitou por uma

maioria de 2/3 um decreto apresentado pelo Emir que teria garantido às mulheres o direito de votarem e concorrerem a cargos políticos.

Testemunha:
Na maioria das situações em uma côrte no caso da testemunha ser mulher é necessário que sejam duas, enquanto que ser for homem basta um.

Notas:
1. BBC News, ‘Polícia Saudita Impede Resgate de Incêndio’, 15 de Março de 2002.

Capítulo 7

Para Dentro da Índia

‘Não há limites para o que pode ser realizado se não importa quem ganha o crédito.’R.W. Emerson

Aos dezenove anos a canadense Janice Ross não podia esperar mais para ‘viver’. Ela sempre foi uma criança doente que saia e entrava no hospital e passava longos períodos na cama. Agora havia chegado o momento de aproveitar as aventuras que sempre havia desejado. O exército, ela decidiu, iria apenas providenciar a passagem.

Para a surpresa de todos a adolescente sobreviveu ao campo de treinamento com grande êxito e depois de terminar o curso de contabilidade ela foi enviada. Cinco anos com diferentes responsabilidades terminaram com uma tarefa de seis meses com as Nações Unidas em Israel e no Egito. Ela celebrou sua dispensa preparando-se para ver o resto do mundo, pagando seus gastos com qualquer emprego que conseguisse arranjar. Nos dez anos seguintes ela trabalhou como babá na Alemanha, cozinhou para um navio na Austrália, como garçonete em um Resort de Esqui na Suíça e em um escritório na Inglaterra.

Seus pais continuaram orando por ela. Quando Janice nasceu de forma prematura e lutava pela vida, seu pai impôs as mãos na incubadora e disse para Deus que se Ele salvasse sua filha ele a dedicaria para o Seu serviço. Foi uma promessa que ele nunca tinha compartilhado com sua filha por todos estes anos em que ela esteve distante de Deus. Mas quando ela finalmente retornou para Ontário, problemas fizeram com que ela retornasse para a casa da família. Ao entrar pela porta de sua antiga igreja ela surpreendeu-se – e ficou emocionada – pela maneira calorosa como recepcionaram uma ovelha há muito tempo perdida. Sua rebeldia começou a dissipar-se. Seria possível que ao fugir de Jesus Cristo ela tivesse perdido a coisa mais importante que a vida tinha para oferecer? A entrega de Janice foi incondicional.

Quando tinha dez anos ela ficou fascinada por Israel e o povo judeu, lendo livros sobre o holocausto e tentando em vão compreender como tal coisa pôde acontecer. Por que os cristãos não fizeram mais para salvar os judeus? Por que Deus não interveio? Lendo as notícias sobre os conflitos modernos como a

Guerra do Yom Kippur ela ficou surpresa com a sobrevivência de Israel. Sua tarefa de seis meses no Egito e em Israel causou um grande impacto pelo fato de ter visto aquele país com os próprios olhos.

Mais tarde, quanto trabalhou por dois anos como babá na Alemanha, a melhor amiga de Janice era uma universitária israelense. Agora que ela conhecia a verdade, o clamor do apóstolo Paulo pelos judeus passara a ser seu. Ela ficou profundamente triste por nunca ter compartilhado sobre Yeshua – Jesus – com sua amiga israelense. Mas talvez ela ainda faria amizades com judeus no Canadá.

Janice se inscreveu para aulas de Hebraico em uma sinagoga local. Mais tarde ela ouviu falar de Judeus para Jesus e uniu-se a eles para sua primeiríssima tentativa de evangelizar publicamente. Conforme seu amor pelos judeus aumentava, também crescia a idéia de voltar para Israel. Ela pensou em fazer parte do grupo missionário da sua denominação, no entanto eles não tinham trabalhos evangelísticos em Israel. Então, em um informativo da Operação Mobilização, ela leu sobre a necessidade de uma contadora no escritório em Israel. Embora quisesse evangelizar ela viu isso como uma porta que Deus estava abrindo.

Janice passou os cinco anos seguintes trabalhando com um exército muito diferente. Desde o começo sua responsabilidade no escritório envolvia compartilhar a respeito de Cristo informalmente. Ela estava em Israel para um longo período. Todas as coisas na sua vida a empurravam em direção a este povo. Nem as ameaças das nações árabes vizinhas ou de homens-bomba suicidas a desanimava.

Durante a celebração da Festa dos Tabernáculos Janice fez parte de um evento evangelístico na antiga cidade costeira de Akko. Todos os anos milhares de israelenses se reuniam neste porto para um festival de artes ao ar-livre. A equipe da OM corajosamente cantou suas próprias músicas de testemunho e em quatro dias distribuíram 7.000 livros cristãos. Um dos homens com quem conversaram colocou sua fé em Cristo.

Janice ficou surpresa ao encontrar israelenses usando a marca hindu na testa – o tikka. Alguns estavam vendendo roupas e jóias indianas. Seria possível ter israelenses hindus? Ao pesquisar sobre o assunto ela descobriu que após terminarem o período obrigatório no exército muitos jovens israelenses viajam

para outros países para experimentarem a liberdade e aventurarem-se antes de se estabelecerem. América do Sul, Ásia e em especial a Índia eram os destinos mais populares. Em 1997 16.000 israelenses viajaram para a Índia, no ano 2000 o número havia aumentado para 60.000. Na verdade, 60 por cento dos alunos em um dos centros budistas na Índia eram israelenses. Alguns destes jovens tornaram-se gurus e depois retornaram para Israel para estabelecerem suas próprias comunidades e atraírem seus próprios seguidores. Sua influência era enorme.

Janice começou a encontrar-se com israelenses que haviam sofrido fisicamente ou espiritualmente na Índia, a maioria por utilizar drogas. Ela ouviu histórias trágicas de acidentes de jovens que acabaram parando em hospitais ou prisões, ou que simplesmente desapareceram completamente. O desejo de ajudar a estes viajantes permaneceu em seu coração. Ninguém parecia estar fazendo coisa alguma.

Em março de 1999 Janice foi com uma pequena equipe para uma viagem de 5 dias de pesquisa na Índia. Eles haviam feito sua lição de casa e sabiam que israelenses normalmente não viajavam sozinhos, mas em ‘ondas’. Os grupos costumavam se concentrar nos mesmos lugares e assumiam a direção de hotéis e restaurantes. Normalmente a reputação deles diante dos indianos era ruim, só eram tolerados por causa do dinheiro que traziam. A equipe da Janice visitava praias e restaurantes no sul do estado de Goa reunindo centenas e até milhares de israe-lenses que permaneciam por longos períodos durante o inverno. Muitos hotéis tinham até mesmo letreiros e cardápios impressos em hebraico. Quando o verão chegava a ‘onda’ mudava para as partes mais frescas no norte do estado de Himachal Pradesh, onde maconha crescia livremente nas colinas. Alguns dos viajantes se estabeleciam lá permanentemente, atraídos pelo custo de vida relativamente baixo.

Tudo o que a equipe viu confirmou as lendas que haviam ouvido em Israel. Eles ficavam aterrorizados pela fascinação óbvia dos jovens com o hinduísmo e o budismo. Festas para consumir drogas e entrarem em transes psicodélicos eram características comuns no seu estilo de vida indiano. Nas noites em que a lua estava cheia farristas iam para a praia pra dançar por horas. Um ídolo de Shiva ficava em cima de um ‘altar’ de onde pulsava uma forte música bem ritmada. O coquetel da música – LSD, ecstasy e maconha - faziam com que muitos dos dançarinos entrassem em transe. Outros festejavam durante toda a noite.

A equipe da Janice encontrou cristãos indianos que tinham um interesse genuíno por estes filhos perdidos de Israel. Os crentes haviam dito a eles que estavam orando por muito tempo, pedindo para que Deus enviasse os trabalhadores certos. Para Janice, esta era a confirmação final que precisava. Ela podia falar hebraico tão bem quanto inglês, e sua própria experiência com o exército tinha dado a ela uma compreensão empática destes viajantes. Uma destas congregações Messiânicas em Israel chegou até oferecer sustento pra ela. Com a aprovação da OM tanto na Índia quanto em Israel Janice começou a buscar pessoas que tinham o mesmo pensamento que ela para iniciar um ministério pioneiro. Um casal da África do Sul uniu-se a ela e eles partiram para a Índia em outubro de 1999, bem a tempo da alta-estação que ia de novembro a fevereiro.

Infelizmente a equipe se desfez poucas semanas após chegarem ao subcontinente. Andriette ficou doente e descobriu que estava grávida, então ela e Eric decidiram que deveriam voltar pra casa. Janice procurou um lugar para ficar sozinha em Goa e orou por reforços. Deus supriu ajuda temporariamente em várias ocasiões inesperadas durante todo o ano seguinte: um casal em Goa, depois vários voluntários suecos em um Centro Cristão, um casal de aposentados da Alemanha e uma mulher solteira da Finlândia. Alguns crentes indianos também se envolveram e a igreja que ela freqüentava orava alegremente por ela e a ajudava distribuir folhetos no Natal.

Janice manteve contato constante com os parceiros de oração através de e-mail. Em janeiro de 2000 ela anunciou com muita alegria uma grande conquista: o cancelamento de última hora da maior festa trance da história que estava agendada para a noite da virada do milênio. O novo ministro chefe eleito em Goa era um forte oponente ao tráfico de drogas e se opôs justo a tempo de chegar à côrte e intervir. Esta era uma emocionante resposta de oração.

É claro que também houveram vários desencorajamentos. Muitos dos israelenses que visitavam a Índia eram turistas. Até mesmo aqueles que vinham buscando verdades espirituais nem sempre estavam prontos para considerarem as declarações de Jesus. Janice buscava maneiras criativas para compartilhar sem ser considerada ‘nudnik’ ou bruta e Deus abençoou seus esforços. O ministério claramente tinha potencial. Tudo o que ela precisava era de trabalhadores! Um café que era popular entre os viajantes israelenses em Goa tornou-se um ponto de parada regular da Janice. Uma vez ela e uma amiga encontraram um grupo de homens israelenses e uma garota americana, fazendo sua última refeição antes de

embarcarem para a Tailândia.

Conforme conversavam Janice orou por uma boa abertura para conduzir a conversa para temas espirituais. A oportunidade veio quando um israelense começou a fumar hashish. Um dos homens levantou o chillum (cachimbo) para sua testa antes de fumar e Janice o desafiou. Ele sabia que este era um gesto tradicional para honrar Shiva – o deus Hindu da destruição, mas também o deus das drogas. Como ele podia, sendo judeu, honrar deuses hindus quando o Deus do judaísmo odiava a idolatria? 'Quando em Roma aja como romano' – sorriu um de seus amigos e encolheu os ombros.

Mas Janice não aceitaria isso. Estar em Roma significava ado-tar as práticas religiosas pagãs de Roma? – ela perguntou. Veio à tona que o líder do grupo era de uma famosa família israelense ultra-ortodoxa. Seu pai era um rabino e ele estava cansado de religião e de Deus. Janice disse que sentia muito por ele ter tido uma experiência ruim. Ela não tinha intenção de discutir ou de aumentar sua mágoa, mas manteve que o único Deus verdadeiro era maravilhoso e digno de ser conhecido. Após uma longa discussão o homem aceitou um livreto dela para ler durante sua viagem para a Tailândia. Janice tirou um breve período de descanso no Canadá no começo de 2000, mas seis meses depois ela estava de volta em solo indiano. Embora continuasse sem uma equipe ela estava determinada a seguir a 'rota dos viajantes' para o norte. Quando ela chegou à cidade de Manali, em Himalchal Pradesh, ela decidiu morar em um lugar sozinha.

O vale de Manali era rodeado por montanhas esplêndidas, com os picos cobertos de branco e árvores frutíferas cheias de flores. Infelizmente a casa que Janice encontrou para alugar não era tão impressionante. O lugar havia estado desocupado por um ano e necessitava de uma grande limpeza e também de alguns reparos. Estava infestada de insetos, nenhuma das baratas voadoras que ela havia encontrado no sul, mas um monte de pulgas e aranhas que deixavam urticária após andar por sua pele. Mas em pouco tempo Janice limpou sua casa.

Seus dias caíram em uma rotina. Depois de começar com devocional pessoal lá pelas 7.30h ela se dirigia – algumas vezes tentava – em direção a cozinha para o café da manhã. Uma tela em seu armário supostamente deveria afastar os insetos e ratos, mas ambos ainda conseguiam comer seus vegetais. Se um roedor era pego em uma ratoeira normalmente ela e o proprietário da casa o liberavam a uma distância segura.

Após o café da manhã ela esquentava água para tomar banho (isso se não houvesse falta de energia, o que ocorria quase todos os dias). A casa só tinha água fria que precisava ser fervida para beber. Para esquentar a água pra lavar roupa, pratos e para tomar banho ela tinha que encher um balde e colocar uma serpentina elétrica, tomando cuidado para não levar choque. O processo de aquecer a água, lavar roupas em um balde e lavar cada utensílio à mão, levava horas. Para tomar banho ela se sentava em um banco baixo e se lavava com a água do balde.

A próxima atividade em sua rotina era preparar-se para o ministério, ou caminhar por quinze minutos para descer até a vila e tentar enviar e-mails. Geralmente não tinha conexão, ou suas mensagens eram cortadas ao enviar ou baixar. Pelo fato disso poder acontecer umas vinte vezes no período de uma hora todo este processo exigia uma boa quantidade de graça. Enquanto ela estava na vila ela comprava comida fresca. Sem geladeira, compras tinham que ser feitas quase todos os dias. Ela também podia escolher almoçar e visitar amigos antes de retornar para casa e realizar várias tarefas: trabalhar no computador, fazer cartazes de versículos bíblicos para pendurar ou praticar novos acordes no violão. E depois da janta a atividade podia ser ler a Bíblia ou outros livros da biblioteca da igreja local antes de dormir. O fato de viver em uma altitude maior cobrou seu preço, e ela tinha que dormir mais do que normalmente.

Apesar de sua agenda monástica, por e-mail Janice garantia aos seus amigos que ela não estava sozinha:

Ainda não vieram muitos israelenses, mas em breve eles virão. Eu ainda não sei bem como compartilhar, porque estou sozinha, mas eu gasto um bom tempo em oração e pe-dindo a Deus por sabedoria. Eu não sei porque eu ainda não tenho nenhuma outra pessoa na equipe, mas eu realmente creio que deveria estar aqui, e de alguma forma Deus será glorificado em minha fraqueza. Não importa se as coisas começarem devagar, desde que o Senhor edifique a casa.

Conforme Janice perseverava ela descobriu que muitos viajantes se cansavam de comer em restaurantes e ficavam felizes em serem convidados para uma refeição feita em casa. Sentados ao redor da mesa, mais tarde o grupo entrava em uma profunda discussão a respeito de sua fé.

Após passar a primeira primavera e o primeiro verão no Himalaia, Janice teve que sair do país novamente para renovar seu visto de seis meses. Isso se tornou

um padrão durante o ano seguinte e ela aproveitava ao máximo estas oportunidades para compartilhar e recrutar pessoas em outros países. Desta vez ela foi para Israel. Sua visita coincidiu com um Festival de Nova Era de três dias que aconteceu durante o Ano Novo judaico, no vale de Armagedon. Quinze mil pessoas eram esperadas. Janice pensou que este seria um bom lugar para fazer evangelismo e foi com uma pequena equipe. A experiência a deixou trêmula. 'Foi a coisa mais aterrorizante que eu já vi' – ela escreveu. 'Na Índia jovens israelenses que normalmente são ateístas ou agnósticos entram para o hinduísmo ou budismo. Como se isso não fosse ruim o suficiente, agora eles trouxeram essa religião para Israel, adicionaram um pouco de tradição, e fizeram disso o novo judaísmo'.

Na noite de Ano Novo Janice ouviu o som de uma música que estava sendo cantada no palco: 'Eu estava viajando, sem me importar com a direção... então eu descobri, Deus é um.' As palavras a encorajaram um pouco. Talvez houvesse alguns religiosos judeus no festival. Mas então o grupo passou a cantar sobre Shiva, o deus Hindu da destruição e da regeneração, e de sua deusa companheira, Parvati. Ja-nice perguntou para um dos trabalhadores da cabine de som se ela tinha ouvido corretamente. 'Sim! Deus é um' – ele explicou – 'Elohim, Shiva, Parvati e Buda são um, e nós somos um com eles.' Mais tarde Janice assistiu horrorizada enquanto centenas de israelenses – judeus ultra-ortodoxos entre eles – olhavam para o sol e rezavam para que o espírito do leste os enchesse. Ironicamente, naquela mesma semana, violentos distúrbios espalharam-se entre judeus e árabes em Israel, na Cisjordânia (West Bank em inglês – que significa margem do leste, ou margem ocidental)1 e em Gaza. Para Janice isso era a história se repetindo: como se Deus estivesse permitindo que seu povo fosse atacado, como foi no tempo do Antigo Testamento por ter se voltado para ídolos e falsos deuses.2

Festivais de Nova Era eram maneiras populares de disseminar idéias ocidentais em Israel. Em 2002 Janice assistiu uma 'Boombamela' de seis dias, uma paródia do gigante hindu 'Kumbamela'. Para divulgar o evento foram espalhados cartazes representando um guru indiano drogado com uma estrela de Davi em sua testa. A equipe de Janice acampou em uma praia com milhares de outros participantes, conversando, orando e convidando pessoas para refeições. Todo tipo de misticismo podia ser visto: yoga, meditação, reiki, cristais, religiões nativas americanas e ocidentais, Hari Krishna e cultos judaicos. Eles viram homens nus vestidos apenas com tinta no corpo da cabeça aos pés vagando no meio da multidão enquanto música trance tocava bem alto e drogas circulavam

livremente. Mas Jesus também estava lá, buscando ovelhas perdidas. A equipe encontrou favor diante do dono de uma grande tenda de chá que permitiu que eles cantassem e tocassem violão. Os freqüentadores do festival foram até eles e pediram Novos Testamentos. Eles foram até convidados a fazer um concerto no palco principal. A Palavra de Deus foi amplificada para milhares.

Onde quer que fosse em Israel, Janice sempre aproveitava as oportunidades para explicar sobre seu trabalho em congregações Messiânicas e grupos de jovens. Seu alvo sempre era de formar mais parcerias e motivar os crentes a orarem ou unir-se a ela na Índia. Como resultado, sua solidão de oito meses foi preenchida em 2000 tendo somente uma noite a sós. Pouco depois disso um comitê de crentes israelenses e escandinavos se encontrou com Janice e propuseram enviar pequenas equipes para trabalhar com ela em um programa contínuo. Cada grupo de duas ou três pessoas passaria por um treinamento preliminar de um mês em Jerusalém antes de gastar quatro meses na Índia. Para Janice isso soava como um sonho que finalmente estava se tornando realidade.

Quando ia para Israel Janice visitava alguns dos viajantes com quem ela já havia se encontrado na Índia. Uma pessoa com quem ela manteve contato foi Sharon. Ela teve overdose de drogas e sofreu um colapso em Manali. Janice e amigos permaneceram com ela até que seu pai chegasse para levá-la pra casa. Foi bom rever Sharon e encontrar com outros membros da família. A garota estava melhor, porém ainda sob medicação, e Ja-nice ficou preocupada ao ouvi-la falar sobre voltar para a Índia. Ela decidiu compartilhar mais sobre seu testemunho pessoal.

Vários outros israelenses com quem ela tinha se encontrado em Manali estavam agora vivendo na região de Tel Aviv. Quando Janice foi vê-los ela se deu conta de que recentes ataques terroristas contra amigos e vizinhos os tinham deixado profundamente chocados. Uma garota, Mital, se escondeu debaixo da mesa de um restaurante quando um tiroteio começou perto dela. Embora ela ainda não estivesse pronta para aceitar um Novo Testamento da Janice, ela a ouviu cuidadosamente. O mesmo fizeram Gadi e Hadass que a levaram para jantar como forma de demonstrar apreço por sua amizade e ajuda em Manali. Ocasionalmente Ja-nice consegue colocar amigos em contato com crentes na região.

Períodos para renovação de visto no Canadá também são aproveitados para informar outras pessoas sobre seu ministério. Em 2001, um mês ou dois depois

do ataque terrorista de 11 de setembro, ela foi convidada a passar algumas semanas na cidade de Nova Iorque, com o grupo Judeus para Jesus. O compromisso deles a encorajou. Indo com um grupo ao “Marco Zero” para testemunhar e distribuir folhetos foi algo que ela nunca se esqueceria.

Algumas vezes os vôos que iam ou saíam da Índia paravam na Tailândia. Janice aproveitava estas oportunidades para verificar a situação dos israelenses neste país. Ela descobriu que o uso de drogas não era tão evidente entre as ondas de viajantes na Tailândia porque havia penalidades severas.

Mas o álcool estava por toda parte e as festas trance eram tão populares quanto lá. Janice conversou com muitos jovens e viu que havia um grande potencial para ministérios entre israelenses na Tailândia, se simplesmente pudesse encontrar trabalhadores.

Durante uma estadia em Bangkok Janice notou um cartaz na casa onde estava hospedada convocando os hóspedes a visitarem prisioneiros americanos nos presídios na Tailândia. A maioria estava cumprindo uma longa sentença por tráfico de drogas. Janice e uma amiga conseguiram encontrar o caminho para a notória prisão de Bangkwang, conhecida como o ‘Hilton de Bangkok’. Aqui quase 7.000 prisioneiros definhavam em condições quase desumanas, em um espaço que caberia somente metade deste número. Doenças como tuberculose e AIDS eram endêmicas. Foi permitida a entrada das garotas sem muita dificuldade. Enquanto sua amiga foi falar com um prisioneiro alemão, Janice gastou algum tempo com Christopher, uma americano de trinta e oito anos. Cris já tinha cumprido cinco anos de sentença de um total de nove. Ele disse que sua mãe e sua irmã o visitavam de vez em quando. No começo a Embaixada dos Estados Unidos também enviava revistas pra ele, mas aquele pequeno conforto havia cessado. Christopher tinha acabado de cumprir um mês na solitária e ficou surpreso, mas ao mesmo tempo grato, por alguém ter ido visitá-lo. Durante a conversa ele mencionou que tinha ido na igreja uma vez nos Estados Unidos. Janice decidiu que iria pelo menos conseguir uma Bíblia para ele. Naquele exato momento ela viu um senhor mais velho a caminho de visitar alguém, carregando alguma coisa. Era uma Bíblia. Ela foi falar com ele, esperando que ele pudesse conseguir uma para Christopher e que pudesse visitá-lo, mas para seu espanto o homem era Testemunha de Jeová. A experiência deixou Janice angustiada. Se ao menos mais crentes em Bangkok pudessem visitar estes homens e mu-lheres que aos poucos estão se desgastando por trás das grades. Quando ela e sua amiga voltaram para a cidade elas fizeram mais um cartaz rogando às pessoas que

visitassem os prisioneiros.

Algum tempo depois, em uma outra parada na Tailândia, Janice ficou feliz em fazer contato com crentes tailandeses que dirigiam um ministério cristão com prisioneiros. Com o passar dos anos eles haviam visto dez mil homens e mulheres vindo à fé em cinqüenta e três presídios ao redor do país. Sua grande necessidade é de pessoas que falam inglês que podem ajudar os encarcerados aprenderem a língua inglesa, usando a Bíblia. Janice e sua equipe sentiram-se felizes por poder participar de uma reunião com cinco mil prisioneiros. Ela também explorou oportunidades para alcançar israelenses no Reino Hindu do Nepal. Surpreendentemente, antes da insurreição maoísta reduzir o número, Katmandu costumava hospedar a maior festa de Páscoa do mundo com quase 1.500 pessoas vindo de Israel. Enquanto ela estava na cidade visitou muitos homens e mulheres que ela conhecia. Deus deu a ela a oportunidade de aprofundar relacionamentos e compartilhar sobre a verdade. Porém, uma vez mais ela ficou assustada com a facilidade de se conseguir drogas. Apenas andando em uma área turística por uma hora e meia ela foi abordada por oito diferentes traficantes de drogas.

Janice está com pouco mais de quarenta anos agora. Ela não é ingênua quanto aos riscos do que ela está tentando fazer. À parte dos desafios da vida diária e da instabilidade das pessoas que a acompanham, há um risco muito real de aumentar a hostilidade entre a Índia e o Paquistão. Ela e outros obreiros têm um plano de contingência por precaução, mas ela não tem desejo de abandonar sua missão.

‘Deus tem trabalhado em mim durante toda minha vida para fazer isso’ – ela diz. ‘Até mesmo os “anos perdidos” de viagem me deram uma certa credibilidade diante daqueles com quem me encontro. Eu já derramei algumas lágrimas de frustração, confesso, mas quando eu me sinto realmente cansada de mim mesma, Deus faz algo grandioso.’ Um sorriso brota em seu rosto, e ela acrescenta – ‘Estas pessoas são preciosas demais para Deus para que Ele me deixe colocar tudo a perder. Eles têm passado por tantas coisas e estão morrendo ali. Então sei que Deus fará algo!’

Notas:
1. Explicação acrescentada pelo tradutor.
2. Veja, por exemplo, 2 Reis 17.7-23 ou Jeremias 1.14-16

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Casamento – Meninas casadas:

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, mortes relacionadas com gravidez é a principal causa de morte ao redor do mundo entre garotas de quinze a dezenove anos de idade.

Mortalidade materna é 5 vezes mais alta para garotas abaixo de quinze anos de idade e 2 vezes mais para as que estão entre quinze e dezenove anos.1 Abortos e partos de crianças mortas também têm probabilidades muito maiores. Além dos riscos óbvios de saúde, meninas casadas são impedidas de receberem educação e de terem uma infância normal.

DENTRO DO MUNDO MUÇULMANO

Em muitas partes do mundo muçulmano é comum ver crianças de nove anos se casando com homens de idade suficiente para serem seus avôs. Mesmo que a prática seja oficialmente ilegal ela é aceita, pois o próprio profeta Maomé estabeleceu o precedente. Com 22 anos ele tomou uma criança de seis anos de idade para ser uma de suas esposas, o casamento foi consumado sexualmente quando ela tinha nove anos.2

Irã: A idade legal para casamento subiu de nove para treze anos em 2002.

Bangladesh: A proibição legal do casamento com garotas menores de dezoito anos de idade raramente é enfatizado. Aproximadamente 51 por cento se casam com a idade de dezoito anos. De acordo com estimativas de grupos que lutam contra esta prática, casamentos abaixo desta idade totalizam pelo menos dez por cento dos quase dois milhões de casamentos a cada ano no país de mais de 130 milhões de pessoas. Muitas destas esposas têm apenas dez anos de idade.3

Níger: Um estudo recente da UNICEF descobriu que 44% das mulheres entrevistadas que estavam entre 20 e 24 anos se casaram quando tinham menos de 15 anos. Meninas casadas de onze e doze anos aumentam cada vez mais o número de vítimas de pressões financeiras, morais e tradicionais.Dezenas de milhares de meninas desaparecem a cada ano em casamentos arranjados que em algum momento se pensou que já era coisa do passado.4

Nigéria: Casamentos forçados são comuns, particularmente no norte Muçulmano. Algumas estatísticas dizem que 37% meninas entre 15 a 19 anos

são forçadas a se casarem.

Paquistão: Quase 68% da população do Paquistão reside em áreas rurais e muitas garotas entre 12 e 14 anos ou estão grávidas ou já são mães. Para burlar as leis os pais registram nos certificados de casamento que suas filhas já têm 16 anos de idade. Pelo fato da certidão de nascimento ainda não ser um requisito legal para casamentos no Paquistão não há forma de checar a falsificação da idade.5

O ‘ATO DO CASAMENTO’ NO PAQUISTÃO

Uma lei aprovada no período da ditadura de Zia ul-Haq em 1985 declara que se uma mulher não-muçulmana se converte ao islamismo seu casamento anterior é anulado e fica sem efeito. Muçulmanos Radicais vêem isso como um convite ao rapto, estupro e ameaçam mulheres e meninas para que se convertam ao islamismo. Elas então são forçadas a se casarem com seus raptores, os quais dizem que seus pais e maridos perderam todo direito sobre as mulheres e meninas raptadas. Por indiferença, conivência ou medo, a maioria dos policiais locais simplesmente aceitam o fato.6

Em fevereiro de 2001, Naira Nadia, uma garota cristã de 14 anos, foi seqüestrada e brutalmente estuprada por um grupo de homens muçulmanos após compartilhar sua fé com um amigo na escola. Os homens forçaram-na a se converter ao islamismo e enviaram aos seus pais um certificado de conversão. Mesmo tendo a evidência de que Naira não tinha idade suficiente para se casar ou converter-se a uma outra fé sem o consentimento dos pais, o juiz responsável na Alta Côrte de Lahore decidiu-se a favor dos seqüestradores. Naira está desaparecida há quase 7 meses. A família entrou com um apelo à Suprema Côrte em fevereiro deste ano, mas eles estão sob forte pressão de muçulmanos locais para que abandonem o caso.7

De acordo com pesquisas, incidentes de estupro por parte dos muçulmanos contra mulheres cristãs registrados na polícia subiram para 780 em 2002. Os números atuais são muito maiores. A maioria das meninas e mulheres nesta cultura escolhe permanecer em silêncio, pois relatar o estupro traria vergonha para suas famílias e as impediria de encontrar um marido.8

DENTRO DO MUNDO HINDU

Índia: 18 anos é a idade mínima para uma mulher se casar, mas mulheres que se

casam abaixo desta idade continua sendo uma tradição. Uma pesquisa familiar realizada entre 1988 e 1989 descobriu que 1/3 de todas as meninas adolescentes se casaram com 15 anos. Nos estados do norte, como na parte oeste de Uttar Pradesh, casamentos são arranjados para meninas de apenas poucos meses até 8 anos de idade. As esposas permanecem em suas casas até atingirem a puberdade, então elas são enviadas para os lares de seus maridos.9

Em Rajasthan onde casamentos precoces também são comuns, nem todas as famílias são preparadas para esperar pela puberdade. Em muitos casos documentados por sociologistas, garotas de 6 e 7 anos foram levadas pelas famílias dos maridos para começarem a trabalhar como empregadas domésticas ou no campo. Muitos maridos relataram estarem cansados de suas esposas após o terceiro, quarto ou quinto filho quando as esposas ainda são adolescentes.10

América do Norte:

Estados Unidos: A Igreja Fundamentalista dos Santos dos Últimos Dias é uma seita que saiu da Igreja dos Mórmons há 70 anos após um amargoso desacordo sobre as práticas do matrimônio plural, poligamia e esposas com idade de 14 anos. Aproximadamente 6.000 seguidores vivem nas comunidades no Arizona e Utah. Um artigo no jornal The Arizona Republic relatou que muitos jovens destas comunidades eram encorajados a irem embora, algumas vezes sob a pressão da força policial controlada pela igreja, para que líderes religioso mais velhos pudessem cortejar mais facilmente 10 esposas. Estes ensinam que a única maneira dos homens chegarem ao nível mais alto do céu é tendo pelo menos 3 esposas nesta vida. Embora a poligamia seja contra a lei em Utah e inconstitucional no Arizona, os membros desta seita nunca tentaram encobrir seu estilo de vida.11

Nota:

1. ‘A realidade da vida de meninas adolescentes’, (http://www.iwhc.org/uploads/RealityAdoGirlsLives.pdf).
2. ‘Maomé, Aisha, Islamismo e Meninas Noivas’, (http://www.answering-islam.org.iu/Silas/childbrides.htm).
3. Tabibul Islam, ‘Meninas casadas de Bangladesh enfrentam problemas de saúde’, 22 de Maio de 2000.
4. Boureima Hama, ‘Meninas casadas no Níger estão de volta, trocando bonecas por bebês’, Africa News, 6 de Junho de 2002.
5. Ameena Khan, ‘A situação das meninas no Paquistão’, Child works in Asia, Vol. 16, No. 2 Maio – Agosto 200.
6. Christianity Today, 21 de Maio de 2001.
7. Worthy News (Serviço de Notícias pela Internet), Outubro 2003.

8. Pakistan Christian Post, 6 de Outubro de 2003.
9. Ammu Joseph, (http://www.reportingpeople.org) 2 de Outubro de 2003.
10. John Burn, 'Casamentos infantis, embora ilegais, persistem na Índia', NY Times on the Web, 11 de Maio de 1998.
11. Joseph A. Reaves e Mark Shaffer, The Arizona Republic¸28 de Setembro de 2003.

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Casamentos – Esposas em risco:

A cada ano 25.000 noivas são deliberadamente queimadas na Índia e em Bangladesh. Só em Deli, na capital, uma mulher é queimada até a morte a cada 12 horas. A maioria dos assassinos fica impune.

ESPOSAS QUEIMADAS

Índia: O sistema de dote foi legalmente banido da Índia há mais de 40 anos. No entanto, aceitar e receber uma transferência de posses é ainda uma prática esperada em muitas partes do subcontinente. Pelo fato de cair sobre a família da noiva a responsabilidade de dar grandes quantias de dinheiro ou objetos de valor (avaliados hoje ao que equivale a 5 vezes o rendimento anual da família), não é de se surpreender o fato do nascimento de uma menina ser recebido com terror. Na verdade, a prática do dote é a causa direta do aumento das taxas de infanticídio (veja Estatísticas Demográficas: Infanticídio Feminino). Algumas garotas já cometeram suicídio por saberem que seus pais jamais poderiam pagar por seu dote.

Tensões podem ocorrer depois do casamento se a família do noivo decidir que deseja mais do que foi previamente acordado a respeito do dote. Eles podem tentar extorsão e se a família não consegue atender às suas exigências a noiva corre o risco de sofrer abuso, divórcio e até mesmo a morte.

Espoas indianas que são espancadas têm poucas opções. Se elas tiverem muita sorte suas famílias a aceitarão de volta, mas normalmente os pais não podem ou não querem permitir que suas filhas retornem por causa de um paradigma social. A Índia oferece poucos abrigos do governo para mulheres abusadas. Os que existem têm uma reputação tão ruim que as mulheres pre-ferem sofrer a agressão de seus maridos ou familiares.

Ironicamente, as taxas de mortalidade cresceram enquanto a Índia se torna mais próspera. Fatalidades oficialmente registradas pularam de 1.912 em 1987 para

4.006 em 1989 e 6.222 em 2000. A maioria das vítimas é queimada até morrer.

Membros da família do marido jogam querosene na mulher e atiram fogo, esperando que o incidente passe como suicídio ou um acidente com o fogão. Outras mulheres têm sido queimadas com ácido. Mas as estatísticas citadas são apenas os números oficiais. Milhares de mortes passam sem serem registradas e apenas 3% dos agressores recebem punição.1

Bangladesh: embora o noivo tenha a responsabilidade de pro-videnciar os presentes nupciais dentro da cultura muçulmana, o dote por parte da noiva é tão exigido em Bangladesh que muitas famílias pobres são incapazes de casarem suas filhas. De acordo com um relatório, aproximadamente 50.000 meninas, todas de um mesmo distrito, não têm esperança de casar pela falta de condições para pagar o dote requerido. Em outro distrito, 2.500 casamentos terminaram em divórcio em 1999 por causa de contendas a respeito do dote. Ao todo 2026 mulheres perderam suas vidas entre 1990 e 1997 de acordo com o Ministro de Relações de Mulheres e Crianças em Bangladesh. A Associação de Advogadas de Mulheres de Bangladesh diz que 203 mulheres foram assassinadas e outras 34 torturadas por seus familiares no ano de 2000 por causa do dote.2

Paquistão: de acordo com a Associação das Mulheres Progressistas no país queimadura responde pela causa de morte violenta de pelo menos 300 mulheres a cada ano, na maioria das vezes pelas mãos do marido ou de seus familiares. Novamente, a polícia normalmente é informada de que a vítima foi morta por causa de um fogão que explodiu e não há processo. Embora o divórcio seja permitido no Paquistão algumas famílias aparentemente decidem se livrar de esposas indesejadas simplesmente assassinando estas mulheres.3

ESPOSAS DO CORÃO

O dia do seu casamento chegou. Amigos e familiares da jovem noiva conversavam enquanto a preparavam para a cerimônia. A garota se banha e é cuidadosamente vestida com seda fina e jóias. Após isso várias horas são gastas para realizar o arranjo do seu cabelo e a maquiagem. Finalmente a noiva é levada à frente.

A cerimônia prossegue. Ela coloca sua mão no livro santo do islamismo e repete seus votos. Agora ela era uma mulher casada.

Exceto pelo fato de não ter marido.

Seus pais apenas seguiram os procedimentos de uma antiga prática aceita em áreas rurais de Sind no Paquistão. Casamento no Corão é uma maneira bem planejada de casar uma filha para manter a linhagem da família pura e a riqueza intacta. A garota em questão pode ter apenas 10 ou 15 anos de idade, mas a cerimônia é mantida para o resto de sua vida. A 'esposa' agora é mantida em reclusão. Contato é proibido com qualquer homem com mais de 14 anos de idade, incluindo pessoas de parentesco direto. Em alguns casos ela não tem nem permissão de ver um homem na TV.

Esposas sem maridos, como a mencionada acima, podem tentar preencher as longas horas intermináveis estudando o Corão. Não é de se espantar que algumas delas – estima-se 3.000 – acabam enlouquecendo.

No livro Why I Am Not A Muslim (Por que não sou muçulmana), Ibn Warraq cita uma mulher que foi destinada a esta fatalidade: "Eu gostaria de ter nascido quando os árabes enterravam suas filhas vivas. Até mesmo isso seria melhor do que esta tortura."4

VENDA DE ESPOSAS

A regra de 'um só filho' na China, a qual encoraja escolher meninos ao invés de meninas, tem gerado um desequilíbrio severo entre a taxa de homens e mulheres. Milhões de homens na idade de casamento não conseguem encontrar esposas. Grupos criminosos e agentes de casamento – essencialmente traficantes de escravos – vão para as áreas rurais seqüestrar e comprar mulheres e garotas para oferecerem a possíveis maridos compradores. As mulheres normalmente cooperam com os agentes de casamento na espe-rança de livrar suas famílias da fome. Desde 1990 as autoridades chinesas libertam anualmente cerca de 8.000 mulheres e garotas vítimas de seqüestro. Mas os seqüestros continuam crescendo como uma indústria multi-milhionária.5

PEDIDO DE NOIVAS PELO CORREIO

Pesquise o tema 'pedido de noivas pelo correio' na internet e você encontrará mais de cem mil sites oferecendo e-noivas. Alguns se especializam em nacionalidades, outros se orgu-lham de ter um 'estoque' de mulheres disponíveis. Clientes no topo final da escala podem fazer viagens programadas para vários países e trazer suas noivas pra casa. Enquanto homens e mulheres sem dúvida conseguiram pares felizes desta maneira, milhares de mulheres acabaram caindo

na armadilha de relacionamentos abusivos violentos. Se esposas imigrantes já esgotadas ousarem protestar elas são ameaçadas de serem deportadas. As barreiras da língua e da cultura normalmente pioram a situação. Embora esta indústria não possa ser chamada de 'tráfico' pelo fato de ser feita com consentimento, ela é amplamente realizada sem regulamentação e produz um número cada vez maior de vítimas ao redor do mundo.

CASAMENTOS POR CONVENIÊNCIA

Os seguidores xiitas do islamismo (a maioria deles vive no Irã) têm a permissão de realizarem uma forma singular de casamento que pode durar desde alguns minutos até noventa anos. Em vários casos o acordo de muta'a é simplesmente uma prostituição legalizada. Um homem e uma mulher assinam um contrato para estarem juntos por um período específico de tempo. Normalmente o homem concorda em oferecer algum benefício financeiro. O contrato então é registrado e sancionado por um clérigo. O homem pode ter quantas esposas temporárias desejar. Uma mu-lher, no entanto, pode ter somente um esposo de cada vez, para que possa estabelecer parentesco no caso dela ficar grávida. Qualquer filho que nasça de tal união será criado pelo homem e por sua esposa permanente.

Pelo fato desta situação ser aprovada oficialmente pelos religiosos ela não é considerada pecado. Ninguém tem que ter um sentimento de culpa. Casamentos temporários são muito normais no Irã, os jovens são até aconselhados a praticá-lo como uma forma de aliviarem suas necessidades sexuais até que chegue o tempo em que eles estarão prontos para estabelecerem um casamento permanente. No Iraque a prática foi banida sob o governo de Saddam Hussein, mas agora retornou. Um grande número de viúvas vê isso como a única forma de sobreviverem. Clérigos que apóiam o *muta'a* diz que isso oferece liberdade sexual e financeira.

Notas:

1. Usha Rai, 'Dowry: Doença do Sul Asiático', Women's Feature Service, {http://www.janmanch.org}.
2. Usha Rai, 'Dowry: Doença do Sul Asiático', {http://www.ANMANCH.org}.
3. BBC News Online, 27 Agosto 1999.
4. Ibn Warraq, "Por que não sou uma muçulmana,' (New York,Prometheus, 1995).
5. Liu Bohonhg e Dorinda Elliott, 'Tentando se levantar sobre dois pés', Newseek, 29 Junho 1998.

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Nas ruas:

Há aproximadamente 100 milhões de crianças trabalhando nas ruas. Aproximadamente outro 1 milhão é forçada a trabalhar na indústria do sexo ao redor do mundo a cada ano. A idade média continua diminuindo e até mesmo garotas pequenas e bebês são envolvidas.

AMÉRICA DO NORTE

EUA: Entre 300.000 e 600.000 jovens estão envolvidos com prostituição. As garotas, cada vez mais jovens, começam com 14, 13 e até mesmo 12 anos de idade. A cada ano entre 1.2 e 2 mi-lhões de adolescentes vão para as ruas – fugitivas ou 'jogadas' – e metade delas buscarão a prostituição para sobreviver.

Canadá: Assistentes Sociais em Toronto estima que há 10.000 crianças vivendo nas ruas e que muitas delas tornam-se vítimas de cafetões. Mais de 400 crianças, algumas com 11 anos de idade, são descobertas trabalhando para cafetões em Calgary e entre 300 e 600 em Montreal. Centenas de crianças estão sendo usadas na prostituição na região da Colômbia Britânica, a qual tem a maior incidência de prostituição infantil no Canadá.

EUROPA

Atualmente meio milhão de meninas e mulheres no Centro e Leste Europeu trabalham como prostitutas nos países da União Européia.

Fronteira Tcheca/Alemã: um relatório da UNICEF de 2003 descobriu que paradas de ônibus, postos de gasolina e paradas de descanso na fronteira entre a República Tcheca e a Alemanha se tornaram em 'bazares' onde prostitutas infantis se encontram principalmente com homens alemães. Crianças de todo o Leste Europeu são vendidas por suas famílias para a escravidão sexual. Uma autoridade alemã estimou que aproximadamente 100.000 turistas do sexo da Alemanha viajam para a República Tcheca, sendo que metade deles tem interesse por crianças. 1

Grécia: O número de crianças, menores de idade, no mercado sexual tem triplicado durante os últimos cinco ou seis anos. A prostituição é legal neste país.

Grã Bretanha: Em Bradford crianças de onze anos têm sido escravizadas na prostituição. Uma pesquisa mostrou que a média de idade de cem meninas adolescentes que estavam em contato com assistentes sociais era de quatorze anos. Cafetões mais velhos as exploram, trancam-nas em quartos e normalmente

lhes negam acesso à comida e banheiro. Um relatório da Barnado - uma organização que ajuda crianças - descobriu que crianças de doze anos trabalham como prostitutas em cidades da Escócia.

ÁSIA

Pelo menos um milhão de crianças estão sendo exploradas sexualmente na Ásia. O maior número está na Índia (500.000), Tailândia (60.000 – 200.000), Taiwan (40.000 – 60.000) e Filipinas (60.000).

ORIENTE MÉDIO

EAU: Estima-se que 50% das mulheres na prostituição foram forçadas a entrar na indústria do sexo quando ainda não tinham maioridade.

Turquia: Há 60.000 meninas prostitutas com idade entre doze e dezessete anos.

AUSTRALÁSIA

Austrália: Mais de 3.000 crianças trabalham na indústria do sexo, algumas têm menos de dez anos. Meninas trabalham em bordéis, atuando como acompanhantes, prostituição nas ruas, pornografia e streep-tease. Pedofilia é um sério problema.

Filipinas: Este é um dos destinos favoritos de turistas sexuais pedófilos vindos da Europa e dos Estados Unidos. Uma estimativa de 1.5 milhão de crianças de rua trabalham como batedores de carteiras, mendigos, traficante de drogas e prostitutas.

AMÉRICA LATINA

Estima-se que há pelo menos 40 milhões de crianças de rua na América Latina. Muitas são vítimas de abuso, algumas vezes de assassinato pela polícia ou outras autoridades e indivíduos que supostamente deveriam protegê-las.

Brasil: Há aproximadamente 100.000 crianças de rua entre sete e dezoito anos.

México: Cerca de 5.000 meninas estão atualmente sendo usadas para turismo sexual, prostituição e pornografia.

Peru: Mais de 10.000 crianças de rua e marginalizadas morrem por ano na cidade de Lima.

Notas:

1. Benoit Finck, 'Border "haven" for child prostitution', 29 de Outubro de 2003, http://www.news.com.au.

Capítulo 8

Uma Criancinha os Guiará

Não podemos fazer coisas grandes, somente pequenas coisas com um grande amor.' Madre Teresa

Para a enfermeira Mary Hill de Sault Ste. Marie em Ontário, Canadá, não foi a luz de um relâmpago ou uma voz vinda do céu que a empurrou para fora de sua zona de conforto. Um dia ela leu sobre a necessidade de enfermeiras para um programa de nutrição de crianças no norte do Iraque. Depois de pensar e orar sobre isso durante algum tempo ela decidiu que deveria tomar um ano de licença e fazer a sua parte. Além do mais, oferecer um ano a Deus não era muito comparado a tudo o que Ele havia dado a ela. E seu trabalho – um emprego bem remunerado por causa de sua especialização – estaria esperando por ela quando voltasse.

Na verdade o projeto do Iraque sofreu algumas mudanças o que acabou conduzindo Mary a preencher uma vaga em um hospital no Líbano. Em Janeiro de 1997 Mary voou do Canadá para uma conferência de orientação na Alemanha. O clima estava um tanto frio e antes de chegar a viajar para as montanhas cobertas de neve no Líbano ela pegou pneumonia. Sua mala com roupas de inverno só chegou três semanas depois dela.

Não foi um começo muito promissor. O alojamento das enfermeiras daquele hospital que ficava fora de Beirute era rígido, seco e não tinha aquecimento, por isso seus dentes batiam tanto que ela não tinha idéia de como iria sobreviver sequer por um dia, muito menos por um ano. Trabalhadores de missões estrangeiras normalmente escolhiam casas mais confortáveis fora da área do hospital. Mas embora o dormitório exigisse mais do que uma adaptação, ela queria sentir-se próxima da equipe libanesa. Seria mais fácil fazer amigas e aprender mais da língua através de colegas de trabalho. E, assim como Mary admitiu para si mesma, isso também a forçaria reavaliar as coisas que ela considerava serem básicas para seu estilo de vida.

Viver nas montanhas era certamente muito mais simples. Embora ela não tivesse nenhum aparato que a ajudasse ganhar tempo (como os que ela tinha em casa) ela tinha muito mais tempo. Que diferença fazia não ter um carro, televisão ou

até mesmo telefone. E pela primeira vez em oito anos ela não tinha que carregar um pager. A tranqüilidade era refrescante.

E assim era também o cenário do Líbano. Como a maioria dos novos visitantes Mary tinha ouvido mais sobre os problemas políticos do país do que de suas belezas naturais. Embora os famosos cedros do Líbano agora fossem poucos e bem espalhados o país ainda tinha a floresta mais densa dentre os países do Oriente Médio. Aquele hospital que inicialmente foi planejado para tratar de pacientes com tuberculose foi construído no alto de uma montanha perfumada de pinheiros. Abaixo estava a costa do Mediterrâneo que desabrochava com árvores e flores durante o verão. Embora Beirute ainda tivesse as cicatrizes da guerra civil de 1975-1990, agora era uma cidade moderna e próspera.

Obviamente algumas situações que Mary enfrentou não foram tão maravilhosas. Ela era obrigada a lavar toda sua roupa em um balde e as roupas ficavam penduradas para secar ao redor do seu quarto apertado por até uma semana durante os meses de inverno. Pelo fato do árabe ser a língua oficial a comunicação também podia ser frustrante. Mary aprendia frases e tentava se comunicar em inglês, um pouco de francês e muita mímica.

O maior desapontamento era com as dependências médicas inadequadas. O Hospital Hamlin foi estabelecido por missio-nários no início de 1900 e antes da guerra ele foi um dos me-lhores centros de tratamento de tuberculose no Oriente Médio. Várias alas do prédio, incluindo a escola de treinamento das enfermeiras, agora estavam abandonadas.

Assustada, a princípio Mary não tinha certeza se iria conseguir permanecer. O lar de idosos que ficava ao lado do hospital tinha as vidraças quebradas e janelas que não fechavam nem mesmo quando nevava. A temperatura normalmente chegava abaixo de zero dentro das casas forçando os moradores a se amontoarem de casacos e chapéus para se aquecerem. Água quente só estava disponível e um único lugar. Em relação a equipamento, ela encontrou apenas um termômetro para compartilhar entre vinte e oito pacientes. A acomodação para a equipe era muito básica, entretanto, a maioria dos trabalhadores estava tão ansiosa para preservar seus empregos que ninguém ousava reclamar. Se eles saíssem uma dúzia de gente estava esperando para ocupar seus lugares.

Aproveitando seus anos de treinamento especializado Mary implementou padrões mais profissionais no hospital. Ela também trabalhou com os demais

para limpar, pintar e dar às paredes da instituição um ar mais alegre, colocando cartazes coloridos com textos das Escrituras em árabe. O objetivo de Mary era ministrar às necessidades espirituais e físicas dos pacientes, pois a maioria tinha sofrido profundamente durante os anos de guerra.

A senhora Abla, por exemplo, foi forçada a ir para o hospital quando ela teve problemas sérios de coração há vários anos atrás. A enfermidade na verdade salvou sua vida. Durante a guerra sua vila foi atacada. Todos os moradores, incluindo sua família inteira, foram massacrados.

A princípio, trabalhar na área de idosos foi muito difícil. O lugar era muito sombrio e as pessoas eram muito desagradáveis. Mas conforme Mary ouvia suas histórias ela começou a se ver amando seus pacientes. Ela sabia que este amor não vinha dela, mas sim do Senhor que a havia enviado para lá.

Uma vez por mês ela também viajava com a equipe de médicos da Operation Mercy para o Vale de Baca. Ali o povo Beduíno do Líbano havia sido forçado a abandonar seu estilo de vida nômade e estava vivendo em meio a dificuldades severas. Aqueles que um dia tiveram orgulho agora tinham uma vida reduzida a pedaços, a maior parte do tempo trabalhando no campo de outros povos, com trabalho forçado. Na escala social do país eles estavam no último lugar, desprezados e rejeitados. A equipe médica fez o que pôde para fornecer vacinas e cuidados de primeiros socorros para as crianças das favelas de Beirute. Algumas vezes ela cuidou de crianças que precisavam de outros cuidados especializados.

A pequena Fatmi foi uma delas. Nascida com uma grande fissura no céu da boca, Fatmi era a quarta criança em uma família que já tinha muitas bocas para alimentar. Sua casa era uma choupana e para complicar as coisas a mãe de Fatmi já tinha sido diagnosticada com esquizofrenia na época em que ela se casou (quando tinha quatorze anos de idade). Depois de dar à luz a mãe raramente pegava o bebê no colo ou falava com ela, deixando Fatmi deitada sozinha e suja. Amamentar era algo esporádico. Na época em que ela concordou em receber ajuda de um médico na humilde cidade Fatmi tinha treze meses de idade e pesava somente cinco quilos. O médico contou para Mary sobre o caso, esperando que ela pudesse ajudar. Ela concordou em cuidar do bebê até que ela estivesse forte o suficiente para passar pela cirurgia de reparação do palato.

Fatmi chegou no pequeno dormitório de Mary apenas dois dias depois do Natal.

Quando ela pegou nos braços aquele corpo coberto de piolhos seu coração se quebrantou. A menina estava tão fraca que nem conseguia levantar a cabeça quando estava sentada. Se passasse mais um mês o pediatra do hospital falou ela teria morrido.

Cuidando de sua pequena paciente durante as longas horas da noite Mary perguntou a si mesma o que ela estava buscando na vida. Ainda que ela ajudasse Fatmi a sobreviver, que tipo de futuro esta criança poderia esperar? Ajuda emergencial de curto período não era a verdadeira solução para este caso. Tudo que Mary sabia era que deveria dar uma chance à pequena garoti-nha.

Fatmi respondeu tão bem à dieta médica que dentro de um mês ela estava pronta para passar pela cirurgia. No entanto, a fissura em sua boca era tão grande que uma segunda cirurgia foi marcada para o início de Abril de 1998. O pai da criança perguntou se ele poderia deixá-la com Mary durante este tempo, então Mary conseguiu prorrogar a licença de seu emprego no Canadá. Mas antes da segunda cirurgia aquele homem veio até ela e perguntou se ela consideraria assumir a guarda de Fatmi. Ele pôde ver como a garotinha havia progredido, aprendendo a rir e a brincar e até mesmo interagir com os idosos dos quais Mary também cuidava no hospital. “Pense no lar para o qual ela terá que retornar”, ele disse.

Depois de pensar e orar muito, Mary concordou. ‘Talvez eu não consiga ajudar todas as crianças desfavorecidas no mundo, mas pelo menos eu posso fazer a diferença para esta’, ela pensou. O compromisso deveria tornar-se oficial, realizado em um cartório. Entretanto o tabelião disse que era uma vergonha dar a filha para uma pessoa cristã: ‘Você jamais irá vê-la novamente disse ele para o pai da Fatmi.’ Ele ficou com medo disso e mudou de idéia. Então, depois da criança se recuperar da segunda cirurgia Mary teve que levar Fatmi de volta pra casa. Deixá-la em um ambiente tão sujo foi mais difícil do que ela havia pensado. Quando ela voltou para visitá-la depois de duas semanas percebeu que o olhar vívido havia sido substituído por um olhar indiferente e vazio como se estivesse vendo uma estranha. Sabendo que não poderia fazer mais nada, Mary decidiu retornar ao seu emprego no Canadá.

Alguns meses mais tarde ela recebeu notícias do médico daquela pequena cidade. A família de Fatmi havia desintegrado e um divórcio estava a caminho. As três crianças mais velhas foram colocadas em orfanatos. No entanto, nenhum orfanato receberia Fatmi por ser tão nova. Ele perguntou se Mary consideraria

cuidar dela, bem como de algumas outras crianças necessitadas, até que tivessem idade suficiente para serem aceitas em um orfanato.

Mary considerou este pedido por semanas. Quando lhe foi dado mais um ano de licença de seu emprego ela aceitou voltar para o Líbano em outubro de 1998.

Mary alugou uma pequena casa na vila e conforme os meses se passavam a ligação entre ela e a pequena Fatmi crescia. A falta de cálcio na dieta da criança durante seu primeiro ano provocou raquitismo: suas pequenas pernas eram encurvadas e seus dentes eram muito fracos. Mary a levou para ver um cirurgião ortopedista e após uma dieta rica em vitamina D e cálcio Fatmi teve uma grande melhora.

Naquele mesmo ano Mary acolheu uma outra garotinha severamente mal nutrida, a qual os médicos temiam ter uma disfunção séria de metabolismo. Três dos sete irmãos de Samira já haviam morrido em circunstâncias precárias. Samira sobreviveu, mas o coração de Mary foi quebrantado quando chegou a hora de devolver o bebê para a família que morava em uma pequena casa fria e suja em Beirute.

A experiência de cuidar de duas criancinhas ao mesmo tempo abriu os olhos de Mary para o estresse das mães solteiras. Para tornar as coisas piores, a vila católica onde ela morava havia voltado as costas para todos os estrangeiros. Ninguém falava com Mary, mesmo quando ela pedia ajuda no supermercado local. Homens batiam na porta de sua casa várias vezes e tentavam entrar. Mais tarde Mary se mudou, desta vez para uma vila de Druzos onde ela teve uma recepção calorosa!

Enquanto isso, não querendo ver Fatmi indo parar em um orfanato, Mary abordou três casais libaneses perguntando sobre a possibilidade deles adotarem a menina, cada um deles considerou a idéia, mas ao final decidiram não fazê-lo. Mary já não sabia o que fazer. Será que Deus poderia estar realmente dizendo que gostaria que ela tomasse conta da Fatmi?

Depois de fazer contato com um advogado canadense sobre as implicações legais, ela perguntou à família de Fatmi se eles considerariam a possibilidade de que ela adotasse a criança. Eles concordaram com uma certa preocupação. O pai de Fatmi deu a guarda legal de sua filha à Mary durante o processo de adoção no Líbano. Este foi um dia a ser celebrado. Mary decidiu acrescentar o

nome ocidental ‘Karen Joy’ ao nome árabe, antecipando-se à mudança futura para o Canadá. Mas um ano acabou se transformando em dois e as complicações se multiplicaram e a montanha de documentos crescia cada vez mais. Mary prorrogou seu tempo de permanência no Líbano, preencheu mais formulários, orou e recusou-se a desistir.

No entanto, duas pessoas não conseguiam sobreviver com o sustento para uma e a família de Karen nunca se ofereceu para ajudar no seu sustento. No ano de 2000 Mary achou que seria melhor ela voltar para a acomodação do hospital. Seus dois quartos apertados ofereciam suprimento de água ilimitado e eletricidade vinte e quatro horas. Do lado de fora não havia pia e a comida tinha que ser feita em um fogão elétrico. Quando o preço da energia elétrica duplicou o hospital pediu para que a equipe não usasse aquecedores elétricos. Isso, obviamente, fez com que os invernos fossem menos do que agradáveis.

Mary trabalhava dois dias por semana na sessão dos idosos. Nesta época o hospital tinha quase que duplicado o número de pacientes, sem acrescentar ninguém na equipe ou melhorar as condições de trabalho. O Sínodo Presbiteriano que supervisionava o lugar continuava renovando o visto de Mary ano após ano. Isso permitia com que ela permanecesse no país, pois os oficiais da imigração checavam regularmente seu status. Constantemente ela levava Karen com ela para manter os olhos atentos na menina. A garotinha era muito querida pelos idosos. Além de entretê-los ela também arranjava um meio de ocupar-se. Quando ela começou a ir para o jardim de infância Mary começou a ensinar inglês na escola durante alguns dias na semana, o que ajudava abater o custo dos estudos. Famílias generosas de missionários que tinham meninas um pouco mais velhas que Karen a mantinha bem suprida com lindas roupas, livros e brinquedos.

Mary e uma outra enfermeira ajudou crentes libaneses a começarem um Clube para Crianças na capela do hospital a cada dois sábados. Dentro de um ano setenta crianças se juntavam vindas de toda vizinhança, até que um segundo Clube teve que ser formado para meninas adolescentes. A grande maioria das crianças vinha de famílias Druzas, seguidoras de uma religião secreta, com suas próprias escrituras sagradas. Por mil anos os Druzos resistiram ao Cristianismo. Mary ficou maravilhada ao ver que algumas destas crianças (que jamais haviam ouvido de Jesus) agora estavam aprendendo músicas e histórias bíblicas e memorizando versículos. Visitar as crianças e organizar acampamentos de verão ajudava fortalecer relacionamentos.

Em 2001 o Senhor deu à Mary um presente de Natal inespe-rado. Em um dia de inverno no mês Dezembro ela foi comprar alguns itens no supermercado e o atendente disse que um carro seria sorteado em uma promoção. Ele insistiu com ela para que colocasse seu nome e endereço na caixa e sorrindo ela obedeceu. Para sua completa surpresa ela foi informada alguns dias mais tarde de que ela era a ganhadora: a dona de um Sportage da KIA! Emocionada com a provisão de Deus, posteriormente ela vendou o carro para a equipe e eles deram a ela um carro mais econômico para viagens nas montanhas.

Mary assegurou-se de que Karen visse seus irmãos sempre que possível. As crianças tinham permissão de saírem do orfanato para irem pra ‘casa’ de suas famílias durante o verão e nos feriados escolares. Em um final de semana ela os convidou para passar a noite com ela e Karen. Isso foi um desastre. Os dois garotos e a garotinha destruíram o pequeno apartamento como ciclones, quebrando muitos brinquedos da Karen com sua maneira rude de brincar e rasgando a piscina infantil, além de ficarem de pé em cima das cadeiras durante as refeições. No final daquela visita Mary sentia como se um caminhão tivesse passado por cima dela. Mais tarde ela pensou se não deveria ter começado com uma criança por vez.

A cirurgia de palato da Karen Joy fez com que ela tivesse que passar por uma fonoaudióloga. Quando ela atingiu idade suficiente para freqüentar o jardim de infância ficou aparente que ela tinha dificuldade de aprendizagem. Exames mostraram que a menina de seis anos de idade tinha um nível de concentração de alguém de três anos. Desenvolvimento tardio também era refletido em sua hiperatividade, o que tornava estudos normais um desafio tanto para ela quanto para os professores. Sob recomendação de um psicólogo Mary contratou uma mulher para ficar com Karen na sala de aula para ajudá-la a manter o foco e simplificar as explicações.

Mary tinha esperança de mudar-se para o Canadá antes de ter que lidar com assuntos escolares, mas a demora e os atrasos continuaram. Durante a primavera de 2002 ela e seu advogado submeteram à côrte os dezoito documentos exigidos e parecia que finalmente ira sair a adoção. Apenas um documento ficou para ser assinado por autoridades muçulmanas. Mas aí a família da mãe de Karen levantou uma tempestade inesperada. Eles ainda estavam irados e vingativos com o marido da filha que pediu o divórcio, o que era vergonhoso na cultura libanesa, e estavam buscando uma maneira de retaliar. A família foi até os oficiais da cidade com a denúncia de que o pai de Karen havia vendido a criança

para Mary por 100.000 dólares. Ninguém queria assinar os papéis finais de adoção tendo estas alegações ainda sendo feitas.

Mary estava quase em desespero. Ela não tinha tido um feriado em quatro anos e desejava ansiosamente retornar ao Canadá. A esta altura Karen já tinha terminado dois anos do jardim de infância e era hora dela entrar para uma escola que pudesse dar a ela assistência especial na sua deficiência de aprendizagem. A única escola que Mary encontrou cobrava 7.500 dólares só de matrícula.

Enquanto isso, a situação política do Líbano estava ficando cada vez mais tensa, especialmente na parte sul do país que fazia fronteira com Israel. Ninguém estava preparado para o assassinato de uma jovem americana chamada Bonnie Withreall em novembro de 2002. Bonnie esteve trabalhando em uma maternidade para palestinas no sul do país. Um certo dia, pela manhã, ela abriu a porta para um atirador que deu um tiro à queima-roupa em sua cabeça. Mary conhecia Bonnie, sabia o quanto ela amava o Senhor e o povo árabe que ela servia. Desde a guerra no Afeganistão e Iraque os trabalhadores cristãos estavam sendo alvos em várias partes do Oriente Médio. Todos se perguntavam quem seria o próximo.

A resposta veio em março quando a casa de uma família de outro membro da equipe foi bombardeada. Tragicamente, embora a família tenha escapado ao atentado um vizinho foi assassinado com a explosão que destruiu boa parte da sua casa. Ainda assim, Mary e outros colegas de trabalho no Líbano sentiam que não tinham outra escolha senão continuar seguindo na direção que Deus os estava conduzindo, confiando nele para cada passo.

Junho de 2003 trouxe a Mary uma nova onda de esperança. Karen Joy conseguiu seu passaporte. Mas antes que as duas pudessem sair do país todos os documentos de adoção deveriam ser traduzidos e autenticados pelo Ministério das Relações Estrangeiras. Mary tentou não ficar tão entusiasmada. Uma ou-tra sessão na côrte talvez ainda fosse necessária antes dela ter a custódia final e a côrte estava de recesso para um longo feriado de verão.

A cada passo pra frente parecia que eles escorregavam dois passos para trás. Um advogado que trabalhava na adoção do lado canadense advertiu Mary que seria necessário um estudo sobre o lar feito por um assistente social oficial de Ontário. Na mesma época a carteira de motorista canadense de Mary esta para vencer e ela só poderia ser renovada dentro de Ontário. Esperando poder lidar com as

duas coisas Mary deu entrada em um pedido de visto de turista para Karen. O governo canadense rejeitou o pedido.

O que fazer? O problema de estudo sobre o lar pareceu estar miraculosamente resolvido no domingo seguinte quando uma assistente social de Ontário simplesmente veio visitar a igreja libanesa de Mary. Um grande problema de falta de energia elétrica na parte da costa leste dos Estados Unidos resultou em uma mudança na data da passagem de volta desta mulher, dando a ela uma semana extra no Líbano. Ela disse a Mary que estava orando a Deus pedindo que Ele mostrasse pra ela o que fazer com este período de tempo. O estudo sobre o lar foi feito, porém mais tarde foi rejeitado pelo Ministério de Ontário. A assistente social deveria, segundo eles, ter recebido uma permissão prévia.

Então Mary teve que fazer tudo outra vez. Pelo menos o Ministério de Transportes concordou em renovar sua carteira de motorista por outros cinco anos.

A opção de sair do Líbano sem Karen, ainda que temporariamente, era algo que ela não ousava cogitar. A situação de seu visto era muito precária. Vários colegas de trabalho tiveram seus pedidos de re-entrada negados. Ela tinha que acreditar que Deus iria preparar um caminho onde aparentemente não havia caminho.

Mary seguiu adiante e inscreveu Karen Joy em uma escola de fala inglesa que se dizia progressista. O psicólogo havia prometido encontrar alguém para dar assistência à criança na sala de aula em troca de um salário, além da taxa de matrícula. A assistência não foi possível, então Mary sentiu-se um tanto aliviada quando outra pessoa se prontificou a ajudar. Então, um dia antes das aulas iniciarem, esta mulher decidiu aceitar um outro emprego. Tanto Mary quanto Karen poderiam ter chorado, pois Karen disse que não iria conseguir estudar sem ajuda e Mary sabia que ela estava certa.

Para aumentar a pressão um dos mantenedores de Karen no Canadá parou de ajudá-la. Como elas iriam manter-se financeiramente? Mary colocou Karen em uma outra escola evangélica para crianças com necessidades especiais. Parte da mensalidade era subsidiada com dinheiro de fora do país. Para ajudar a compensar esta ajuda Mary voluntariou-se para fazer reparos um dia na semana. Ela também começou a usar mais o transporte público.

Embora Karen pudesse ir de van escolar todas as manhãs, Mary tinha que viajar

quase 40 quilômetros de estradas montanhosas a cada tarde para buscá-la na escola. E também tinha a sessão com a fonoaudióloga de meia hora nas segundas-feiras. Mary tenta ver o lado positivo: ela não está só poupando alguns dólares com combustível como também não tem que enfrentar pessoalmente o trânsito terrível.

Querendo maximizar seu tempo no Líbano Mary continuou outros ministérios como o de visitação a prisioneiras junto com uma equipe de outras mulheres. As detentas são, na maioria, do Sirilanka, Etiópia e Filipinas que tiveram problemas com seus papéis na imigração. As mulheres recebem calorosamente a equipe que traz histórias bíblicas, cursos de artesanato e músicas. Algumas das mulheres celebram o recebimento de Bíblias em sua própria língua. Na verdade, algumas vezes elas acabam brigando: a equipe só consegue dar cinco ou seis Bíblias por cela, e em cada uma das celas a média é de cinqüenta mulheres.

Algumas vezes, enquanto esta enfermeira canadense reflete no drama dos últimos seis anos, ela mesma acha difícil de acreditar. Com certeza ela nunca sonhou que ainda estaria no Líbano em 2004 e ter seu mundo familiar colocado de ponta-cabeça por amor a uma pequena garotinha. Tomara que o fim desta longa batalha esteja próximo. Mas o que quer que seja necessário acontecer antes dela voltar para Ontário, Mary Hill está certa de que o Canadá não pode mais ser seu ‘lar’ sem sua garotinha. Ela tem aprendido que Deus é capaz de tecer até mesmo as linhas mais confusas da vida de tal forma que cooperem para o bem daqueles que o amam. No final das contas, tudo valerá à pena.

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Pobreza:

Mais de 1.3 bilhão de pessoas ao redor do mundo vive em absoluta pobreza, com menos de um dólar por dia. Deste número 70% é mulher. Metade do mundo – mais de 3 bilhões de pessoas vive com menos de 2 dólares por dia.

Vinte e quatro mil pessoas morrem diariamente de fome. Crianças abaixo de 5 anos totalizam ¾ deste número. Cerca de 800 milhões de pessoas estão severamente desnutridas; 3 bilhões não têm acesso à tratamento de esgoto adequado e 2 bilhões não têm acesso à eletricidade.

Mulheres na África e Ásia caminham em média 6 km para obter água. Uma

descarga no banheiro usa a mesma quantidade de água que uma pessoa em países em desenvolvimento gasta em média num dia inteiro para lavar roupa, fazer limpeza, cozinhar e beber.

A pobreza pode vencer, não importa o quão duro você trabalhe. No Subsaara africano as mulheres são responsáveis por 70% a 80% da produção de comida nos lares. A maior parte dedica-se a trabalhos manuais e uma porcentagem muito baixa em trabalhos qualificados e com um alto salário.

A América Latina tem o maior distanciamento no mundo entre ricos e pobres.

No Reino Unido a camada mais baixa que representa 50% da população possui apenas 1% da riqueza. A desigualdade entre rico e pobre está aumentando. Um estudo publicado no ano de 2000 indicou que crianças na Grã Bretanha são mais propensas a nascer em pobreza do que em qualquer outra parte da União Européia.1

Seriam necessários 13 bilhões de dólares por ano para acabar com a fome entre os cidadãos mais pobres da Terra. Compare isso com os 18 bilhões de dólares que são gastos com comida de animais de estimação a cada ano nos Estados Unidos e na Europa.

‘Garanta a justiça para os fracos e para os órfãos; mante-nham os direitos dos necessitados e dos oprimidos. Livrem os fracos e os pobres... ’ Sl 82.3-4

Nota:
1. Andrew Simms, ‘Now for a Maximum Wage’, The Guardian, 6 de agosto 2003.

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Refugiados:

Há vários milhões de refugiados e de pessoas buscando asilo no mundo. Vinte e oito milhões de pessoas estão desalojadas dentro de seus próprios países.

80% dos refugiados do mundo são mulheres e crianças. Um grande número é de viúvas. Mulheres e crianças são também vítimas de 80% das mortes em período de guerra por pequenas armas, um número excessivamente alto devido a

descuidos militares.

‘Mulheres e crianças refugiadas são alvos cada vez maiores por parte de elementos armados para assassinato, seqüestro, recrutamento militar forçado e violência baseado em gênero. Além disso, mulheres e crianças em lugares de conflito enfrentam um risco ainda mais elevado de saúde como interrupção de atendimento médico, facilitando a transmissão do HIV e AIDS. Freqüentemente as mulheres não têm acesso a condições seguras para realizarem parto ou receber cuidados de obstetrícia emergencial.’1

Azerbaijão: A taxa de desemprego entre as mulheres desabrigadas no país chega perto de 80%, ainda que mais de 1/3 tenha diplomas de especialização ou cursos técnicos.2 Centenas, senão milhares de mulheres que foram expulsas de seus lares na região de Nagorno-Karabakh, têm vivido por anos em vagões abandonados nas ferrovias juntamente com suas famílias.

Burma (Mianmar): Refugiadas de Burma têm fugido para a Tailândia nos últimos 15 anos, ainda assim são poucas as mu-lheres que vivem nos campos e que estão protegidas de serem abusadas debaixo da lei tailandesa. Muitas delas já sofreram abuso sexual por parte dos soldados burmeses e são violentadas nos campos de refugiados. Ainda assim uma cultura de silêncio assegura que tais crimes passem sem punição.

Grã Bretanha: Aproximadamente 30% de todos os pedidos de asilo na Grã Bretanha é de mulheres. Sete em cada dez são desacompanhadas de seus maridos, embora metade tenha fi-lhos. Um grupo de refugiados estima que metade das mulheres tenha sido estuprada ou atacada sexualmente antes de chegar ao país. Entre as mulheres solteiras quase 40% são mães que contra sua vontade foram separadas de seus filhos.3 Mais da metade do grupo pesquisado estava sofrendo de depressão clínica, tendo a mesma proporção enfrentando dificuldades com a língua para comunicar-se com seus médicos. Angústia pós-traumática é a raiz de grande parte da depressão, no entanto, raramente é tratada. Um outro fator que contribui para o desencorajamento é a burocracia do governo: muitos têm que esperar por anos antes de saber se seus pedidos por asilo foram aceitos. A falta de certeza é desmotivadora, lmitando o direito de liberdade aos novos imigrantes e tornando impossível uma integração completa.

Mulheres desabrigadas e marginalizadas fazem parte de um grupo de alto risco de exploração e abusos domésticos. Entretanto, em muitas comunidades de

refugiados ao redor do mundo, a violência à mulher geralmente passa despercebida pelas autoridades civis. A falta de ação é justificada pelo ‘respeito a diferenças culturais’. Enquanto abusadores do sexo masculino permanecerem protegidos debaixo da ‘capa’ do politicamente correto, as mulheres não terão ninguém a quem recorrer.

Tu, Senhor, ouves a súplica dos necessitados; tu os reanimas e atendes ao seu clamor. Defendes o órfão e o oprimido, a fim de que o homem, que é pó, já não cause terror.’ – Sl 10.17-18

Notas:

1. Darla Silva, ‘Washington Liaison: The Women’s Commission for Refugee Women and Children’, 25 de Setembro de 2003.
2. ‘Refugees and Internally Displaced In Azerbaijan’, Relatório da Comissão de Mulheres para Mulheres e Crianças Refugiadas, Junho de 2001.
3. BBC News, 3 de Dezembro de 2002.

Capítulo 9

Lar é Onde o Coração Está

‘A vida encolhe ou estica de acordo com a coragem de cada um.’ Madre Teresa

Brasil, o quinto maior país do mundo também ostenta o maior número de Católicos Romanos e espíritas. Na verdade, grande parte dos católicos também é espírita, adorando santos e espíritos. Meio milhão de médiuns vive no Brasil. A mãe da Mara era uma delas.

Felizmente a sra. Antônia pertencia a um estilo mais moderado de espiritismo, “mesa branca”. A “mesa-negra”, Candomblé e Umbanda, mistura magia negra mais profunda. Embora Mara, suas quatro irmãs e um irmão nunca tivessem sido forçados a participar das reuniões, normalmente eles iam juntos.

Mara saiu de casa com dezesseis anos de idade para estudar na capital do estado de Goiás. Os alunos que iam pra lá eram me-lhor preparados para passarem no vestibular muito concorrido da Universidade e Mara estava determinada a conseguir seu diploma universitário. No seu último ano ela foi para um colégio particular para se concentrar completamente em seus estudos.

No entanto, este isolamento auto-imposto a levou para um sentimento de solidão. Ela sentia que algo estava faltando em sua vida. Uma visita a um centro espírita de magia negra apenas a deixou mais frustrada.

Algumas moças de sua classe eram crentes. De vez em quando Mara aceitava alguns convites e ia às reuniões da Mocidade Para Cristo (MPC), mas ela não estava interessada em tornar-se crente. Todos os crentes que ela conhecia não bebiam, nem fumavam, nem dançavam, e ela adorava festa! As garotas da MPC até se vestiam diferente. Algumas crentes que ela conhecia só usavam saias e se recusavam a cortar o cabelo. Mara decidiu que ira adiar a decisão de ser crente até que ficasse velha.

Mas então, ela teve um sonho: o mesmo sonho se repetiu três vezes. Uma pessoa que ela reconhecia ser Jesus Cristo estava voltando para o mundo com grande glória para buscar seus seguidores. Houve um som de júbilo e grande festa conforme todos iam subindo com ele. Todos, exceto Mara. Ela era deixada para

trás. O sonho a perturbou. Ela tentou apagá-lo, mas não conseguiu.

A princípio, quando as garotas da MPC convidaram Mara para um acampamento, ela recusou. Mas ela estava tão cansada de estudar que acabou mudando de opinião. O acampamento não era tão divertido e com tantas brincadeiras como ela havia pensado, mas foi um retiro cheio de ensino bíblico e reuniões. No final da semana uma amiga perguntou a Mara se ela queria pedir a Jesus para entrar na sua vida. Ela o fez.

Depois disso sua vida mudou radicalmente por algum tempo. Ela comprou uma Bíblia e tentou fazer tudo o que era esperado: parou de beber, dançar e fumar até usou roupas conservadoras. Mas foram muitas mudanças em pouco tempo. Menos de um ano após ter sido aceita na universidade ela voltou à prática dos antigos hábitos, evitando os crentes. Ela até se juntava às multidões nos blocos de carnaval, algo que era evitado por todos os crentes.

Mas de uma forma muito estranha as festas não davam a Mara a mesma excitação de antes. Mara havia mudado mais do que tinha pensado – mudado por dentro. Ela voltou para a igreja e quando se sentiu pronta pediu para ser batizada. Agora era o tempo certo.

Mara era uma aluna brilhante. Durante os quatro anos e meio na universidade ela conseguiu dois diplomas, um em farmácia e outro em bioquímica. Ao mesmo tempo ela freqüentou um curso bíblico, duas noites por semana, durante dois anos. Após terminar os estudos ela não conseguiu achar trabalho, então voltou para sua cidade natal. Nos seis anos seguintes ela trabalhou por meio-período em uma farmácia. Ela dedicava o restante do seu tempo pregando e ensinando na igreja, e liderando os jovens em eventos evangelísticos. Mara se emocionava com os desafios e constantemente se pegava pensando que gostaria de fazer isso para o resto de sua vida.

Como crente, morando com a família, Mara agora estava mais consciente da batalha espiritual. Algumas vezes um som terrível enchia seus ouvidos e em várias ocasiões ela sentia como se estivesse sendo sufocada. Ela só se sentia aliviada quando clamava pela proteção do sangue de Jesus. A mãe de Mara não ficou nem um pouco contente com sua conversão, mas dizia que podia ver uma ‘boa áurea’ ao redor dela. Ela até mesmo pedia pra ela orar por algumas pessoas em necessidade. Mara tentava testemunhar para sua família e nos anos seguintes três de suas irmãs finalmente vieram à fé.

Quando Mara finalmente pensou ter encontrado seu espaço teve outro sonho incomodante. Desta vez ela estava em um país que ela identificava como sendo a Alemanha. O Senhor parecia estar dizendo que iria levá-la para lá. Isso não fazia nenhum sentido. Ela nunca havia pensado em ir para a Europa. Por que ir para um lugar que já tinha ouvido tanto sobre o evangelho quando havia outros lugares carentes, até mesmo no Brasil?

No entanto, Mara sentia que podia fazer mais para despertar a igreja local em relação a missões e ajudou a organizar em sua própria igreja a primeira conferência missionária. O palestrante trouxe um representante da Operação Mobilização (OM) que a ensinou como fazer evangelismo com quadros cênicos. Ele também a animou a participar de campanhas de verão da OM. Nos dois verões seguintes ela participou de equipes de evangelismo no Brasil e Paraguai.

Enquanto isso, o sonho a respeito da Alemanha voltou a aparecer. Mara começou a pesquisar sobre ministérios neste país. Ela também orou: “Senhor, se aquele sonho veio realmente de ti, por favor, seja paciente comigo e me dê este sonho novamente”.

Pela terceira vez ela teve o sonho e se convenceu. Deus estava trazendo a Alemanha à atenção de Mara nos últimos seis anos. Ela disse a Ele que estava pronta para seguir sua direção e ir.

Mara foi para a conferência de orientação para novos recrutas da OM e pela fé fez planos de sair do Brasil no começo de 1988. Ela já tinha começado a estudar alemão e também tinha conseguido levantar parte do seu sustento através de sua igreja e de seus amigos. Depois disso aparentemente não havia nenhuma outra fonte de renda. Mas Deus honrou sua fé e no último minuto, de forma inesperada, outra igreja supriu o que ela precisava.

O choque cultural era inevitável conforme Mara saia do verão brasileiro e entrava no inverno europeu. Era muito mais frio do que ela imaginava. A comida era muito diferente também e obviamente a maior dificuldade era o inglês imperfeito. Mas ela estava contente em saber que estava onde Deus queria que ela estivesse. A OM tinha um ministério entre os Turcos e Curdos em Berlim: imigrantes que não tinham tido a chance de responder ao evangelho. Se Deus pudesse usá-la para comparti-lhar as boas-novas entre este povo ela ficaria feliz!

No ano seguinte ela dedicou-se ao aprendizado intensivo da língua. Enquanto

melhorava seu inglês Mara foi para uma escola de alemão e viveu por vários meses com uma família de Berlim. Em seu segundo ano ela começou a aprender o turco. Conforme se adaptava às várias culturas ela se lançou em praticar a língua e compartilhar sua fé. Ela começou a fazer amigos e constantemente era convidada nos lares e desfrutava de uma hospitalidade amigável.

Mara sabia que muitos de seus colegas de equipe estavam se preparando para futuramente trabalhar na Turquia. Frans Roelofse era um deles. Ela gostava daquele sul-africano de poucos cabelos e ficou surpresa em ver o quanto sentiu falta dele quando ele foi em seu primeiro ano para uma viagem de curto período para a Turquia. Naquele verão eles tiveram a chance de se conhecerem melhor pelo fato de ambos terem sido designados para liderarem uma equipe de evangelismo.

Uma noite antes de Frans se mudar para a Turquia, Mara recebeu dele seu primeiro e único pedido de namoro. Eles gostavam da companhia um do outro e começaram a trocar cartas durante os meses seguintes. Mais tarde Frans escreveu que não tinha certeza se queria se casar com uma estrangeira. E pelo fato do relacionamento deles provavelmente não ter nenhum futuro ele sugeriu colocar todas as outras coisas de lado e se concentrarem no ministério.

Mara ficou profundamente desapontada. Ela não estava inte-ressada em um namoro sem sentido, ela queria um marido, um parceiro no ministério. E ela realmente tinha sentido de Deus que Frans era esta pessoa.

Todos esperavam que Mara também fosse para a Turquia. Embora ela tivesse aprendido muito sobre como trabalhar com muçulmanos ela ainda não tinha plena certeza de que este era o plano de Deus para ela. Mas ela decidiu perguntar para a OM e para sua igreja se ela podia passar algum tempo na Turquia antes de retornar ao Brasil.

Em 1990 Mara viu a história sendo escrita conforme o muro que dividia o Oriente e o Ocidente de Berlim sendo derrubado em frente de seus olhos. Pouco depois disso ela estava a caminho de Ancara, na Turquia. Será que ela estava buscando a vontade de Deus ou o Frans? Ela tinha que confessar que ele ainda re-presentava muito pra ela. Mas Frans estava morando em outra cidade e quando ele veio vê-la foi simplesmente para dizer que o relacionamento deles havia terminado.

O coração de Mara afundou. Durante uma longa caminhada ela derramou diante do Senhor seus sentimentos. Até que finalmente ela abriu mão de sua vontade a respeito daquele assunto. “De agora em diante – ela prometeu – eu irei concentrar-me completamente em alcançar pessoas pra Ti, Senhor”.

Mas na manhã seguinte, o Senhor pareceu encher sua mente e seu coração com um verso que ela havia memorizado há algum tempo atrás. As palavras vieram de Romanos 4:17 ‘Ele é nosso pai... o Deus que dá vida aos mortos e chama à existência coisas que não existem, como se existissem’.

Mara estava confusa. O que isso significava? Que Deus algum dia daria uma nova vida ao relacionamento ‘morto’ com Frans? Isso era a última coisa que ela esperava. E viver com esta esperança novamente era muito dolorido. Ela tentou empurrar o verso para fora de sua mente.

Mas seis meses depois Deus fez exatamente o que ele havia prometido. Conforme Frans se entregou a um período de oração intensa a respeito do assunto o Senhor repetidamente lhe deu versos que parecia mostrar sua aprovação em relação à Mara. Os dois pediram permissão à missão para poderem se encontrar mais. Em fevereiro de 1991 eles visitaram a África do Sul e Mara pôde encontrar com a família do Frans. Lá eles ficaram noivos e em Junho se casaram no Brasil. Os pais de Mara mataram um boi na fazenda e os convidados do casamento celebraram com um churrasco tradicional. No outono seguinte o casal recém-casado voltou para a Turquia e encarou a tarefa mais difícil de suas vidas.

Bursa, localizada na parte noroeste do país e a algumas ho-ras de Istambul, tinha a peculiaridade de ser a maior cidade do mundo sem uma igreja. Várias missões tinham tentado por anos, mas sem sucesso, entrar nesta fortaleza muçulmana conservadora. Várias famílias haviam sido deportadas. O casal Roelofse trabalhava com dois outros casais nesta cidade, mas se encontravam apenas uma vez por semana para orarem.

Frans e Mara foram trabalhar dando seguimento com os homens e mulheres que se inscreviam para fazer um curso bíblico por correspondência, o qual era anunciado em jornais e através de outros meios. O ministério por correspondência provavelmente era a ferramenta que tinha o maior êxito na apresentação de Jesus aos turcos desde o seu início no começo dos anos 60. Só no ano de 1991 nove mil pessoas se inscreveram. Visitas para alunos

interessados na região de Bursa e cidades vizinhas tinham que ser cuidadosamente planejadas para que eles não chamassem a atenção. O casal também distribuía evangelhos e folhetos sempre que a oportunidade aparecia e levavam o filme Jesus para mostrar durante longas viagens de ônibus.

Embora o governo secular da Turquia permita oficialmente a liberdade religiosa, a realidade nas ruas é bem diferente. Distribuir folhetos é uma boa forma de ser preso. Estudos bíblicos nas casas, freqüentado em sua grande maioria por contatos de estudo por correspondência, tem se mostrado eficaz, porém, com uma participação de treze a quatorze pessoas. Reuniões separadas de homens e mulheres eram realizadas com propósitos de discipulado. Infelizmente, duas pessoas no grupo só fingiram ter interesse com a finalidade de fornecer informação para a polícia ou para os fundamentalistas. O casal Roelofse e outros líderes começaram a receber telefonemas com ameaça de morte.

Como muitos trabalhadores cristãos na Turquia, tanto Mara quanto Frans sabiam o que significava ser preso. Mara ainda era solteira e participava de uma equipe de evangelismo em um acampamento no Mar Ageu quando a polícia os deteve para interrogatório. Felizmente eles foram liberados depois de apenas um dia atrás das grades.

Mara tentou não deixar os telefonemas de ódio perturbá-la demais. Ainda assim, era difícil não ficar olhando por cima do ombro sempre que ela saia. Será que ela estava sendo seguida? Será que seu telefone estava grampeado? Ela lembrava a si mesma da fidelidade de Deus e clamava por sua proteção. Após vários meses os informantes foram identificados e confrontados.

Mara procurou ampliar seu círculo de amigas ao unir-se a vizinhas muçulmanas em um ‘club café’ semanal que ia acontecendo na casa de cada uma das mulheres. Ela achava a maioria destas reuniões muito superficial, com as conversas girando em torno de comida e moda, mas sempre que era a vez dela receber o grupo ela tentava apresentar um assunto espiritual. Algumas vezes ela distribuía um verso para cada mulher e pedia a bênção de Deus sobre a comida. Todos sabiam que Mara e seu marido eram cristãos, por isso eram tolerantes. No natal ela distribuía cookies feitos em casa para vizinhas e amigas e entregava cartões com versículos bíblicos.

Pelo fato das mulheres nunca fazerem perguntas espirituais em grupo, algumas vezes Mara tinha oportunidades de compartilhar de maneira pessoal. Era até

possível entregar um Novo Testamento (InjiI). Uma vez, depois de entregar um Novo Testamento para uma mulher muçulmana conservadora, o marido apareceu na porta para pedir mais.

Observando a popularidade de feiras de livros na cidade, Mara sugeriu colocar uma banca da Bíblia na feira anual. A idéia provou ser tão boa que o ponto de venda continua até hoje, mesmo com a hostilidade freqüente por parte da polícia e dos fundamentalistas. Algum tempo depois uma pequena livraria foi aberta em uma área comercial tendo cristãos locais como trabalhadores.

Durante o verão de 1992 Frans e Mara participaram de equipes que viajaram pela Ásia Central e Bulgária, principalmente de trem. Eles ficaram emocionados ao descobrirem que muitas pessoas das Repúblicas recém-independentes estavam bem abertas para aprender sobre Jesus Cristo. Décadas debaixo do comunismo deixaram um vácuo que desejavam que fosse preenchido. As equipes mostraram o filme Jesus na língua do povo do Turcomenistão, Quirguistão e Uzbequistão e distribuiu aproximadamente oitocentos evangelhos e outras literaturas.

Este foi o último final de semana do casal a sós. No começo do ano seguinte Mara ficou grávida e eles permaneceram na Turquia para o parto em setembro. Na verdade, Leonardo passou algumas semanas da data prevista e o parto teve que ser por cesárea. Embora Mara sentisse falta dos membros da família por perto para facilitar suas primeiras semanas como mãe, ela recebeu muitos conselhos. A cultura turca é cheia de superstições sobre partos e maternidade. Por exemplo, as mulheres são advertidas a não cortarem seus cabelos quando estão grávidas e pequenos amuletos azuis são colocados nos bebês para afastar o ‘mal olhado’.

Quarenta dias após o nascimento da criança é o dia tradicional de consagração. Mães turcas normalmente celebram esta data com outras mulheres, lendo o Corão e cantando ao profeta Mohamed. Mara decidiu usar o dia para consagrar o Leonardo ao Senhor. Convidou quatorze de suas amigas muçulmanas, cantaram músicas de louvor e ela apresentou uma mensagem cênica e distribuiu evangelhos de presente como parte da festividade.

Leonardo era um bebê feliz e saudável. Mara e Frans o amavam profundamente e ficaram felizes ao descobrirem que ter um filho permitia com que eles interagissem melhor com a cultura turca. Mais tarde, conforme seu filho cresceu

o suficiente para ir pro jardim de infância e depois para o primeiro-grau, algumas vezes haviam oportunidades para dar livros sobre Moisés, Abraão e Jesus para outros pais. Estes eram recebidos com um entusiasmo surpreendente.

O segundo filho, Filipe, nasceu no final do longo e muito caloroso verão de 1995. Desta vez nem tudo ocorreu com tanta tranqüilidade. O médico de Mara percebeu que o bebê não respirava normalmente no parto e aconselhou os pais a levá-lo a um hospital de vanguarda em Ancara para passarem por um especialista do coração. Os exames mostraram que Filipe tinha um pequeno buraco em seu coração. Alguns meses depois um geneticista confirmou que ele também tinha síndrome de Down.

A alegria deles a respeito de Filipe agora estava encoberta pelo medo e dúvida. Com que propósito Deus teria permitindo esta deficiência? Como eles iriam conseguir criar o Filipe dentro das condições limitadas da Turquia? Sua dor foi duplicada quando o médico em Ancara sugeriu com delicadeza que eles não contassem a ninguém que seu filho tinha a síndrome de Down: as pessoas ‘simplesmente não iriam entender’.

Mara sentiu-se sem saída. Ela disse pra Frans que deveriam sair do país. Ser mãe já era estressante o suficiente sem esta dificuldade. Com certeza todos eles estariam melhor vivendo em algum lugar no Ocidente.

Mara derramou seu coração diante do Senhor. ‘Por que isso tinha que acontecer, Deus? Como devemos lidar com isso?’.

‘Minha graça te basta’, ela o ouviu dizer. ‘Confie em mim. Meu poder se aperfeiçoa na sua fraqueza’. ‘Sim, Senhor, eu sei. mas e sobre o Filipe? E se a vida aqui não funcionar pra ele, se as pessoas não forem gentis com ele, e se não conseguirmos suprir suas necessidades?’

‘Filipe é meu presente pra vocês. Eu já não provei minha fidelidade? Eu nunca deixarei com que ele, o Frans ou você sejam provados além do que vocês podem suportar. Eu providenciarei um caminho pra você lidar com cada problema.’

Então eles confiaram na palavra do Senhor. Eles iriam permanecer na Turquia pelo tempo que Deus indicasse. Eles entraram em contato com a Associação da Síndrome de Down na Inglaterra para aconselhamento. ‘Compartilhe a condição do Filipe com todos’, eles insistiram, ‘vocês precisam do apoio deles e ele também’.

O casal Roelofse descobriu livros e vídeos úteis e amigos estrangeiros na Turquia deram a Filipe alguns brinquedos educacionais. A família consultou especialistas em Istambul para aprender mais sobre terapia ocupacional, fonoaudiologia e fisioterapia que poderiam ajudar Filipe. Eles não encontraram um terapeuta em Bursa, então Mara fazia os exercícios com seu filho por quarenta e cinco minutos por dia. Conforme ele crescia também crescia a gratidão por ele e a confiança de que Deus não comete erros.

Um ou dois anos depois, quando eles estavam visitando a África do Sul, Mara ficou chocada ao ver que tinha acesso a muito mais recursos do que a maioria dos pais que tinham filhos portadores da síndrome de Down na Turquia. Talvez Deus quisesse que ela os ajudasse? Se pelo menos ela pudesse encontrar um terapeuta profissional que quisesse visitar a Turquia por algumas semanas...

Mais tarde ela conseguiu encontrar um terapeuta ocupacional disposto a voar para Bursa e organizar uma clínica na casa deles. O especialista examinava cada criança e dava aos pais um programa recomendado para ser seguido. Mara já tinha convidado mães para reuniões regulares na casa dela. As dez mulheres que vieram a cobriram com expressões de gratidão. Ninguém mais entendia, elas comentaram. Elas sempre tiveram medo e vergonha de falar sobre seus filhos: deficiência era muitas vezes associado com a marca da punição de Deus e maldição. Todas as mulheres recebiam um kit de informações sobre a síndrome de Down, junto com um livreto sobre o amor de Jesus. Após algum tempo, com a ajuda de Mara, Bursa fundou sua própria Associação de Síndrome de Down.

Neste tempo uma pequena igreja tinha começado a se formar. Embora crentes fossem interrogados pela polícia e abusados pelas famílias, um grupo de seis a vinte crentes fiéis agora estavam reunindo-se regularmente em um apartamento. Frans ajudou a conduzir a adoração nos primeiros anos até que um pastor turco estivesse pronto para a liderança. Mara também ministrou alguns dos ensinos e discipulava as mulheres em reuniões separadas. Entretanto, a hostilidade policial continuava. Pouco após a abertura da igreja Frans foi chamado duas vezes pelo departamento anti-terrorismo da polícia de Bursa, que pedia uma lista de todos os membros. Frans se recusava. Ele entregava para o delegado os livros a respeito de sua fé, os quais lhes eram pedidos. Mas obviamente o homem era antagônico e durante um concerto evangelístico na igreja ele ameaçou fechá-la.

Logo no começo, Frans tinha conseguido uma permissão de trabalho na Turquia como representante de uma agência de viagem. Isso foi uma grande ajuda para

obtenção de visto e permissão de residência. Em 1998 ele recebeu uma prorrogação de 2 anos desta permissão. Entretanto, a polícia de Bursa, opondo-se ao envolvimento dele com a igreja, recusou conceder a Frans o carimbo normal de residência. Logo depois disso ele foi notificado de que sua permissão de trabalho havia sido cancelada. Policiais o levaram preso à delegacia e após duas noites na prisão, o deportaram.

Frans foi capaz de voltar ao país depois de apenas um dia. Mas após este evento ele foi obrigado a sair do país a cada mês por quase um ano para renovar seu visto de turista indo para a Grécia. Mara, sendo brasileira, tinha que sair do país a cada três meses para renovar seu visto. Com os filhos isso era um tanto complicado. Mas Frans abriu um caso contra o governo, declarando discriminação religiosa, e ganhou. Seu visto de dois anos foi novamente concedido.

Em Agosto de 1999 a Turquia foi atingida por um dos terremotos mais destrutivos da história. O epicentro foi em Izmir, que ficava a uma distância de apenas vinte quilômetros ao norte de Bursa. Nesta época Mara já havia se acostumado com tre-mores ocasionais. Mas naquela noite foi diferente. Um grande som a encheu de medo e parecia que o prédio não iria parar de balançar. Ela segurou o Filipe perto dela e orou enquanto o tremor, medindo 7.8 na escala Richter, ceifou a vida de mais de 17.000 pessoas na região. Tremores posteriores continuaram por dias. Por várias noites sua família se uniu aos milhares ao redor da cidade que dormiam fora de seus apartamentos. Frans ajudou a contabilizar o trabalho de socorro da Operation Mercy nos dias e semanas que se seguiram. Mara encontrou várias oportunidades para conversar com pessoas sobre a eternidade.

Tanto Leonardo quanto Filipe estavam bem. Leonardo começou a estudar em uma escola turca em setembro daquele ano. Na tarde do primeiro dia de aula houve outro tremor e todas as escolas na vizinhança foram fechadas por duas semanas. Mas ele se adaptou à sua grande classe com sessenta crianças e aos poucos começou a ler. Tendo Mara conversando com ele em português e Frans em africânder ele cresceu falando três línguas.

Filipe também estava fazendo progresso graças às atividades regulares na área de fonoterapia e fisioterapia que Mara praticava com ele todos os dias. Exames também revelaram que a abertura que ele tinha no coração estava aos poucos se fechando. Filipe brincava alegremente no jardim de infância na Turquia. Embora

estivesse se comunicando razoavelmente bem em turco o casal Roelofse sentia que seu filho teria um progresso ainda maior em uma escola de fala inglesa. Pelo fato de não ter este tipo de escola em Bursa eles estavam considerando a possibilidade de se mudarem para a costa sul da cidade de Izmir em 2001. Mas naquele ano alguns dos professores da Escola Cristã em Izmir terminaram seu contrato e partiram deixando um futuro incerto. Frans e Mara começaram a explorar outras opções. A África do Sul era uma, mas eles queriam muito dar continuidade ao ministério com turcos. A OM no Reino Unido tinha uma equipe em Londres que estava completamente focada em muçulmanos, tendo um ministério especial com turcos e curdos. Para uma família como a deles esta seria uma opção considerável.

Pelo fato de um apartamento em Londres ter ficado dis-ponível repentinamente a um custo razoável além de outros detalhes que se encaixaram, Deus parecia estar dando a Mara e Frans luz verde para a mudança. Sair da Turquia depois de onze anos e meio era difícil. Ambos haviam investido tanto na terra e nas pessoas, e a igreja em Bursa estava crescendo. Os crentes estavam mais maduros em sua fé. Atividades como amostras de filmes, concertos, seminários e uma programação de chá na igreja estavam atraindo mais e mais pessoas novas. Estes eram tempos animadores.

Eles sabiam que na Inglaterra toda família teria que fazer grandes ajustes. O custo de vida também era mais alto, mas um sustento extra veio de fontes inesperadas. Conselhos do advogado da Associação de Down também não funcionaram na tentativa de cobrir os gastos com um fonoaudiólogo particular.

A capital da Inglaterra tinha mais de um milhão de muçulmanos adorando em centenas de mesquitas. Não demorou muito para Mara se conscientizar de que estava cercada por muçulmanos e hindus vindos de toda parte do mundo. Mara fez amigas facilmente, especialmente por sua facilidade em falar seis línguas. Há muito tempo ela queria iniciar um grupo de oração para mães crentes da região, se encontrando com elas na sua casa antes de irem buscar seus filhos na escola. Certa vez, duas mulheres muçulmanas que tinham os filhos estudando na mesma escola que os filhos dela, vieram visitá-la. Enquanto ela compartilhava sobre Jesus uma delas começou a chorar.

Para sua surpresa Mara pôde conduzir cinco mulheres muçulmanas ao Senhor durante seus dois primeiros anos na Inglaterra – mais do que em todos os anos que ela passou na Turquia. Três pequenos grupos de crentes turcos e curdos

agora se reuniam para adorar a Jesus no norte de Londres e Mara é uma palestrante conhecida entre o grupo de mulheres turcas. Ela também faz visitas pessoais para encorajar e discipular mu-lheres, bem como dar assistência prática para alguns problemas.

Um centro de apoio para turcos e curdos que não conseguem falar inglês é uma outra frente de ministério. Algumas vezes Mara faz ligações para médicos, locadores, Departamento de Imigração e outros estabelecimentos em nome dos imigrantes. Em 2003 ela fez um curso de dez semanas a respeito de Aconselhamento Cristão para ajudar as várias pessoas que buscam conselhos.

Além das atividades regulares suas equipes recebem participantes para evangelismo no verão, natal e páscoa vindos de vários países. O alvo deles têm se tornado como o de Frans e Mara: despertar mais crentes para o mundo que Deus os trouxe para alcançar. O zelo de Mara por compartilhar a respeito de Jesus não está em risco de diminuir na Inglaterra. Seu coração está voltado para mulheres que são imigrantes e as que buscam asilo. Ela entende o que é ser uma estrangeira lutando em um novo ambiente, cultura e língua. E seu desejo é compartilhar com estas mulheres a esperança que a tem sustentado.

“Fátima”- ela diz -”é um bom exemplo de quão pouco é necessário para impactar a vida de uma pessoa”. Fátima havia planejado fazer um aborto até que ela ouviu o testemunho de Mara sobre o valor que cada vida dada por Deus tinha. Mara ajudou preparar um chá-de-bebê junto com um estudo bíblico pra ela. Hoje Fátima está feliz criando um lindo filho.

Um dia, procurando um professor de piano para Leonardo, Mara bateu na porta errada em uma casa na sua rua. Um jovem turco abriu a porta e disse que ele vivia com dois outros turcos, sendo um deles de Bursa. Mara ficou muito feliz com este contato e alguns dias depois convidou os jovens para um jantar. Mara e Frans oram para continuem desenvolvendo um relacionamento que os conduza à salvação.

Eles também oram pela pequena Sevin, uma garota curda de onze anos de idade que tem um tumor no cérebro. Mara levou seus filhos para visitá-la no hospital. Sevin teve um encontro com Jesus através de uma Escola Bíblica da comunidade turca. Embora o prognóstico não seja tão bom esta garota tem o consolo de ter um amigo que jamais sairá do lado dela.

Mara descobriu que quanto mais ela se deixa ser usada como um canal do amor de Deus menos ela fica preocupada com seus problemas pessoais. Ela pode se entregar, pois está segura de sua identidade. O que importa o fato dela ter nascida de uma médium brasileira, ser casada com um sul-africano, ser mãe de filhos que nasceram na Turquia e agora estar vivendo na Ingla-terra? O "lar" é estar no epicentro da vontade de Deus.

Mara exorta as mulheres que questionam sua identidade a encontrá-la naquele que as formou. Ela também as desafia a abrirem seus olhos para o mundo que está diante de suas portas e a descobrirem que missões não é cruzar os mares, mas ver a cruz.

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Escravas religiosas:

Índia e Nepal: Pais no sul da Índia e do Nepal continuam "casando" suas filhas de cinco a sete anos de idade com um deus hindu ou um templo. Eles esperam que isso apazigúe a divindade ou traga favor. No passado estas garotas, algumas vezes chamadas de Devadasis, serviam como escravas sagradas do templo ou como dançarinas. Quando chegavam na puberdade elas forneciam serviços sexuais a qualquer homem que fosse seu superior na sociedade. A missionária Amy Carmichael dedicou sua vida para resgatar e cuidar de centenas destas crianças.

Hoje as escravas nos templos são usadas até que os sa-cerdotes se cansem delas e as vendam para aliciadores como crianças concubinas. No final as crianças (e qualquer filhos que elas tenham) são jogadas nas ruas para sobreviveram da maneira que for possível. Ainda "casadas com os deuses" elas jamais podem se casar com outra pessoa. A maioria é forçada a trabalhar em bordéis tendo suas pulseiras e pingentes peculiares sempre mostrando seu status de prostitutas dos templos.

Embora a prática tenha sido proscrita pelos britânicos há mais de 150 anos hoje estima-se existir 30.000 Devadasis somente no estado de Andhara Pradesh. A idéia de casar as filhas com deuses está ressurgindo. No entanto, grupos de mulheres estão fazendo campanhas contra isso e algumas organizações cristãs estão oferecendo estilos de vida alternativos para garotas que têm sido colocadas em liberdade.1

África Ocidental: Milhares de meninas na África Ocidental na idade de quatro anos também têm sido oferecidas a deuses como expiação por alguma ofensa cometida por um parente. Trokosi – o que literalmente significa ‘esposas escravas dos deuses’ – faz parte de três mil anos de tradição na região da Volta Alta que abrange Gana, Nigéria, Benin e Tongo. Até o século dezoito Sacerdotes Fetiche aceitavam gados como oferta por parte dos familiares que temiam a retaliação dos deuses. Mas então os sacerdotes decidiram que uma jovem virgem seria mais útil para propósitos sexuais e domésticos.

Um período aceitável de trabalho escravo deve ser entre três a cinco anos, dependendo da natureza do pecado que está sendo expiado. Entretanto, a maioria das famílias de Trokosi não consegue pagar o preço requisitado para terem suas filhas de volta. Eles também temem a frustração dos

deuses. Se um sacerdote morre a mulher se torna propriedade de seu sucessor. Mas se a garota morre sem que sua família a tenha resgatado estes devem repô-la com uma nova virgem. O ciclo pode continuar por gerações.

Escravas Trokosi vivem em condições sub-humanas: freqüentemente são estupradas e violentadas, recebendo somente trapos para vestir e são forçadas a mendigar comida, não recebem educação ou cuidados médicos e trabalham por longas horas nos campos do sacerdote. Elas normalmente sofrem por problemas de saúde. As crianças nascidas destas escravas também devem tornar-se escravas dos sacerdotes. Aquelas que resistem apanham até que se submetam.2

Através dos esforços de uma agência privada sem fins lucrativos chamada Iternational Needs Ghana muitos santuários têm parado com a prática do Trokosi e 2.900 mu-lheres foram libertas e reabilitadas. A Sociedade Anti-escravagista também tem tido êxito em adquirir a liberdade de mais de 500 meninas escravas. Em 1998 Gana aprovou uma lei banindo esta prática. No entanto, vários milhares de meninas continuam na escravidão. É difícil fazer valer a lei, pois algumas pessoas dizem que isso é parte de sua cultura.

Notas:

1. A maioria da informação nesta sessão pode ser encontrada em {http://anti-slaverysociety.addr.com/slaverysasia.htm}. Leitores podem se interessar especialmente por ‘Child Hierodulic Servitude in India and Nepal’ e ‘Traditional Slavery in West Africa’.
2. Nirit Bem-Ari, Africa Recovery, Afrol News, ‘Liberating GhanaianGils from “Trokosi”’, Janeiro 2003.

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Tráfico:

O tráfico ilegal de seres humanos é um dos negócios que mais cressem hoje e um dos mais lucrativos, bem como o assunto principal em direitos humanos no século vinte e um. O número de vítimas fica entre 700.000 a 4 milhões por ano. As estatísticas policiais indicam que menos de 0.5% destes são homens. A maioria das mulheres é importada ou exportada para trabalhos forçados ou de exploração sexual; muitas são vendidas por pais de baixa renda. Outras são iludidas com a ida para outros países com falsas promessas de trabalhos legais. Chegando lá seus passaportes são confiscados e elas se tornam escravas virtuais. Todas as nações do mundo estão envolvidas.

Uma 'Convenção contra todas as formas de discriminação contra mulheres' – normalmente descrita como lei de direitos internacionais para mulheres – foi adotada em 1979 pela Assembléia Geral das Nações Unidas. Tráfico de mulheres foi definido como incluindo: escravidão sexual (tanto geral quanto por exércitos) enganar mulheres migrantes e casamentos falsos ou comprados.

A Convenção propôs que países deveriam tomar todas as medidas apropriadas, incluindo elaboração de leis, para diminuir todas as formas de tráfico de mulheres e a exploração através da prostituição. Os que assinaram a convenção totalizaram 174 países (90% dos membros das Nações Unidas).1 Todas as nações que ratificaram esta declaração fizeram-se legalmente comprometidas a cumpri-la. Abaixo está o relatório do progresso de alguns países.

ÁSIA

Tailândia: A Coalisão Contra o Tráfico de Mulheres estima que 1 milhão de mulheres de várias nacionalidades tenha sido traficada para dentro da Tailândia.2 Entre 1990 e 1998 oitenta mil mulheres e crianças foram levadas para dentro do país para prostituição. Os números mais altos são de Burma (10.000 por ano), seguido por China (5.000 por ano) e Laos.3 Outras 10.000 por ano vêm da antiga União Soviética. Três mil mulheres e crianças da Tailândia são enviadas anualmente à Camboja para prostituição e à China para trabalhos domésticos.4
Pelo menos 50.000 meninas e mulheres de Burma estão trabalhando na Tailândia como prostitutas. A Tailândia não assinou a Convenção.

China: Acredita-se que mais de 250.000 mulheres e crianças te-nham sido

vítimas de tráfico somente dentro da China. A China assinou a Convenção em 1980.5

Arábia Saudita: Em 1998 um avião cheio de meninas indianas, muitas delas com cicatrizes ou mutiladas, foram devolvidas da Arábia Saudita para a Índia. Aparentemente os pais das meninas as haviam vendido durante uma peregrinação a Meca e lá elas foram forçadas à prostituição.6

Emirados Árabes Unidos: 19.000 crianças paquistanesas têm sido traficadas para os Emirados Árabes Unidos.

Aproximadamente 500.000 mulheres são anualmente traficadas para o leste europeu.

EUROPA

Bulgária: Acredita-se que aproximadamente 10.000 mu-lheres búlgaras têm sido vítimas de operações de tráfico internacional. 7

Itália: Estatísticas oficias da Itália revelam que há aproximadamente 900 crianças na prostituição dentro da Itália que vieram por tráfico da Albânia. Um total de mais de 800 meninas albanesas são enviadas para o comércio sexual da Itália, mais de 30% delas estão abaixo dos dezoito anos de idade.8
Em Milão mulheres raptadas da antiga União Soviética foram leiloadas em lotes e vendidas a um preço médio de 1.000 dólares. Tráfico de mulheres e meninas para prostituição na Itália é um problema que tem crescido. As mulheres e meninas são normalmente da Albânia, Nigéria, países da antiga União Soviética e do leste europeu. 9

Grécia: está sendo cada vez mais usada tanto como um destino quanto um país de trânsito para o tráfico, tendo entre 16.000 a 20.000 mulheres no país ao longo do ano. Um observador acadêmico estimou que aproximadamente 40.000 mulheres, a maioria com idade entre doze e vinte e cinco anos, são traficadas para a Grécia a cada ano para prostituição. Setenta e cinco por cento não sabem porque estão sendo levadas para a Grécia.10

Alemanha: é o maior destino e país de trânsito para o tráfico de mulheres com uma estimativa que chega perto do número de 20.000 por ano. Neste montante há aproximadamente 15.000 mulheres russas e do leste europeu que são

colocadas para trabalharem como prostitutas.11
Crianças de rua na Romênia (a qual acabou de assinar a Convenção em 2003) têm sido cada vez mais traficadas debaixo de falsas promessas e sido forçadas a se prostituírem em Berlim e Hamburgo, na Alemanha e em Amsterdã.

Grã Bretanha: Um relatório promovido pelo governo estima que anualmente haja 1.500 mulheres e meninas que são traficadas para o país com propósito de exploração sexual, vindas do leste europeu, Bálcãs, América do Sul, Nigéria, Tailândia e Vietnã. 12

ÁFRICA

África do Sul: É o ponto principal de transição entre o mundo desenvolvido, Europa, Estados Unidos e Canadá. O tráfico de mulheres e crianças para a prostituição forçada agora se tornou a terceira maior fonte de lucros para o crime organizado, depois das drogas e das armas.13
Pelo menos 1.000 vítimas moçambicanas são recrutadas, transportadas e exploradas a cada ano na África do Sul.

AMÉRICA DO SUL

Brasil: A maioria das mulheres e meninas brasileiras que são exportadas para propósitos sexuais vai para a Europa, Japão, Israel e Estados Unidos.

Colômbia: A Interpol estima que 35.000 mulheres sejam traficadas para fora da Colômbia a cada ano, dando um lucro aproximado de 500 milhões de dólares.

México: está listado pelas Nações Unidas como o centro número um de suprimento de crianças para a América do Norte. A maioria é enviada para organizações internacionais de pedofilia. Grande parte das crianças com mais de doze anos termina na prostituição. 14

AMÉRICA DO NORTE E CENTRAL

Canadá: A cada semana o Canadá recebe aproximadamente 12 meninas entre dezesseis e treze anos de idade vindas da Ásia, além de mulheres que chegam com visto de turista. Posteriormente elas são vendidas para donos de bordéis em Markham, Scarborough, Toronto e Los Angeles, e forçadas a pagarem uma dívida de 40.000 dólares. Máfias chinesas e vietnamitas estão ampliando suas

negociações com bordéis em Toronto (Canadá), traficando mulheres do sudoeste asiático.

A República Dominicana: ocupa o quarto lugar no tráfico de pessoas do mundo. Cerca de 400 grupos de contrabando estão em atividade e já enviaram aproximadamente 50.000 mulheres para fora do país para o mercado sexual. Garotas são normalmente ludibriadas e se casam sob falsas promessas sendo posteriormente vendidas para a prostituição por seus "maridos".

Haiti: A UNICEF relatou uma estimativa de que exista mais de 4.000 crianças sendo traficadas a partir do Haiti a cada ano, exploradas por adultos que as forçam a trabalhar e entregar seus pagamentos.

EUA: Há uma estimativa de que 50.000 mulheres e crianças são anualmente traficadas para os Estados Unidos. Elas são usadas principalmente na indústria do sexo, embora também trabalhem em serviços de acompanhamento em hotéis, vendendo bugigangas nos metrôs e ônibus, trabalhando em condições miseráveis e mendigando. A média de idade é de vinte anos.15
Mulheres chinesas têm sido vendidas para os Estados Unidos para bordéis em Nova Iorque e Carolina do Norte e forçadas a trabalharem para pagar uma dívida de 40.000 dólares. Algumas destas mulheres trazidas para os Estados Unidos são obrigadas a pagar sua dívida com a passagem tendo que fazer sexo com até 500 homens.16
Os Estados Unidos é o principal país de destino para jovens crianças seqüestradas e traficadas para adoção por casais sem filhos que não querem esperar por uma criança através de uma agência e um processo legítimo de adoção. O principal país que fornece as crianças é o México. Crianças mexicanas com menos de doze anos de idade são seqüestradas e traficadas para os Estados Unidos para a prática de prostituição infantil.17

'Mas este é um povo saqueado e roubado; foi apanhado em cavernas e escondido em prisões. Tornou-se presa, sem ninguém para resgatá-lo; tornou-se despojo, sem que ninguém o reclamasse'. – Is 42:22

Nota:
1. Veja {http://www.un.org/womenwatch/daw/cedaw/}.
2. Ahmad Saufian e Pusat Kajian Perlindungan Anak, 'Child Labour in Jermals', Child Workers in Asia, Vol. 15, No 2, 1999.
3. ILO-IPEC, 'Combating Trafficking in Children for Labor Exploitation in the Mekong Sub-region', Outubro de 1998.

4. Boletim ECPAT, ‘Report Cites Burma’s Child Rights Abuses’, Vol 4, No 1, 1996-97
5. UNICEF, ‘Children on the Edge’, citando, ‘Every Last Child: Fulfilling the Rights of Women and Children in East Asia and the Pacific’, (UNICEF: East Asia and pacific, 2000).
6. ‘A Human Rights Report on Trafficking of Persons, Especially Women and Children’, The Protection Project, Março 2002.
7. Departamento de Estado dos EUA, ‘Country Reports on Human Rights Practices, 1999’, 25 de Fevereiro de 2000.
8. CATW Fact Book, citando G. J. Koja, ‘8000 Albanian Girls Work as Prostitutes in Italy’, HURINNet, 25 de Julho de 1998.
9. Departamento de Estado dos EUA, ‘Country Reports on Human ights Practices, 1999’.
10. Departamento de Estado dos EUA, ‘Countriy Reports on Human Rights Practices, 2001’, Março 2002.
11. Gillian Caldwell et al., ‘Crime and Servitude’, Global Survival Network, 1997
12. Departamento de Estado dos EUA, ‘Trafficking in Persons Report’, 12 de Julho de 2001.
13. Zurayah Abass, Diretor do ‘Molo Songololo’ (um grupo de defesa infantil), BBC News Report, Novembro 2000.
14. CATW Fact Book, citando Allan Hall, The Scotsman, 25 de Agosto de 1998.
15. ILO, Relatório do Diretor Geral, ‘Stopping Forced Laour’, Global Report under the Follow-up to the ILO Declaration on Fundamental Principles and Rights at Work, International Labour Conference, 89th Session, 2001, Geneva.
16. CATW Fact Book, citando Brad Knickerbocker, ‘Prostituion’s Pernicious Reach Grows in the US’, Christian Science Monitor, 23 de Outubro de 1996, citanto Avita Ramdas of Global Fund for Women.
17. Relatório do Serviço de Pesquisa Congregacional 98-649 C, Maio 2000.

ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS:

Viúvas:

Quando uma mulher fica viúva ela se torna membro de um dos maiores e mais marginalizados grupos de pessoas do mundo. Muitas vezes estas pessoas traumatizadas também são vitimizadas.

Em alguns países mais de 50% de todas as mulheres adultas são viúvas. Os números são ainda maiores em regiões de conflitos ou em lugares que recebem uma grande população de refugiados.1

África: Milhões de viúvas no Subsaara africano são roubadas, agredidas, estupradas e expulsas de suas casas – normalmente por seus próprios parentes – porque as mulheres são consideradas indignas de receberem direitos iguais de propriedade. Tratamentos fora da lei são até mais comuns quando um marido morre de Aids.2

Zimbábue: Mais de 34% das viúvas relatam terem sido acusadas de causar a

morte de seus maridos. Tais mulheres, bem como seus filhos, normalmente são expulsas de suas casas e deserdadas. Viúvas representam o grupo mais pobre e estigmatizado do país.

Zâmbia: Como na maioria dos outros lugares viúvas sofrem discriminação e injustiça e normalmente são proibidas de receberem herança. Alguns atos durante o luto são exigidos, tais como:
Serem obrigadas a rastejar ao redor da casa onde está sendo feito o funeral ou enterro do marido que partiu.
Esbofeteá-las e fazê-las passar fome.
Serem proibidas de tomarem banho ou trocarem de roupa por dias, semanas ou meses.
Serem mantidas debaixo de um cobertor até que seja feito o enterro.
Receberem insultos e gritos de obscenidades.
Serem acusadas de assassinarem seus maridos e ledas a julgamento.
Serem despidas pela metade
Destituídas de parte ou toda sua propriedade.
Serem purificadas sexualmente (ver abaixo), por exemplo, ao insistir que façam sexo com seu sogro.
Ser-lhes negada a custódia dos filhos, até mesmo pequenos bebês.
Serem forçadas a viverem com seus parentes por parte do marido.
Ser-lhes negada a liberdade de saírem por meses e até mesmo anos, uma prisão domiciliar virtual.3

Em algumas partes da África as viúvas são forçadas a passarem por rituais sexuais com a finalidade de manterem suas propriedades. ‘Herdar a esposa’ é uma prática que dá direito a um parente do marido falecido a assumir a viúva como sua esposa, normalmente em uma família polígama. ‘Rituais de purificação’ normalmente envolve ter sexo com marginalizados sociais, com um bêbado da vila, que é pago pela família do marido falecido. Acreditam que isso purifica a mulher daquele marido em relação aos maus espíritos. Esta prática não é apenas humilhante e degradante, mas também perigosa, normalmente fazendo com que a Aids se espalhe. As mulheres que relutam são normalmente agredidas, estupradas ou excluídas.4 Pelo fato de haver centenas de milhares destes ‘purificadores’ que atuam na África e obviamente estarem espalhando doenças, algumas vilas pararam com tal prática.

ÁSIA

Nepal: A forma mais severa de abuso de viúvas é rotulá-las de bokshi ou bruxas, e responsabilizá-las pela morte de seus maridos. Tais mulheres podem ser apedrejadas ou espancadas até a morte. Outras viúvas – especialmente nas partes não urbanas do Nepal – são normalmente tratadas como marginais e são fisicamente abusadas pelas autoridades em suas comunidades. Em algumas áreas as viúvas são forçadas a raparem suas cabeças e vestirem roupas brancas. Na maioria dos lugares elas são restringidas a co-merem comida vegetariana com temperos limitados, etc. Viúvas têm de cozinhar para si mesmas e não podem comer nada tocado por outros.5

Sri Lanka: Anos de guerras internas neste país deixou milhares de mulheres viúvas. Esposas de homens que morreram nas forças armadas somente podem receber benefícios se não casarem novamente. Viúvas também temem que, caso voltem a casar, os filhos do primeiro casamento serão maltratados. Mas mulheres sem maridos dentro desta cultura são consideradas anormais e tornam-se vulneráveis a explorações sexuais e econômicas.

Índia: Viúvas queimadas a tradição hindu do sati ou suttee – viúvas que se lançam ou que são empurradas nas fogueiras funerárias de seus maridos – foi proibida em 1829 após a morte cruel de milhares de mulheres. Entretanto, a prática continuou por muitos anos e ainda ocorre algumas vezes. Em agosto de 2002 uma multidão de 5000 pessoas se reuniu para assistir uma viúva ser queimada até a morte no estado e Madhya Pradesh. Quando os policiais chegaram no local eles tentaram puxá-la para fora do fogo, mas os membros da vila começaram a apedrejá-los, forçando-os a recuarem. As pessoas da vila disseram estar orgulhosas do acontecimento e acreditavam que o sacrifício iria ajudar a encerrar uma longa seca.6
Após a banição legal do suttee, viúvas em vários lugares eram submetidas a cerimônias que as degradavam formalmente. Suas cabeças eram raspadas e elas eram proibidas de usarem adornos pessoais. 7 Até hoje estima-se que exista 40 milhões de viúvas na Índia – tanto hindus como muçulmanas – as quais são acusadas, envergonhadas e roubadas de suas propriedades. Muitas deixam suas casas para escaparem de parentes abusivos. Em comunidades tribais, viúvas podem ser acusadas de serem bruxas e são assassinadas. As mulheres hindus que voltam a casar não são bem-vistas, quanto mais alta a casta ou posição social, maiores são as restrições. Em algumas castas, casamentos por levirato são comuns e a viúva é tomada por um dos irmãos. A filha da viúva provavelmente enfrentará um futuro ainda mais difícil. Sem ninguém para providenciar o dowry elas acabam se casando com qualquer pessoa que as queiram, normalmente um

homem mais velho.
Em 2001, depois do grande Festival Hindu Kumbh Mela que atraiu milhões de adoradores de toda a Índia, famílias deixaram pra trás 10.000 viúvas idosas e outros parentes não desejados. Estas pobres mulheres sobreviviam da melhor maneira que podiam dia após dia, esperando que alguém voltasse para buscá-las.8

ÁSIA CENTRAL

Afeganistão: Kabul tem sido chamada de capital das viúvas do mundo. Entre 30.000 e 50.000 mulheres lutam só nesta cidade para alimentar e proteger seus filhos, centenas de milhares de mulheres se encontram na mesma situação ao redor do mundo. A maioria recebeu pouco estudo.

Iraque: 60% da população do país é formada por mulheres e a maioria das 300.000 ficou viúva por causa da guerra. Vários milhares aceitaram 'casamentos temporários' para que pudessem sobreviver, embora junto com isso venha uma grande vergonha e estigma associados (veja Estatísticas Demográficas: Esposas em risco).

'A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades' – Tiago 1:27

Notas:
1. Veja {http:www.oneworld.org/empoweringwidows}.
2. 'Human Rights Watch' documentou a violação do direto à propriedade das mulheres como este em um relatório em 2003 chamado 'Double Standards: Women's Property Rights Violation in Kenya'.
3. Veja {http://www.oneworld.org/empoweringwidows/10countries/zâmbia.thml}.
4. Veja {http://www.oneworld.org/empoweringwidows/10countries/zâmbia.thml}.
5. Haram, Neelofar, 'Muslim Widows, a Case Study in Delhi', Março 2002.
6. 'Nation Shocked Over Widow Burning', The Age, 9 de Agosto de 2002.
7. J. C. Oman, The Brahmans, Theists, and Muslims of India (Delhi, 1973), p.192.
8 . New Indian Express, 30 Janeiro de 2001.

Provérbios

‘Ditos populares e orações fazem parte da formação de nossas culturas. Embora alguns provérbios abaixo não estejam mais em uso eles ainda refletem atitudes profundamente enraizadas em relação às mulheres.

‘Um homem ama primeiro seu filho, depois seu camelo e depois sua esposa’.

‘O paraíso de uma mulher encontra-se debaixo dos pés de seu esposo’. Provérbios Árabes

‘Os homens são superiores às mulheres devido às qualidades com as quais Deus os dotou, colocando estes acima delas, e devido aos gastos que estes fazem para que elas subsistam’. Corão, 4:34

‘Se uma esposa morre, é como um golpe no tornozelo. Se um marido morre, é como um golpe na cabeça’. Provérbio Punjabi

‘Que o nascimento de uma menina seja concedido a outro; aqui, que seja concebido um filho’. Antigo Atharva Veda da Índia

Senhor, te agradeço por não ter nascido mulher’. Parte da oração matinal dos judeus Ortodoxos

‘Quando um asno subir uma escada, poderemos encontrar sabedoria em uma mulher’.

‘Uma mulher, um cachorro e uma nogueira, quanto mais você bate neles, melhor eles ficam’. Provérbios Yoruba (Nigéria)

‘Uma mulher e um homem inválido, ambos são a mesma coisa’. Provérbio Kikuyu (Quênia)

‘Nasceu mulher porque cometeu mil pecados na vida anterior’. Ditado budista

‘Mulheres são humanas, mas menores do que os homens’.

‘É a lei da natureza que a mulher não tenha permissão de possuir nenhuma

vontade própria’. Confúcio, China